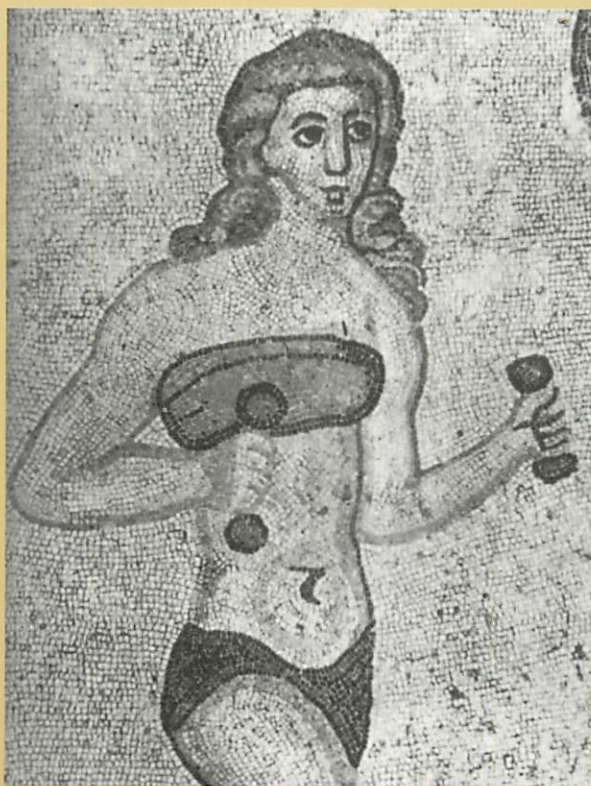


JUVENAL

O SATÍRICO INDIGNADO



Mônica Costa Vitorino

JUVENAL
O SATÍRICO INDIGNADO

Mônica Costa Vitorino

JUVENAL
O SATÍRICO INDIGNADO

Belo Horizonte
Faculdade de Letras/UFMG
2003

Copyright © 2003 by Mônica Costa Vitorino

Capa, Projeto Gráfico e
Editoração Eletrônica:
Marco Antônio & Alda Durães

Ilustração da capa:

Detalhe do mosaico "Quarto das dez moças", Vila Imperial de Piazza Armerina, na Sicília (século III d.C.). In: WHEELER, M. *Arte e architettura romana*. Trad. Alessandro Giorgetta, Milano: Rusconi, 1990. p. 137.

Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias da Faculdade de Letras

V845

Vitorino, Mônica

Juvenal : o satírico indignado / Mônica Costa Vitorino. – Belo Horizonte : Faculdade de Letras/UFMG, 2003.

128 p.

ISBN: 85.87470-49-3

1. Juvenal. 2. Sátira latina. I. Título

CDD: 877.7

Faculdade de Letras da UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 – Campus Pampulha
31270-901 – Belo Horizonte – MG
Tel/Fax: 3499-5120
<http://www.lettras.ufmg.br>

*Iulio, aeternum sine quo non,
Bruno et Antoniae
tribus deliciis ac amoribus meis.*

Sumário

Apresentação 9

Capítulo I

Elementos de cronologia 11

A vida de Juvenal 12

Dados autobiográficos 12

Dados da tradição biográfica 15

Referências em documentos 19

Referências em outros autores 20

A crítica moderna e os dados sobre a vida de Juvenal 23

A hipótese de Coffey 24

A hipótese de Highet 26

A hipótese de Syme 27

Cronologia literária 29

Capítulo II

A sátira no quadro da literatura latina 33

Considerações sobre o significado da palavra «sátira» 33

A sátira como gênero literário: características principais 36

A sátira como gênero literário exclusivamente latino 41

Capítulo III

Juvenal e a sátira 45

Razões da escolha do gênero literário 45

Justificativas e intenções do autor 48

Capítulo IV

As sátiras 65

Principais temas da sátira de Juvenal 65

A polêmica sobre a diferença de tons nas *satirae* 98

Capítulo V

A repercussão da obra de Juvenal através dos tempos 105

Bibliografia 109

Apresentação

Para o leitor contemporâneo a obra de Juvenal apresenta características de grande atualidade. Os seus personagens, mesmo pertencendo a tempos muito antigos, parecem familiares, assemelham-se a tipos da crônica hodierna, podem ser reconhecidos em pessoas reais. Do mesmo modo, muitas das situações descritas, bem como as reações dos personagens e os seus sentimentos, abstraídas do contexto histórico ao qual pertencem, poderiam ser encontradas ainda hoje, ou em qualquer outro período da história. Uma tal constatação pode explicar, ao menos em parte, a repercussão desse autor ao longo dos tempos, um dos pontos que serão focalizados no presente trabalho.

A literatura contemporânea não se baseia mais em modelos a serem imitados e por essa razão não se pode falar em uma influência direta de Juvenal nos nossos dias. Porém, o autor vem sendo redescoberto por estudiosos contemporâneos, principalmente por aqueles que se ocupam de um específico setor da história, aquele denominado «história da vida cotidiana».

Este estudo pretende apontar as questões relacionadas à vida e obra do autor, mas não como uma simples apresentação biográfica e bibliográfica. Procura-se antes de tudo analisar a problemática da biografia do poeta e as suas relações com a tradição do gênero literário por ele escolhido. Por ser motivo de grandes polêmicas, as quais oferecem resultados decepcionantes, a discussão biográfica propriamente dita foi deliberadamente evitada, mas não podendo me eximir de referi-la, preferi apresentá-la em um quadro genérico que mostra o atual *status quaestionis*.

Julgou-se profícuo, para o desenvolvimento do trabalho, abordar algumas questões sobre a sátira relacionadas à sua definição como gênero literário, ponto de partida para estabelecer a natureza da filiação poética de Juvenal, a sua concepção desse gênero literário e as suas relações com a tradição precedente. São discutidos também os principais problemas geradores de controvérsias entre os estudiosos do autor: a coerência do seu programa poético, o significado da *indignatio* juvenaliana, a diferença de estilo no conjunto da obra, o caráter retórico-declamatório das suas sátiras.

O trabalho apresenta a análise do conteúdo de cada sátira, de modo a tornar possível uma visão panorâmica dos vários temas retratados pelo autor. Através de versos em latim acompanhados de tradução portuguesa o leitor poderá usufruir um pouco da obra e verificar a evidente maestria do poeta.

Capítulo I

Elementos de cronologia

As informações biográficas sobre os autores, especialmente no caso de escritores antigos, certamente podem contribuir à compreensão das suas obras, porém, caso existam, devem ser analisadas com extrema cautela, ao menos por dois motivos: em primeiro lugar, porque nem sempre constituem testemunhos autênticos, mas sobretudo simples hipóteses, baseadas em indícios pouco consistentes e argumentos raramente incontroversos, geralmente formulados por estudiosos, sejam antigos, sejam modernos, que muitas vezes de mínimos acenos conseguem de algum modo desenvolver teorias que, por mais coerentes e confiáveis que possam parecer, estarão sempre confinadas ao âmbito da simples conjectura, jamais dotadas de plena e segura confiabilidade; em segundo lugar porque essas informações biográficas sobre os autores antigos, caso não sejam usadas com a devida prudência, além de preconceitos contra o autor às quais se referem, podem motivar uma errônea ou reduzida interpretação da sua obra. Portanto será com base nessa convicção inicial que serão discutidas e avaliadas as várias referências biográficas a respeito de Juvenal, encontradas nas várias fontes documentais, e será feita a exposição crítica do conteúdo das várias hipóteses formuladas pelos estudiosos sobre a figura do grande poeta satírico latino e sobre a própria natureza da sua poesia.

1. A vida de Juvenal

As informações biográficas a respeito dos escritores antigos derivam geralmente de uma ou mais das seguintes fontes: daquilo que os autores dizem de si mesmos nos seus escritos, da tradição biográfica de cada um, das notícias reportadas em outros documentos, como as inscrições epigráficas, e dos referimentos encontrados em outros autores.

Convém dizer já de início que entre as biografias dos grandes escritores da literatura latina cuja vida permanece bastante obscura, a de Juvenal constitui, para a filologia moderna, um dos temas de estudo que apresenta maior dificuldade¹.

1.1. Dados autobiográficos

Juvenal fala pouquíssimo sobre si mesmo, sobre a sua origem, sobre suas atividades e sobre a sua vida. As suas sátiras, contrariando uma consolidada tradição satírica que havia dado um espaço amplo aos elementos autobiográficos, não fornecem nada além de poucas notícias. O autor, ao contrário de Lucílio e Horácio², evitou escrupulosamente falar de si e exatamente por isso muitos indícios que à primeira vista pareceriam constituir referências pessoais, em um segundo

¹ Sobre os dados biográficos de Juvenal, cf.: BARELLI, E. *Giovenale, Satire...*, p. 14-22; COFFEY, M. *Roman Satire...*, p. 119-123; COURTNEY, E. *A Commentary...*, p. 2-11; DE LABRIOLLE, P. VILLENEUVE, F. *Juvénal, Satires...*, p. v-xx; FERGUSON, J. *Juvenal. The Satires...*, p. xv-xix; GÉRARD, J. *Juvénal et la réalité contemporaine...*, p. 5-13; HIGHET, G. *Juvenal, the Satirist...*, p. 4-41; IDEM, *The Life of Juvenal...*, p. 480-506; KENNEY, E. J.; CLAUSEN, W.V. *The Cambridge History of Classical Literature II ...*, p. 603-604; KNOCHE, U. *La satira romana...*, p. 171-175; MERCHANT, F. I. *The Parentage of Juvenal...*, p. 51-62; SEGURA RAMOS, B. *Juvenal. Sátiras...*, p. ix-xvi; SYME, R. *The "Patria" of Juvenal...*, p. 1-15.

² A teoria da *persona satirica*, ressuscitada por Anderson, gerou a necessidade de uma releitura e de uma nova interpretação dos dados considerados, em um primeiro momento, indiscutivelmente autobiográficos na obra de Lucílio e de Horácio. Muitos estudiosos atualmente tendem a redimensionar a importância daqueles aspectos que mesmo sendo relevantes são secundários na produção literária dos autores, cf. ANDERSON, W. S. *Essays on Roman Satire...*, p. 3-10.

momento, em uma análise mais atenta, revelam-se fictícios ou pelo menos bastante discutíveis.

No caso de Juvenal, têm sido considerados dados autobiográficos, em primeiro lugar, todas as referências feitas pelo poeta em primeira pessoa no interior da sua obra³. Assim, considera-se a localidade de Aquino, no Lácio meridional, o local de seu nascimento, baseando-se na locução *tuo Aquino* dirigida ao poeta por Umbrício, personagem da terceira sátira, além da menção a duas divindades veneradas naquela cidade: Ceres e Diana.

*...et quotiens te
Roma tuo refici properantem reddet Aquino,
me quoque ad Heluinam Cererem uestramque Dianam
conuerte a Cumis* (III, 318-321).

“... e todas as vezes que Roma te restituir a Aquino, tu que para lá corres para te refazeres, chama-me também de Cumas, para tua Ceres e tua Diana”.

A partir da citação de um cônsul feita por Juvenal na sátira XIII, seria possível deduzir hipoteticamente o ano do seu nascimento:

*stupet haec qui iam post terga reliquit
sexaginta annos Fonteio consule natus* (XIII, 16-17);

“essas coisas surpreendem aquele que, nascido no consulado de Fonteio, já deixou para trás sessenta anos”.

Já que o consulado de Fonteio Capito ocorreu no ano de 67 d.C., este seria provavelmente o ano de nascimento de Juvenal.

Além disso, o poeta menciona por quatro vezes a Britânia:

*...arma quidem ultra
litora Iuuernae promouimus et modo captas
Orcadas ac minima contentos nocte Britannos* (II, 159-161);

³ Somente na primeira sátira, por exemplo, podem ser elencados diversos desses elementos; cf. os versos 1, 3, 7, 15, 21, 25, 45, 51, 52, 153 e 170, onde Juvenal utiliza os pronomes *ego* e *mibi* e os verbos na primeira pessoa.

“levamos sem dúvida armas além das praias da Irlanda, das Órcades recentemente conquistadas e da Britânia que tem de se contentar com sua brevíssima noite”.

*regem aliquem capies, aut de temone Britanno
excidet Aruiragus...* (IV, 126-127);

“capturarás qualquer rei, ou do seu carro britânico cairá Arvirago”.

dirue Maurorum attegias, castella Brigantum (XIV, 196);

“destrua as cabanas dos mouros, os castelos dos brigantes”.

*Gallia causidicos docuit facunda Britannos,
de conducendo loquitur iam rhetore Thyle* (XV, 111-112);

“a eloqüente Gália instruiu advogados britânicos e em Tile fala-se sobre a necessidade de se pagar um mestre de retórica”.

É possível observar todavia que nenhuma destas quatro referências, que se encontram em contextos bastante diferentes, pode constituir de algum modo uma indicação segura da presença de Juvenal na Britânia. De maneira análoga, na sátira XV, depois da descrição de uma luta entre duas tribos, o autor afirma conhecer pessoalmente o Egito:

*...horrida sane
Aegyptos, sed luxuria, quantum ipse notavi,
barbara famoso non cedit turba Canopo* (XV, 44-46).

...“sem dúvida o Egito é primitivo, mas na luxúria, como eu mesmo notei, a bárbara multidão não cede à famosa Canopo”.

Não se encontra porém nenhuma indicação clara da época ou da razão dessa viagem ao Egito e, mesmo que o autor tenha designado o incidente narrado no passo com uma data precisa, *nuper consule Iunco* (XV, 27)⁴, o dado por si não é suficiente para comprovar que Juvenal estivesse no Egito naquele tempo.

⁴ Sabe-se que um certo L. Emílio Junco foi *consul suffectus* juntamente com Sexto Júlio Severo no ano 127 d.C.

1.2. Dados da tradição biográfica

Muitos dos manuscritos que contêm a obra de Juvenal apresentam também breves biografias ou notas biográficas, em forma esquemática, redigidas por escoliastas de época tardo-imperial ou da idade média. Tais textos entretanto não são dignos de muita credibilidade, já que os escoliastas, com toda probabilidade, limitaram-se a retirar das próprias sátiras que transcreviam conjecturas sobre a vida do autor, freqüentemente cheias de dados divergentes ou historicamente insustentáveis⁵.

Segundo E. Courtney⁶, a única biografia que resulta, à primeira vista, merecedora de algum crédito e que, por outro lado, parece colocar-se à base da tradição da qual todas as outras tiveram origem, seria a anônima publicada por Wessner e Clausen⁷:

*D. Iunius Iuuenalis, libertini locupletis incertum est filius an
alumnus, ad mediam fere aetatem declamauit animi magis causa
quam quod se scholae aut foro praepararet. deinde paucorum
uersuum satura non absurde composita in Paridem pantomimum
poetamque eius semenstribus militioliis tumentem genus scripturae
industriose excoluit; et tamen diu ne modico quidem auditorio
quicquam committere ausus est. mox magna frequentia tantoque
successu bis ac ter auditus est, ut ea quoque quae prima fecerat
inferciret nouis scriptis (vii. 90-92):*

*quod non dant proceres, dabit histrio. tu Camerinos
et Bareas, tu nobilium magna atria curas?
praefectos Pelopea facit, Philomela tribunos.*

*erat tum in deliciis aulae histrio multique fautorum eius cottidie
prouehabantur. uenit ergo Iuuenalis in suspicionem, quasi tempora
figurate notasset, ac statim per honorem militiae quamquam
octogenarius urbe summotus est missusque ad praefecturam cohortis
in extremam partem Aegypti tendentis. id supplicii genus placuit, ut*

⁵ Cf. DE LABRIOLLE, P.; VILLENEUVE, F. *Juvenal, Satires...*, p. v-vi, e HIGHET, G. *Juvenal the Satirist...*, p. 22.

⁶ Cf. COURTNEY, E. *A Commentary...*, p. 6.

⁷ Cf. WESSNER, P. *Scholia in Iuuenalem uetustiora*, Leipzig, 1931, p. 1; CLAUSEN, W. V. A. *Persi Flacii et D. Iunii Iuuenalis satura...*, p. 179.

*leui atque ioculari delicto par esset. uerum intra breuissimum tempus angore et taedio perit*⁸.

“D. Júnio Juvenal, é incerto se filho legítimo ou adotivo de um rico libertado, declamou até quase a meia-idade, mais por paixão do que para preparar-se para a escola ou para o fórum. Depois de ter escrito de modo apropriado uma sátira de poucos versos contra Páris, pantomimo e poeta, presunçoso pelos seus ínfimos encargos militares semestrais, cultivou com dedicação esse tipo de composição; e todavia, por longo tempo, não ousou apresentar nada, nem mesmo a um pequeno público. Pouco tempo depois foi ouvido duas ou três vezes por um grande número de pessoas e com tão grande sucesso que inseriu em obras novas escritos que tinha feito anteriormente (VII, 90-92):

aquilo que não dão os poderosos, um histrião dará. Tu te dedicas aos Camerinos, Báreas e aos grandes átrios dos nobres? Pelopea faz preferidos, Filomela tribunos.

Naquele tempo um histrião usufruía dos favores do Palácio e muitos dos seus protegidos eram diariamente promovidos. Suspeitou-se então que Juvenal tivesse criticado alegoricamente o seu tempo e, apesar de ter oitenta anos, foi imediatamente afastado da cidade para um encargo militar e enviado a uma prefeitura de uma legião acampada na extrema parte do Egito. Desejou-se esse tipo de castigo para que fosse justo ao delito jocoso e de pouca importância. Mas, na verdade, depois de um breve período, morreu de angústia e de tédio”.

A afirmação que Juvenal teria declamado -até a meia idade- deve ter sido retirada da combinação dos versos 15-17 e 25 da sátira I, onde o autor primeiro faz alusão aos seus tempos de estudante na escola de gramática e retórica e, em seguida, retrata a si mesmo já não mais como um jovem:

*et nos ergo manum ferulae subduximus, et nos
consilium dedimus Sullae, priuatus ut altum
dormiret...* (I, 15-17);

⁸ Cf. CLAUSEN, W. V. A. *Persii Flacii et D. Iunii Iuuenalis saturae...*, p. 179.

“e eu retirei a mão à palmatória e aconselhei Sila a dormir profundamente na vida doméstica”.

quo tondente grauis iuueni mibi barba sonabat (I, 25);

“cujo corte me fazia ressoar a dura barba de homem feito”.

A hipótese da morte do poeta em idade avançada provavelmente teria sido proposta com base nos versos 34-36 da sátira VII e dos versos 201-204 da sátira XI⁹:

*taedia tunc subeunt animos, tunc seque suamque
Terpsichorem odit facunda et nuda senectus* (VII, 34-35);

“o tédio submerge os ânimos, então a eloqüente e nua velhice odeia a si própria e à sua Terpsícore”.

*spectent iuuenes, quos clamor et audax
sponsio, quos cultae decet adsedisse puellae:
nostra bibat uernum contracta cuticula solem
effugiatque togam...* (XI, 201-204);

“assistam aos jogos os jovens aos quais convêm os gritos e as apostas ousadas e assediarem uma bela garota: que a nossa pele enrugada beba o sol primaveril e evite a toga”.

Apesar de tudo, a maior das polêmicas suscitadas por essa biografia é constituída pela referência a um exílio de Juvenal nas partes mais extremas do Egito, pela suspeita de ter satirizado, dissimulando com outros nomes, personagens do seu próprio tempo, como o histrião favorito do imperador, a cuja pessoa seria endereçada a alusão contida nos versos 90-92 da sátira VII:

⁹ O terceiro livro, do qual faz parte a sátira VII, é datado pelos estudiosos entre os anos 117-118, Juvenal portanto poderia ter nessa época, com base nesses elementos, cinquenta anos. Por outro lado, a sátira XI, que integra o quarto livro, não apresenta nenhum elemento interno que permita uma datação.

A datação das sátiras de Juvenal é objeto de inúmeras polêmicas, principalmente no caso das sátiras em questão; portanto, novamente, deve-se relevar a necessidade de extrema prudência na utilização desses dados.

*...tu Camerinos
et Baram, tu nobilium magna atria curas?
praefectos Pelopea facit, Philomela tribunos* (VII, 90-92)¹⁰.

“Tu te dedicas aos Camerinos e Báreas e aos grandes átrios dos nobres? Pelopea faz prefeitos, Filomela tribunos”.

Ecos de uma tal notícia aparentemente podem ser encontrados, no século V, em Sidônio Apolinário, o qual, após haver recordado o exílio de Ovídio, faz menção a um outro poeta que também teria tido uma sorte análoga. Uma vez que Juvenal era um autor familiar a Sidônio, os seus versos costumam ser usados para corroborar as informações contidas na biografia:

“Não aquele que no tempo do segundo César habitou em Tomos por causa de uma eterna imputação; nem aquele que por semelhante desgraça, perante o rumor humilde do povo barulhento, foi exilado pelo irado histrião”¹¹.

No século seguinte, o cronista bizantino João Malalas, em um parágrafo bastante pouco claro sobre Domiciano, afirma que esse imperador teria ordenado o exílio de Juvenal por causa do ataque promovido pelo autor a um bailarino pelo qual Domiciano havia se apaixonado:

“o mesmo imperador Domiciano amava um dançarino, da facção verde de Roma, chamado Páris, e por isso, era duramente ridicularizado, pelo senado e pelo poeta romano Juvenal, como amante do verde. Este imperador exilou o poeta Juvenal na Líbia, em Pentápolis, e enviou o dançarino, ao qual deu muito dinheiro, à grande Antioquia, onde, ali mesmo, mas fora da cidade, passou a residir. O tal dançarino Páris, afastado ali, retirou-se da cidade, construindo uma mansão suburbana e um banho, a qual, com

¹⁰ *Pelopea* e *Philomela* são títulos de pantomimos ou de tragédias. A primeira trata da mãe de Egisto, chamada Pelopea, e a segunda da irmã de Procne, Filomela, seduzida por Teseu e depois transformada em um rouxinol, cf. GRIMAL, P. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*, v. *Pélopia*, p. 354; v. *Philomèle*, p. 368.

¹¹ Sid. Appol. IX, 269-273.

certeza, é até hoje a chamada «Casa Paraíso», e, tendo morrido ali, jaz em um ataúde nos fundos da casa, nos seus jardins¹².

Apesar dos vários elementos fantasiosos e das várias contradições presentes nesses dois passos, eles apresentam em comum o dado do exílio de Juvenal por causa de um protegido do imperador, geralmente identificado como Páris. Convém reafirmar a necessidade de acolher essas indicações e informações, que em muitos provoca um certo ceticismo, com extrema cautela.

1.3. Referências em documentos

Uma inscrição, descoberta no ano de 1772, vista e estudada diretamente pela última vez em 1808 e perdida aproximadamente em 1846, foi utilizada por alguns estudiosos como uma evidência, na tentativa de esclarecer problemas na biografia de Juvenal. T. Mommsen, trabalhando-a através das reproduções remanescentes, reconstituiu-a e publicou-a em 1876, na sua grande coleção de inscrições latinas (CIL X,5382). Mais recentemente, foi ela revista de forma minuciosa por S. Monti¹³:

**CERERI SACRVM
IV]NIVS IVVENALIS
T]RI[B] COH DELMATARVM ...DELMATARVM II
II QVINQ. FLAMEN ou VIR QVINQ. FLAMEN
DIVI VESPASIANI
VOVIT DEDICAVITQVE
SVA PEC.**

¹² Ioh. Malalas, *Chronographia*, 10, 341 (PG 97.400).

¹³ Cf. MONTI, S. *I problemi dell'iscrizione «Giovenaliana» di Aquino...*; Monti (p. 79) observa a extrema pobreza de notícias autobiográficas nas sátiras de Juvenal e a pouca credibilidade daquelas contidas nas suas várias biografias que tornaram e tornarão sempre tentadora a possibilidade de inserir na sua escassíssima biografia os dados prosográficos contidos em uma inscrição existente, no passado, em Roccasecca.

Sobre a análise dessa epígrafe, cf. também: FLORES, È. *Origini e ceto di Giovenale e loro riflessi nella problematica sociale delle satire...*, Appendice I, p. 68-72.

Não se pode considerar a reconstrução dessa epígrafe, baseada em diferentes cópias e transcrições, totalmente segura, sobretudo por causa da leitura controversa da primeira linha, o que faz com que dificilmente possa ser usada como evidência biográfica. Além disso, o prenome de quem dedica o templo não está claro na lápide e a terceira e quarta linhas foram restauradas diversamente pelos dois estudiosos. Monti sugere que, em lugar do *COH. I DELMATARVM*, proposto pelo Mommsen, dever-se-ia ler *CO. II DELMATARVM*. Ambos os historiadores interpretam porém *QVINQ* como «*duoviri quinquennalis*».

Apesar de tudo isso, através da reconstrução da inscrição é possível saber que um certo *Iunius Iuuenalis*, tribuno da primeira ou da segunda legião dos dálmatas¹⁴, duúviro quinquenal¹⁵, flâmine¹⁶ do divino Vespasiano, ofereceu, às suas custas, um templo a Ceres. Com uma certa dose de verossemelhança pode-se supor que o homem que teria dedicado esse templo foi uma personalidade de certo prestígio.

1.4. Referências em outros autores

Marcial é o único autor contemporâneo a Juvenal a mencionar o nome do satírico. Seu testemunho constitui, por isso, uma importante contribuição indireta, nos três epigramas dedicados ao amigo. O primeiro foi escrito para defender Juvenal contra uma pessoa maledicente:

¹⁴ Um *tribunus cohortis* era geralmente originário da ordem senatorial; cfr. CAGNAT, R. v. *Legio* in *DAGR...*, III, p. 1053.

¹⁵ A função de *ensor municipalis* era confiada aos mais altos magistrados da cidade, com o encargo de promover o censo a cada cinco anos em Roma; possuíam o título de *duoviri quinquenales*, que se encontra já em inscrições do tempo da república; cf. HUMBERT, G. v. *Censor municipalis*, em *DAGR...*, I, p. 999-1000.

¹⁶ Os flâmines imperiais não podiam aspirar a grandes funções religiosas; permaneciam em Roma ou nas províncias como magistrados ou funcionários, sendo porém necessária a qualidade de patrício para o exercício de tal encargo; cf. JULLIAN, C. v. *Flamen, Flaminica, Flamonium*, em *DAGR...*, II, p. 1180; o autor acrescenta que a questão do *flamen municipalis* permanece ainda uma das mais inextricáveis que a epigrafia latina pode suscitar.

*Cum Iuvenale meo quae me committere temptas,
quid non audebis, perfida lingua, loqui?
Te fingente nefas Pyladen odisset Orestes,
Thesea Pirithoi destituisset amor,
tu Sículos fratres et maius nomen Atridas
et Ladae poteris dissociare genus.
Hoc tibi pro meritis et talibus inprecor ausis,
ut facias illud quod, puto, lingua, facis*¹⁷.

“Tu, que tentas me envenenar com o meu Juvenal, o que não ousarias, pérfida língua, dizer? Pelas tuas armações, Orestes teria odiado Píladés, o amor de Pirítoo teria faltado a Teseu, tu terias podido separar os irmãos sículos e não só o mais importante nome dos Atridas mas também os descendentes de Leda. Pelos teus serviços e por tais crimes, desejo que faças aquilo que, imagino, ó língua, já fazes”.

Em um outro epigrama, o poeta saúda Juvenal enviando-lhe um presente por ocasião das festas saturnálias:

*De nostro, facunde, tibi, Iuvenalis, agello
Saturnalicias mittimus, ecce, nuces.
Cetera Iasciuis donavit poma puellis
mentula custodis luxuriosa dei*¹⁸.

“Da nossa terrinha, eloqüente Juvenal, te enviamos nozes das Saturnálias. Os outros frutos deu às devassas moças o imenso membro do deus guardião”.

Estes dois epigramas, publicados no ano de 92 d.C., comprovam a existência de uma relação de amizade entre os dois poetas e que ambos residiam, naquela época, em Roma.

Já o terceiro epigrama é endereçado a Juvenal de BÍlbile, sendo datado, aproximadamente, nos anos 101–102:

*Dum tum forsitan inquietus erras
clamosa, Iuvenalis in Subura
aut collem dominae teris Dianae;*

¹⁷ Mart., *Epigr.*, VII, 24.

¹⁸ Mart., *Epigr.*, VII, 91.

*dum per limina te potentiorum
sudatrix toga uentilat uagumque
maior Caelius et minor fatigant*¹⁹;

“Enquanto tu, talvez inquieto, vagas, ó Juvenal, pela barulhenta Suburra, ou percorres a colina soberana de Diana; enquanto, pelas portas dos poderosos, a tua suada toga agita-te e fatigam a tua andança o grande e o pequeno Célio...”

Nesse epigrama, Juvenal aparece como um freqüentador assíduo das regiões mais pobres da cidade, como a Suburra²⁰, gastando grande parte do seu tempo – *sudatrix toga* – às portas dos mais potentes.

Da análise dos epigramas citados seria possível deduzir que Juvenal tenha exercitado a profissão de advogado, uma vez que existiria uma ligação entre o epíteto «*facundus*» (Mart., VII, 91)²¹ e o seu vai-e-vem pelas casas das pessoas que habitavam os bairros dos poderosos (Mart., XII, 18). O epigrama XII, 18 é geralmente apresentado como uma pintura dos problemas cotidianos aos quais estavam sujeitos os clientes. Por essa razão, induziu a uma identificação de Juvenal como um representante dessa classe social²². Marcial não

¹⁹ Mart., *Epigr.*, XII, 18, 1-6.

²⁰ A fama da Suburra como um bairro onde habitavam pessoas de baixa condição é ponto pacífico. Juvenal, seguindo o exemplo de tantos outros autores, não foge à regra e se refere sempre negativamente à Suburra (cf. por exemplo III,5; XI,50-51; XI,141). Entretanto, o próprio Marcial (XII,2,9-12) informa que L. Arrúncio Stela, personagem de destaque na época dos Flávios, homem distinto e poeta, cônsul em 101 d. C., habitava exatamente nesse bairro. Para não citar Júlio César que, antes de ser nomeado *Pontifex Maximus*, ali residiu em uma modesta casa, cf. Suet., *Iul.*, 46.

²¹ Sobre o uso do adjetivo «*facundus*» em Marcial, convém acrescentar a observação de Highet quando recorda que Marcial usava tal adjetivo muito livremente, aplicando-o não só a Cícero, Virgílio e Sêneca mas também a Restituto, o advogado e aos seus patronos M. Antônio Primo e L. Arrúncio Stela. Por isso deveria ser excluído o uso do adjetivo em referência exclusivamente a um retórico profissional e se admitir um uso mais genérico, aplicado a qualquer um que possuísse um senso de estilo e que se interessasse por literatura; cf. HIGHET, G. *Juvenal, the Satirist...*, n. 21, p. 238.

²² Cf. COURTNEY, E. *A Commentary...*, p. 3; GÉRARD, J. *Juvénal et la réalité contemporaine...*, p. 160; LAUDIZI, G. *Aspetti sociali nelle satire di Giovenale...*, p. 67-68; MARACHE, R. *La revendication sociale chez Martial et Juvénal...*, p. 35; *Juvénal - peintre de la société de sons temps...*, p. 615.

faz menção à atividade poética do amigo, o que poderia corroborar a hipótese de Juvenal ter-se dedicado à literatura já em idade avançada.

Não obstante a extrema diversidade das interpretações que tais referimentos produziram, dos textos de Marcial pode-se inferir uma indicação cronológica preciosa para a datação da obra satírica de Juvenal, a qual se situaria na idade de Domiciano, uma vez que os dois primeiros epigramas foram escritos aproximadamente em 91-92 e o terceiro por volta do ano 102 d.C., depois da morte do imperador.

Nenhum outro autor conhecido, contemporâneo de Juvenal, menciona o seu nome. Plínio, o Jovem, mesmo tendo conhecido Marcial e, inclusive, escrito uma epístola sobre ele (Plin., *Epist.*, 3, 21), jamais menciona o satírico²³.

1.5. A crítica moderna e os dados sobre a vida de Juvenal

Com base nos elementos referidos, numerosos historiadores da literatura latina, particularmente aqueles que se dedicam à sátira e a Juvenal, tentaram reconstruir o percurso biográfico e literário do poeta, na tentativa de contribuir para uma melhor compreensão da sua obra.

Os mais cautos, além de salientar a dificuldade da tarefa, colocaram ênfase na fragilidade e na imprecisão das fontes sobre as quais se fundam. Outros, ao contrário, mais cegamente confiantes na veracidade desses poucos elementos transmitidos pela tradição, através de um processo de análise crítica interpretativa, julgam possível a extrapolação, a partir desses dados, de elementos históricos confiáveis e propõem a reconstrução não somente da vida do poeta, mas também da sua própria personalidade. Além do estudioso norte-americano G. Highet²⁴, pode-se incluir também no grupo de intérpretes da obra de Juvenal caracterizados por uma acentuada orientação biográfica o

²³ Muito interessante o ponto de vista da estudiosa A. M. G. sobre essa discussão. Ela afirma que causa surpresa o silêncio mantido por Plínio sobre determinados escritores, contemporâneos a ele, como Juvenal e Estácio, o que teria levado à suposição de uma série de ciúmes e suscetibilidades.

Uma outra possível explicação seria que talvez esses dois escritores pertencessem a um outro círculo, situação que lhes teria posicionado fora do raio das preocupações cotidianas de Plínio; cf. GUILLEMIN, A. M. *Pline et la vie littéraire de son temps...*, p. 23.

²⁴ Sobretudo em HIGHET, G. *Juvenal, the Satirist...*

estudioso italiano E. Marmorale²⁵, cujas observações dificilmente podem ser compartilhadas; por exemplo, a amizade existente entre Juvenal e Marcial, pressuposta com base nos dois epigramas endereçados ao satírico, é vista pelo estudioso italiano como uma prova irrefutável de uma espécie de *difetto di condizione sociale* da parte do primeiro, já que somente pessoas de baixa condição social teriam podido fazer parte do círculo de amigos de Marcial, do qual, ao contrário, é notório que se encontravam leitores em todos os níveis da sociedade romana²⁶. Do mesmo modo, também a extrema misoginia demonstrada por Juvenal na sátira VI constituiria, segundo Marmorale, um indício certo de uma presumível homossexualidade do poeta.

Revela-se portanto nociva, chegando ao nível do puro preconceito, essa visão baseada no mero apelo aos dados biográficos, principalmente quando não existe nada plenamente digno de confiança ou que possa ser comprovado com absoluta precisão.

1.5.1. A hipótese de Coffey

O estudioso Michael Coffey, além de ter passado em resenha a bibliografia sobre Juvenal publicada entre os anos 1941 e 1961²⁷, publicou, em 1989, um importante volume sobre a sátira romana²⁸, no qual, mesmo fornecendo dados biográficos sobre os poetas satíricos, procura analisar suas obras segundo um ponto de vista que independe do recurso ao perfil histórico-social dos mesmos.

Mesmo afirmando que as datas do nascimento e da morte de Juvenal não podem ser determinadas com precisão absoluta, Coffey indica como ano provável do seu nascimento 67 d. C., durante o consulado de Fonteio Capito, mencionado na sátira XIII, data compatível com aquilo que se sabe da carreira literária do poeta; este

²⁵ Cf. MARMORALE, E. *Giovenale...*

²⁶ E. E. Best Jr. ressalta que Marcial podia enumerar entre o seu público o imperador, senadores, advogados, poetas, aurigas, barbeiros, arquitetos, centuriões e gladiadores, isto é, quase todos os níveis da sociedade romana; cf. BEST JR., E. E. *Martial's Readers in the Roman World...*, p. 208-212.

²⁷ COFFEY, M. *Juvenal Report for the Years 1941-1961em Lustrum*, 8, 1963, p. 161-215.

²⁸ COFFEY, M. *Roman Satire*, London, 1989.

teria sobrevivido a Adriano e, portanto, teria morrido após o 138 d. C., sob o império de Antonino Pio. Juvenal poderia não ser de origem itálica: a sua *gens*, os *Iunii*, incluía, realmente, muitas pessoas provenientes da Espanha e o *cognomen* *Iuuenalis* poderia ser de origem estrangeira, talvez mesmo humilde. A dúvida sobre a origem itálica de Juvenal é compartilhada por outros estudiosos, mas as justificativas adotadas por M. Coffey não parecem muito convincentes, como também parece suspeita a relação entre o cognome Juvenal e uma origem humilde do poeta. Na realidade, o mesmo cognome pode ser encontrado em homens como o cônsul *L. Cassius Iuuenalis*²⁹, cuja ascendência somente com extremo esforço pode indicar uma condição plebéia. Coffey poderia ter interpretado mal o dado segundo o qual o cognome *Iuuenalis* indicaria ou uma baixa classe itálica ou uma origem provincial, neste último caso estando ligado a um ceto mais elevado, mas não as duas coisas ao mesmo tempo³⁰. Além disso, para Coffey seria também possível que Juvenal tivesse nascido em Aquino, como demonstraria a sua particular intimidade com essa cidade (mas o estudioso parece abster-se de assumir uma posição precisa sobre a possibilidade da identificação de Juvenal com o *tribunus cohortis* da inscrição de Aquino). Segundo ele, o autor latino demonstra um respeito particular à deusa Ceres (III, 320), mas as suas críticas contra as vantagens obtidas por um soldado em relação aos civis, expostas na sátira XVI, não seriam compatíveis com um homem que tivesse ocupado um posto militar. Acerca dos epigramas de Marcial que descrevem a fadiga cotidiana da vida de Juvenal em Roma, Coffey se limita a apontar sua semelhança com a descrição da rotina diária do cliente, pintada por Juvenal nas sátiras I, III e V, não interpretando esse dado como a comprovação de que ele teria sido um cliente.

Coffey concorda com a opinião daqueles que julgam as biografias de Juvenal carentes de informações factuais. Assim, a descrição de Juvenal como filho de um liberto derivaria de uma contaminação da tradição biográfica, baseada em uma analogia com

²⁹ Cf. DE LABRIOLLE, P.; VILLENEUVE, F. *Juvénal, Satires...*, p. vi.

³⁰ Esse fato seria compatível com a observação de Syme segundo o qual Caio Júlio Juvenal teria sido um dos raros senadores gauleses que se poderia reportar àquele período; cf. SYME, R. *The Patria of Juvenal...*, p. 12.

a vida de Horácio³¹. A história do exílio³² não teria nenhum fundamento, sendo altamente improvável que um homem octogenário fosse designado por Trajano, ou por Adriano, para um comando militar nas fronteiras do Império. Às hipóteses segundo as quais o exílio teria acontecido na época de Domiciano, Coffey responde afirmando a impossibilidade de Juvenal ter sofrido, na atmosfera política dominante, apenas o exílio. Assim, seria mais lógico considerar que a história do exílio foi inventada no IV século, quando o interesse por Juvenal ressurgiu e sua obra alcançou grande repercussão, tendo sido acrescentada à sua biografia para dotá-la de um acontecimento comovente.

1.5.2. A hipótese de Highet

Gilbert Highet publicou, em 1954, uma grande monografia dedicada a Juvenal³³, de grande repercussão entre os estudiosos do autor latino. Propunha discutir as sátiras do ponto de vista da qualidade literária, considerando-as também como um documento social de um importante período da história romana, com base na reconstrução da carreira e da personalidade de Juvenal, na esperança de poder esclarecer algumas dificuldades da sua obra. Na verdade, este último aspecto, usado como instrumento metodológico, condicionou notavelmente o alcance dos outros objetivos, tendo sido particularmente condenado pelos estudos críticos posteriores.

O estudioso, mesmo concordando com a maioria dos seus colegas sobre a escassez das informações sobre a vida do poeta encontradas nas suas sátiras, cita alguns elementos que, segundo ele, poderiam ser assumidos como referências autobiográficas seguras³⁴.

³¹ Cf. COURTNEY, E. *A Commentary...*, p. 9.

³² Sobre esta questão, além das hipóteses de Coffey, Syme e Highet, cf. CIZEK, E. *Juvénal et certains problèmes de son temps...*, p. 80-101; GÉRARD, J. *Juvénal et les associations d'artistes grecs à Rome...*, p. 313-317 e 327-331, IDEM, *Juvénal et la réalité contemporaine...*, p. 103-115; HERRMANN, L. *Juvenaliana...*, p. 450-452; MICHEL, A. *La date des satires...*, p. 315-327.

³³ HIGHET, G. *Juvenal, the Satirist*, Oxford, 1954.

³⁴ Syme observa que o próprio Highet, em outros estudos, propõe datas diversas para o nascimento de Juvenal: • "probably c. 50" OCD 1, p. 475; "about 55", *The life of J. TAPHA68 (1937)*, p. 505; "between 50 and 65" OCD 2, p. 571; cf. SYME, R. *The Patria of Juvenal...*, p. 6, n. 36.

Juvenal teria então nascido por volta do ano 60 d. C., na cidade de Aquino, visto que demonstra conhecê-la bem, citando os templos de Ceres Helvínia e de Diana – os mais importantes daquela cidade – além de adotar a expressão *«tuo [...] Aquino»*, nos versos 318-319 da sátira III. Como suporte a essa hipótese, acrescenta a inscrição mommiseniana, acreditando firmemente na identificação do doador do templo de Ceres com o poeta satírico e afirmando que Juvenal, pelos seus méritos no exército, teria sido eleito duúnviro e flâmine do deificado imperador Vespasiano³⁵.

Segundo Highet, da juventude de Juvenal nada se pode saber, bem como da sua carreira profissional, do casamento, do lugar onde habitava, exceto o fato de ter vivido por algum tempo em Roma, sob o império de Domiciano (81-96 d.C.), visto que as suas sátiras são repletas de acontecimentos e personagens desse período; remontaria provavelmente ao ano de 92 ou de 93 uma alusão satírica ao fato de que a distribuição dos cargos militares teria sido influenciada por personagens pouco dignos. Juvenal teria usado de propósito o nome de Páris, considerando-se a salvo de qualquer possível retaliação, pois o pantomimo teria morrido havia dez anos. Conseqüência desse seu ato, entretanto, teria sido o confisco dos seus bens e o exílio no Egito, por ordem de Domiciano. Depois da morte do imperador, em 96, Juvenal teria retornado a Roma e vivido como cliente por algum tempo. Depois de ter recitado e publicado seus poemas por dez ou quinze anos, foi retirado da pobreza por Adriano, ou por um outro mecenas qualquer, morrendo por volta do ano 130.

1.5.3. A hipótese de Syme

Ronald Syme, que, ao contrário dos dois estudiosos tratados anteriormente, não é um crítico literário, mas um historiador, publicou, em 1979, dois importantes artigos sobre a questão biográfica de Juvenal³⁶, analisando os dados existentes sobre a sua vida de um ponto de vista mais estritamente documental e reforçando suas opiniões com os dados fornecidos por outras disciplinas, como a arqueologia, a

³⁵ Cf. HIGHET, G. *Juvenal, the Satirist...*, p. 32-39.

³⁶ SYME, R. *The Patria of Juvenal...*, p. 1-15; ID., *Juvenal, Pliny, Tacitus...*, p. 250-278.

epigrafia e a paleografia. Nos seus artigos, Syme critica severamente a arbitrariedade das reconstruções da vida de Juvenal, baseadas na interpretação literal dos textos das sátiras.

Em primeiro lugar, ele recusa a hipótese da identificação da cidade de Aquino como terra natal do poeta, com base unicamente no uso da expressão «*tuo Aquino*» (III, 319), com a qual o autor poderia ter tentado designar não tanto a sua pátria, mas simplesmente uma cidade que gozava da sua estima. Também a identificação do doador do templo de Ceres com o poeta Juvenal parece ao historiador dubitável. Embora, o comando de uma *cobors miliaria* fosse competência de um tribuno, no *cursus honorum* regular esse tipo de encargo não seria o primeiro a ser exercido por um oficial de cavalaria. Além disso, as duas *cohortes miliariae* dos dálmatas só teriam sido criadas posteriormente, na época de Marco Aurélio.

Sobre a origem itálica de Juvenal, Syme argumenta que os *Iunii* eram muito numerosos na Espanha e na África. Em particular, a favor da Espanha como pátria de Juvenal, se poderia mencionar um grande número de inscrições que contêm esse *nomen*. O estudioso argumenta, porém, que em nenhuma das suas sátiras Juvenal teria demonstrado algum interesse por qualquer coisa que se referisse particularmente à Espanha. Por outro lado, a favor da África estaria o conhecimento direto da região demonstrado pelo autor na sátira XV, elemento que, na opinião de Syme, teria levado erroneamente à dedução de um provável exílio do poeta no Egito, já pelos escoliastas do século IV. Como a maior parte dos estudiosos, Syme considera que não se deve considerar confiável a história desse exílio repleto de elementos romancescos.

O historiador critica igualmente aqueles que sustentam, com base apenas nos referimentos indiretos contidos nos epigramas de Marcial e de suposições retiradas das próprias sátiras de Juvenal, que este tenha sido um cliente.

Em geral, as cronologias referentes a Juvenal buscam conciliar os poucos dados disponíveis sobre sua vida com os diversos elementos fornecidos pelas *Vitae*, pela inscrição de Aquino e pelos epigramas de Marcial, na convicção de que o texto das *Sátiras* retrata fielmente a vida do poeta e reflete as várias circunstâncias que encontram espaço na sua obra, como se ele tivesse experimentado realmente a vida cotidiana dos tipos humanos que apresenta. Os elementos disponíveis não permitem, como pôde ser observado, uma reconstrução biográfica segura. A disparidade das conclusões dos críticos, que se empenharam

em uma interpretação essencialmente biográfica, demonstra a fragilidade de qualquer tentativa de aplicar tais conclusões a uma análise mais profunda. Para compreender-se o alcance da obra do poeta, cuja biografia continuará, talvez para sempre, um enigma, sua produção deve, antes de tudo, ser inserida no contexto mais amplo da poesia latina e especialmente da sátira, sendo analisada como produto literário, o que constitui a única via para se atingir uma justa avaliação da sua poética. Uma interpretação biográfica demonstra-se, na realidade, visivelmente empobrecedora, um instrumento ineficaz para a análise literária, servindo tão somente para alimentar controvérsias que não encontram nenhuma sustentação sólida, e são extremamente danosas à compreensão de um poeta cuja grandeza não deve ser diminuída nem ofuscada por simples conjecturas sobre a sua vida.

2. Cronologia literária

Como se viu, poucos e discutíveis são os elementos autobiográficos presentes nas sátiras de Juvenal. Contudo, a partir de algumas alusões, comprovadas com o auxílio de outras disciplinas, é possível ao menos traçar um esquema cronológico relativo a sua composição³⁷. Além disso, de acordo com a prática declamatória da época, o autor, antes da publicação, teria recitado seus poemas em público. Referimentos esparsos a acontecimentos externos indicam que, na realidade, Juvenal publicou as suas sátiras, separadamente, em livros, na mesma ordem em que nos foram transmitidas: dezesseis sátiras, subdivididas em cinco livros.

O livro I contém as primeiras cinco sátiras. O referimento à condenação de um certo Mário, identificado como Mário Prisco,

³⁷ Os estudiosos geralmente tratam a questão da cronologia das sátiras de Juvenal juntamente com a questão da biografia, entre aqueles estudos citados na bibliografia deste trabalho, tratam separadamente a questão da cronologia: GÉRARD, J. *Juvenal et la réalité contemporaine...*, p. 13-19 e SEGURA RAMOS, B. *Juvenal, Sátiras...*, p. XVI-XXIV; além desses estudos, podem-se citar ainda: ANDERSON, W. S. *Juvenal: Evidence on the Years a.d. 117-128...*, p. 255-257; ASTBURY, R. *The Date of Juvenal's Thirteenth Satire...*, p. 392-395; BEAUJEU, J. *Le "mare rubrum" di Tacite et le problème de la chronologie des Annales...*, p.200-235; ERCOLE, P. *La cronologia delle satire di Giovenale...*, p. 184-207 e 346-356; SYME, R. *Juvenal, Pliny, Tacitus...*, p. 250-278.

procônsul da África, que, pelos seus crimes de peculato, foi acusado por Plínio o Jovem no ano 100 d. C. e condenado ao pagamento de setecentos mil sestércios e ao exílio, constitui o *terminus post quem* da sua publicação:

*exul ab octava Marius bibit et fruitur dis
iratis, at tu uictrix, prouincia, ploras* (I, 49-50);

“Mário, no exílio, bebe desde a oitava hora e debocha dos deuses irados, mas tu província, vencedora, choras”.

O livro II é composto por uma única sátira, a sexta, e fornece alguns dados cronológicos precisos: Juvenal menciona dois títulos conferidos a um imperador, não expressamente nomeados e inscritos em moedas de ouro:

Dacicus et scripto radiat Germanicus auro (VI, 205)³⁸;

“Dácico e Germânico escritos no ouro brilham”

Além disso, o poeta menciona também a aparição de um cometa em Roma³⁹, datada, pelos astrônomos, no ano de 115. Refere-se ainda ao transbordamento do rio Nifates, na Armênia, e a um terremoto em Antioquia, eventos ocorridos no fim do ano 115 d.C., o que permite, portanto, estabelecer, como *terminus post quem* da sátira VI, aproximadamente o ano 116:

*instantem regi Armenio Parthoque cometen
prima uidet, famam rumoresque illa recentis
excipit ad portas, quosdam facit; isse Niphaten*

³⁸ F. Bellandi recorda que esses dois títulos são utilizados com referimento a Domiciano mas ressalta que somente Trajano, investido do título de «*Germanicus*» em 97 d.C., teria ordenado a cunhagem de moedas de ouro com o título de «*Dacicus*», no ano 102; cf. BELLANDI, F. *Giovenale, Contro le donne...*, p.46.

³⁹ Cf. BELLANDI, F. *Giovenale, Contro le donne...*, p. 46-47: a alusão no v. 407 ao cometa que constitui um presságio ameaçador para o rei dos armênios e dos partos só pode referir-se às campanhas orientais de Trajano.

*in populos magnoque illic cuncta arua teneri
diluuiio, nutare urbes, subsidere terras,
quocumque in triuio, cuicumque est obuia, narrat* (VI, 407-412);

“ela é a primeira a ver o cometa que ameaça o rei dos armênios e dos partos, e ouve junto às portas os últimos rumores, alguns inventa; a todos com os quais se depara, em qualquer encruzilhada, conta ter ido sobre o povo o Nifates e todos os campos, ali, estarem alagados por um grande dilúvio, as cidades tremerem, as terras afundarem”.

O livro III consta de três sátiras. A sétima começa com um elogio a um *Caesar*, «única esperança» dos homens de letras:

*Et spes et ratio studiorum in Caesare tantum;
solus enim tristes hac tempestate Camenas
respexit...* (VII, 1-3);

“Não só a esperança, quanto a razão dos estudos estão depositadas somente em César; só ele, nestes tempos, voltou a sua atenção às tristes Camenas”.

A identidade desse *Caesar* é objeto de discussão⁴⁰. Permanece a dúvida sobre se o poeta tinha em mente Trajano ou Adriano. De qualquer modo, é provável que Juvenal faça alusão a um período compreendido entre o fim do principado de Trajano e o início do de Adriano, antes da partida deste último para uma viagem de inspeção às províncias, em 121 d.C. O livro III poderia, portanto, ser datado em uma época próxima aos anos 117-118.

O livro IV, que contém as sátiras X-XII, não apresenta nenhum referimento cronológico claro.

⁴⁰ Cf. HELMBOLD, W. C.; O'NEIL, E. N. *The Form and Purpose of Juvenal's Seventh Satire...*, p. 100-108, HIGHET, G. *Juvenal, the Satirist...*, p. 106-112 e PEPE, L. *Questioni Adrianeae...*, p. 163-173.

Até o presente momento não existe um consenso entre os estudiosos de Juvenal sobre a identidade desse imperador. As opiniões se dividem entre Adriano, Trajano e mesmo Domiciano, fato que revela, mais uma vez, a dificuldade de manter-se um ponto de vista preponderantemente biográfico em relação a Juvenal.

O livro V, finalmente, compreende as sátiras XIII–XVI⁴¹. A menção do cônsul Junco (XV, 27) permite datá-lo num ano sucessivo a 127. Além disso, alguns versos da sátira XIV aludem a alguns romanos que, por causa do mau exemplo dado por seus pais, estariam se convertendo ao judaísmo e submetendo-se à circuncisão⁴²:

*quidam sortiti metuentem sabbata patrem
nil praeter nubes et caeli numen adorant,
nec distare putant humana carne suillam,
qua pater abstinuit, mox et praeputia ponunt;
Romanas autem soliti contemnere leges
Iudaicum ediscunt et seruant ac metuunt ius,
tradidit arcano quodcumque uolumine Moyses:
non monstrare uias eadem nisi sacra colenti,
quaesitum ad fontem solos deducere uerpos (XIV, 96-104).*

“Alguns, que tiveram a sorte de ter um pai que respeita os sábados, não adoram nada além das nuvens e da divindade do céu, não julgam a carne humana diferente da suína, da qual o pai se abstém, logo, também cortam os prepúcios; acostumados, por sua vez, a desprezar as leis romanas, aprendem de cor, observam e temem o direito judaico, tudo aquilo que Moisés transmitiu com o seu misterioso volume: não mostrar as ruas exceto aos praticantes dos ritos, conduzir às fontes somente os circuncidados”.

Uma vez que remonta a 131-132 uma rebelião dos hebreus por causa da proibição, imposta por Adriano, da prática da circuncisão, pode-se fixar o ano de 132 como *terminus ante quem* para a redação da sátira XIV, e o ano de 130, aproximadamente, para todo o livro.

Limites mais precisos não podem ser fixados sem dificuldades extremas. Juvenal, portanto, escreveu as suas sátiras tardiamente, na segunda metade da sua vida. O livro I seria verossimilmente posterior ao ano 100 e a sátira XV posterior ao consulado de Junco, em 127. Foi, portanto, durante os três primeiros decênios do II século, sob os impérios de Trajano e Adriano, que Juvenal se dedicou à redação das suas sátiras.

⁴¹ A última sátira parece ter chegado até nós incompleta. A explicação deste fato pode ser a mutilação na parte final de algum código ancestral ou então a morte do autor antes da sua conclusão; sobre tudo isso, cf. COURTNEY, E. *A Commentary...*, p. 613.

⁴² Sobre tais questões, cf. SMALLWOOD, E. M. *The Legislation of Hadrian and Antoninus Pius against Circumcision...*, p. 334-347.

Capítulo II

A sátira no quadro da literatura latina

2.1. Considerações sobre o significado da palavra «sátira»

A tentativa de elucidação da etimologia e do significado do termo *satura* se reveste de importância na medida em que possa contribuir para a compreensão da idéia que se tinha desse gênero literário nas suas origens. Comum aos mais importantes tratados sobre o significado do termo e sobre as origens do gênero é o recurso à *Ars grammatica* de Diomedes¹, da segunda metade do IV século d. C., o qual apresenta a seguinte definição de *satura*:

“Chama-se sátira atualmente, entre os romanos, uma poesia certamente maledicente e composta para censurar os vícios dos homens à maneira da comédia antiga, como escreveram Lucílio,

¹ A obra é dividida em três livros: o primeiro trata das partes do discurso; o segundo trata da fonética, da prosódia, da teoria dos acentos e das questões de estilo; o terceiro livro apresenta, além de questões de métrica, uma classificação das composições poéticas com base nos gêneros literários.

Horácio e Pérsio; outrora também uma poesia que constava de vários poemas, como escreveram Pacúvio e Ênio, era denominada sátira”².

De grande importância para a história da sátira resulta também o seguinte passo da sua obra:

“sátira, também assim chamada a partir dos sátiros, porque nessa poesia coisas absurdas e vergonhosas eram ditas como se fossem mostradas e feitas por sátiros, quer a partir de um prato, que, bem abastecido de muitos e variados frutos, era oferecido aos deuses em um ritual nos tempos antigos e que, pela abundância e saturação, era chamado *satura*; Virgílio recorda, nas *Geórgicas*, esse tipo de prato, quando diz:

‘oferecemos entranhas fumegantes em pratos recurvados’

e

‘devíamos levar pratos e bolos sagrados’.

Varrão diz ter sido denominada a partir de um tipo de salsicha que era enchida com muitos ingredientes. E, por sua vez, no segundo livro do *Plautinae quaestiones*, vem proposto isto: ‘sátira é uva passa, farinha de cevada e sementes de pinheiro cobertas com vinho misturado ao mel’. A isso outros acrescentam sementes de romã. Mas outros julgam ter sido chamada a partir da lei *satura*, que compreende simultaneamente muitas leis em um único pedido, pois evidentemente muitos poemas, ao mesmo tempo, são apresentados na sátira. Lucílio recorda essa lei sátira no seu primeiro livro:

‘quem libertará, por meio das leis, um magistrado eleito pela lei sátira’,

e Salústio, na *Guerra contra Jugurta*: ‘depois foi aceito em rendição, como se por meio de uma lei sátira, com suas distintas sentenças’³.

Segundo Diomedes, a palavra *satura* deveria ser entendida, pois, em quatro acepções diversas: aquela que a coloca em relação com os sátiros gregos; aquela que menciona um prato, a *lanx*, usado nas oferendas aos deuses; aquela que interpreta a palavra como uma

² Diom., *Ars gramm.*, em *GKL*, I, p. 485.

³ Diom., *Ars gramm.*, em *GKL*, I, p. 485-486.

espécie de salsicha composta de diversos ingredientes; enfim, aquela que explica o uso da palavra para designar o procedimento judiciário do recurso a uma lei compendiada, a *lex per saturam*, que compreendia muitas propostas de solução do caso em discussão. Das quatro explicações, a primeira, que relaciona a sátira com os *sátyroi* gregos, não goza de muita credibilidade entre os estudiosos modernos, pois a sátira latina não apresenta nenhuma relação nem com a figura dos sátiros, nem com elementos ligados a eles. As outras três explicações apresentam como elemento comum a aproximação da palavra *satura* ao adjetivo *satur*, que significa «cheio», «saciado», «saturado».

No estudo das origens da sátira latina é também imprescindível a menção, também objeto de polêmica, da chamada «sátira dramática», cujo testemunho é dado por Tito Lívio:

“Sem nenhum canto, sem gestos próprios para imitar o canto, bailarinos mandados vir da Etrúria, dançando ao som da flauta, exibiam movimentos graciosos ao modo etrusco. Logo os jovens começaram a imitá-los, ao mesmo tempo trocando entre si gracejos, por meio de versos mal cadenciados; e os movimentos entravam em harmonia com as palavras. A novidade foi aceita e cada vez mais reafirmada pelo uso. Aos artistas nacionais, porque o bailarino era denominado com a palavra etrusca *ister*, foi dado o nome «histrião», aqueles que não mais, como antes, diziam alternadamente versos ao acaso, desordenados e pouco cuidados, semelhantes ao fescenino, mas representavam sátiras repletas de melodias, com um canto modulado pela flauta e com movimentos harmônicos”⁴.

Segundo Tito Lívio, às danças dos *ludiones* etruscos, os jovens romanos teriam acrescentado a troca de gracejos em versos carentes de elaboração artística, criando um gênero teatral que, posteriormente, se desenvolve em formas mais organizadas de canto com acompanhamento de música e danças mímicas, o que o autor define como *impletae modis saturae*. Essa teoria, de caráter etiológico, recorre às antigas representações dramático-religiosas para explicar como estas deram o seu nome a algumas miscelâneas poéticas que fazem, na verdade, pouco ou nenhum uso do drama. É provável que Tito Lívio

⁴ Liv., VII, 2, 4-8.

utilize a palavra *satura* para descrever tais espetáculos, que consistiam em dança e canto, tendo em mente o conceito de *satura* como «mistura»⁵.

Em relação a tudo isso, concordo com a opinião de M. Citroni, quando destaca que uma decisão definitiva em relação à existência da sátira dramática com base no testemunho de Tito Lívio, além de ser uma tarefa dificilmente realizável, não resultaria em um elemento substancial para a compreensão da sátira como gênero literário. A análise do termo *satura* permite apenas a formulação de algumas hipóteses que, através do próprio nome do gênero ou da história das suas origens, por mais consistentes que sejam, dizem respeito apenas à idéia geral dessa produção, deixando em aberto a questão mais importante e complexa que é a definição histórico-literária de suas origens⁶.

2.2. A sátira como gênero literário: características principais

A noção de «gênero literário» constitui a base da teoria literária antiga⁷. A cada gênero a crítica associava não apenas uma forma definida, mas também uma determinada noção de pertinência, que ia desde a definição do tema geral da composição até à prescrição de determinados vocábulos considerados impróprios ao decoro requerido por cada um dos gêneros.

A palavra «gênero» é um termo que descreve fundamentalmente obras literárias segundo a sua temática específica ou as suas características estruturais. Tal função torna eficaz o conceito crítico de «gênero», criando uma relação de correspondência entre conteúdo e forma. A teoria clássica, fixada por Aristóteles, na *Poetica*, e por Horácio, na *Ars poetica*, é normativa e prescritiva, além de tentar estabelecer limites

⁵ Para uma discussão mais aprofundada do problema, cfr. COFFEY, M. *Roman Satire...*, p. 18-22; KNOCHÉ, U. *La satira romana...*, p. 9-11; WITKE, Ch. *Latin Satire...*, p. 18-19; RUDD, N. *Themes in Roman Satire...*, p. 2. Os três primeiros demonstram-se céticos sobre a existência da sátira dramática e o último tende a acreditar na sua existência. Cfr. também BOYANCÉ, P. *A propos de la 'satura' drammatique...*, p. 11-25.

⁶ Cf. CITRONI, M. *Musa pedestre...*, p. 318-320.

⁷ Um artigo importante sobre o assunto é ROSSI, L. E. *I generi letterari e le loro leggi scritte e non scritte nelle letterature classiche*, em *DCC*, p. 47-84, publicado originalmente em *Bulletin of the Institute of Classical Studies*, 18, 1971.

rígidos, correspondentes às diferenças sociais. Enquanto a crítica antiga insistia em estabelecer, em um modo determinado, uma hierarquia de níveis estilísticos entre os diversos gêneros e mesmo uma ordem de excelência entre os autores, a crítica moderna tende sempre a desprezar tais convenções estilísticas, reconhecendo porém a importância da diferenciação dos gêneros e o caráter convencional dos *topoi* na análise da obra literária antiga, não considerando os gêneros como categorias dogmáticas, mas preferencialmente como convenções estéticas, as quais guiam os autores, mas são também definidas por eles.

O estudioso G. B. Conte recusa completamente a concepção dos gêneros, a não ser em função da sua interpretação como matrizes de obras, e aconselha a sua concepção não como receitas a serem seguidas, mas como estratégias, porque, segundo ele, os gêneros operam nos textos não *ante* ou *post rem*, mas sobretudo *in re*⁸. Apesar da natureza instável dos gêneros, a sua eficácia não se reduz a um simples instrumento de investigação da crítica, que, através dessa categoria, tenta descobrir atributos específicos em obras individuais e desenvolver – já desde a época clássica – teorias diferenciadas da ode, da elegia, da sátira e dos outros gêneros literários: o gênero constitui assim uma espécie de ossatura do texto, na medida em que o sustenta e o mantém coeso; mas deve-se estar atento para não compreendê-lo como um esqueleto descarnado, pois assim se perde a própria substância do texto vivo⁹.

Segundo M. Citroni¹⁰, na literatura antiga era indispensável a identificação de um modo de expressão literária que refletisse a relação instaurada entre o poeta e a vida social. No desenvolvimento da sátira como gênero literário, era esse o elemento essencial que transcendia a impessoalidade da comédia. A sátira seria, portanto, uma proposta alternativa, destinada a preencher um vazio que os gêneros poéticos, fixados e admitidos pelos cânones, não tinham ainda conseguido preencher. O próprio nome do gênero proclama que esse não

⁸ Conte acrescenta que os gêneros são como estratégias, enquanto procedimentos que implicam em uma resposta, em um destinatário como parte integrante do próprio funcionamento, um destinatário preciso implícito na própria forma do texto; cf. CONTE, G. B. *Generi e lettori...*, p. 153.

⁹ Cf. CONTE, G. B. *Generi e lettori...*, p. 170.

¹⁰ Cf. CITRONI, M. *Musa pedestre...*, p. 312-313.

pertencia aos gêneros poéticos correntes. Lucílio e Horácio dão às suas obras o nome de *Sermones*, com o qual Horácio¹¹ evoca o tom coloquial que pretende empregar, mais comum à prosa do que à poesia.

Nos diversos estudos sobre a sátira latina, observa-se a dificuldade de se atingir um consenso sobre as características do gênero. Gilbert Highet, no livro *The Anatomy of the Satire*, propõe alguns critérios, considerados por ele como categorias infalíveis, para se determinar se uma obra é ou não é sátira¹². Segundo o estudioso, será sátira a composição na qual o autor nomeia o gênero, cita o seu *pedigree* satírico, escolhe um assunto tradicionalmente satírico e refere-se a um predecessor; em particular, Highet estabelece que o tema deve ser concreto, pessoal, tópico e composto com um vocabulário enérgico e com uma tessitura variada. Um outro estudioso, Maynard Mack, indica como propriedade de qualquer boa sátira uma dose considerável de *fictionality*, cujo aspecto fundamental é o *ethos* do autor satírico, ou seja, a circunstância capaz de tornar o autor aceito pelos ouvintes como um homem essencialmente virtuoso e tolerante¹³. Uma outra opinião, que se poderia definir como «radical», é expressa por R. C. Elliot, nos seguintes termos: “eu posso comparar cem diferentes empregos do termo «sátira», tentando encontrar características comuns entre eles; mas, depois da minha procura, serei forçado a concluir que não existem características comuns a todos os empregos; ou, se eu pudesse encontrar uma característica essencial, ela seria tão genérica a ponto de ser inútil para fins de definição”¹⁴.

Apesar de tudo, sempre presente e inegável ao longo de toda a história da sátira é a sua característica variedade, conceito já expresso no próprio nome do gênero: da multiplicidade dos temas à diversidade estilística de cada poema, da pluralidade de expressões literárias, através do uso do monólogo, do diálogo, do episódio, do anedótico, da fábula, até à heterogeneidade de recursos estilísticos e de objetivos: entretenimento, divertimento, advertência, sugestão a amigos, desmascaramento e repreensão dos erros e dos vícios. Todavia, não se pode afirmar, sem despertar uma dúvida pertinente, que essa variedade de

¹¹ Cf. Hor., *Serm.*, I, 10, 7-19 e II, 3, 4.

¹² Cf. HIGHET, G. *The Anatomy of the Satire...*, p. 14-21.

¹³ Cf. MACK, M. *The Muse of Satire...*, p. 80-82.

¹⁴ Cf. ELLIOT, R. C. *The definition of Satire...*, p. 22.

conteúdo ou de formas seja de grande relevância quando se busca definir a sátira como gênero literário, porque certamente essa *uariatio* não constitui o elemento unificante do gênero, nem a sua motivação originária, que consiste, sobretudo, no interesse pela observação da sociedade e sua representação, em vista da discussão da problemática moral e cultural. Além disso, foi exatamente a falta de um espaço nos gêneros literários canonizados que levou à imposição de um estatuto próprio para a sátira, baseado não na canonicidade e na normatização, mas na variedade¹⁵.

Duas das principais características da sátira latina já tinham sido plenamente desenvolvidas a partir do exemplo de Lucílio: a censura moral do comportamento social que extrapola as regras estabelecidas, o que não é exclusividade do gênero, mas uma de suas componentes determinantes, e, em segundo lugar, a agressividade. Ao mesmo tempo, da confiança na teoria dos gêneros nitidamente definidos derivam dois importantes corolários que se refletem na história da sátira: o reconhecimento de um arquétipo em cada gênero, ao qual os sucessores se atêm com orgulhosa lealdade, ainda que eventualmente marcada por críticas abertas, quase sempre impostas por modificações nas circunstâncias ou no gosto da época; a aceitação da noção de *lex operis*, regras de comportamento estilístico internas a um gênero, as quais, quando necessário, podiam sofrer modificações.

O estilo considerado apropriado a um satírico era o informal, próximo à linguagem do *sermo quotidianus*, em geral ligado aos usos das pessoas de boa educação, enquanto o estilo elevado era julgado impróprio, exceto se utilizado como paródia. Também um excesso de vulgaridade na expressão deveria ser evitado e as obscenidades de linguagem, encontradas nos poetas satíricos, não se explicam, portanto, a não ser como uma pesquisa artística do autor, na busca de um impacto especial.

A sátira, contudo, possui algumas afinidades com outros gêneros literários, sobretudo com a comédia, com a qual apresenta em comum o interesse pela representação de tipos e comportamentos humanos, bem como a tentativa de desenvolver uma linguagem artística apropriada a tais propósitos. Certamente, porém, a forma literária satírica não provém

¹⁵ Cf. CITRONI, M. *Musa pedestre...*, p. 316.

da comédia, mesmo se Horácio, expressamente, deriva a poesia de Lucílio da comédia ática antiga, referindo-se sobretudo aos ataques frontais contra personagens reais, à linguagem de nível médio e à expressão variada¹⁶.

Outro elemento importante para a caracterização da sátira é a tradição da filosofia popular helenística, representada pela diatribe estóico-cínica¹⁷, a qual lhe fornece muitos motivos, exemplos e procedimentos de argumentação e de estilo, dada a grande importância atribuída pela filosofia moral grega à descrição das particularidades do caráter humano. O próprio Horácio define as suas sátiras como *sermões Bionei*, referindo-se ao filósofo grego Bión de Boristenes. Menipo de Gadara¹⁸ deu uma forma propriamente artística à literatura diatríblica e a sua obra influenciou diretamente seja Lucílio, seja o *Apokolokyntosis* de Sêneca¹⁹, mesmo se, obviamente, esta forma de prosa filosófica, aberta à invenção e às inserções poéticas, não pode ser considerada uma matriz direta da poesia satírica.

Outra influência importante na sátira, além da comédia e da diatribe, é constituída pela poesia jâmbica. Considerada um gênero de poesia menor, apresenta todos os elementos próprios da tradição satírica: o realismo, a agressividade, a temática moral, elementos da moralidade popular, fábulas, provérbios, passagens anedóticas, elementos autobiográficos, tudo em uma linguagem distante do nível alto e rebuscado dos estilos mais elaborados. Os poucos fragmentos das sátiras de Ênio e de Lucílio, por um lado, e, pelo outro, os escassos

¹⁶ Cf. Hor., *Serm.*, I, 4, 6-8.

¹⁷ A diatribe significava na antigüidade apenas conversação, e toma de empréstimo muito da técnica do diálogo e do simpósio, mas, diversamente do diálogo platônico que mostra a estrutura dialética do argumento, a diatribe utiliza o diálogo para obter um número maior de ouvintes. Segundo Witke, a diatribe tornou-se o principal veículo para levar às classes mais baixas da sociedade o pensamento ético gerado pelas escolas estóicas e cínicas; cf. WITKE, Ch. *Latin Satire...*, p. 38.

¹⁸ Os dados sobre a obra de Menipo de Gadara são escassos e indiretos. Viveu na segunda metade do séc. IV a. C. Seu nome é recordado para caracterizar uma forma de composição praticada por ele, que mistura prosa com verso.

¹⁹ Cf. CITRONI, M. *Musa pedestre...*, p. 321.

fragmentos da poesia jâmbica helenística não permitem conclusões definitivas sobre as afinidades entre sátira e poesia jâmbica. Provavelmente, a idéia de uma composição poética não uniformemente unida por um tema ou por um metro nas sátiras de Ênio – que utilizava, entre outros, também os metros jâmbicos – provém de uma influência exercida pela poesia jâmbica. Além disso, será com a mesma fórmula de Calímaco, *musa pedestris*²⁰, que Horácio definirá a sua poesia satírica.

2.3. A sátira como gênero literário exclusivamente latino

Um fato assinalado pelos críticos romanos era a falta de um gênero literário grego que pudessem definir como um modelo para a sátira, mesmo percebendo na sua formação diversas influências provenientes da Grécia, sobretudo o caráter mordaz da comédia ática antiga e sua característica variedade de temas, além do espírito dos *Jambos* de Calímaco.

No final do I século a. C., Quintiliano faz uma comparação e um avaliação crítica da literatura grega e latina, gênero por gênero. Tendo afirmado a paridade de resultados, entre gregos e romanos, na elegia, quanto à sátira pronuncia a sua célebre frase: *satura quidem tota nostra est*, a qual, até os dias de hoje, suscita muitas polêmicas e discussões. Segundo W. Rennie²¹, Quintiliano, de forma alguma, tinha em mente a noção de originalidade. Seria melhor interpretar a frase como se ele quisesse dizer que os romanos fizeram da sátira um gênero totalmente próprio, elevando-o a um nível superior àquele em que se encontrava na Grécia. Essa interpretação foi contestada por muitos estudiosos: G. L. Hendrickson²², por exemplo, salienta que a tese de Rennie pressupõe que Quintiliano pensasse em uma categoria específica da sátira grega, da qual não faz nenhuma indicação. Semelhante opinião

²⁰ Segundo Witke, deve-se entender esta expressão como o resultado da renovada vitalidade da sátira como uma forma de arte, não apresentando nenhuma ligação com o alexandrinismo e com o seu espírito artificial, erótico e subjetivo; cf. WITKE, Ch. *Latin Satire...*, p. 77 e ainda, sobre essa definição, CITRONI, M. *Musa pedestre...*, p. 314.

²¹ Cf. RENNIE, W. *Satura tota nostra est...*, p. 21.

²² Cf. HENDRICKSON, G. L. *Satura tota nostra est...*, p. 60.

têm, também, M. Coffey e Ch. Witke. Coffey²³ argumenta que a afirmação de Quintiliano não é meramente baseada naquilo que a sátira romana atingiu, mas sobretudo na falta de um *corpus* satírico na literatura grega ao qual a sátira latina pudesse ser comparada. Já segundo Witke²⁴, a literatura grega não oferece nenhum paralelo à sátira romana e não há, em grego, nenhuma palavra que a designe como gênero literário; além disso, mesmo depois de Horácio, Pérsio e Juvenal, os poetas gregos não utilizaram jamais o termo *satura*. Por sua vez, Terzaghi²⁵ afirma resolutamente que, se Quintiliano não tivesse escrito essa frase, tão famosa quanto infeliz, o problema da absoluta originalidade romana nesse campo provavelmente não teria sido jamais submetido à série de inúteis discussões que surgiram em seguida.

O passo de Quintiliano, que é um documento fundamental para qualquer estudo da sátira como gênero literário e mesmo para a história da sátira, é o seguinte:

Satura quidem tota nostra est, in qua primus insignem laudem adeptus Lucilius quosdam ita deditos sibi adhuc amatores, ut eum non eiusdem modo operis auctoribus, sed omnibus poetis praeferre non dubitent. Ego quantum ab illis, tantum ab Horatio dissentio, qui Lucilium "fluere lutulentum" et "esse aliquid, quod tollere possis" putat. Nam et eruditio in eo mira et libertas atque inde acerbitas et abunde salis. Multum est tersior ac purus magis Horatius et, nisi labor eius amore, praecipuus. Multum et uerae gloriae, quamuis uno libro, Persius meruit. Sunt clari bodieque et qui olim nominabuntur. Alterum illud etiam prius saturae genus, sed non sola carminum uarietate mixtum condidit Terentius Varro, uti Romanorum eruditissimus²⁶ ...

"A sátira, com certeza, é toda nossa; nessa, o primeiro a obter grande glória foi Lucílio, que possui até hoje admiradores tão dedicados que não hesitam em antepô-lo não somente aos autores desse gênero, mas a todos os poetas. Eu discordo tanto daqueles, quanto de Horácio, quando considera que Lucílio 'escorre lamacentos' e que 'existe algo que se lhe pode retirar'. Na verdade, nele percebe-se não só uma admirável erudição, mas também liberdade de falar e, daí, uma aspereza e uma excessiva mordacidade. Muito mais elegante e mais claro é Horácio e, se a admiração não me engana,

²³ Cf. COFFEY, M. *Roman Satire...*, p. 4.

²⁴ Cf. WITKE, Ch. *Latin Satire...*, p. 21-22.

²⁵ Cf. TERZAGHI, N. *Per la storia della satira...*, p. 87-88.

²⁶ Quint., *Inst. orat.*, X, 93-95.

excelente é o seu trabalho. Pérsio foi muito merecedor de uma verdadeira glória, ainda que devida a um só livro. Existem poetas satíricos famosos hoje e que um dia serão celebrados. Terêncio Varrão, o mais erudito dos romanos, compôs também aquele outro tipo mais antigo de sátira, que não apresenta somente uma mistura de vários metros”.

Além das opiniões expressas por Quintiliano sobre Lucílio, Horácio e Pérsio, muito importante é a distinção, feita pelo autor, entre dois subgêneros da sátira: o primeiro, representado pela sátira de Lucílio e Horácio; e o segundo, por aquelas de Varrão. A grande autonomia da sátira em relação aos cânones dos outros gêneros poéticos criou, sob a mesma denominação, subgêneros bastante diferenciados (entre os quais se destaca em primeiro lugar, a sátira menipéia, caracterizada pela mistura de prosa e verso, cultivada por Varrão) e, mesmo no âmbito da sátira de tradição luciliana, uma forte diferenciação formal de um autor a outro, mesmo quando apresentam características em comum. O próprio gênero literário sofre, portanto, um processo de definição, com a restrição da sua ampla liberdade formal e temática de origem, que resulta na fixação de um metro específico – o hexâmetro, depois de Lucílio, mas sobretudo depois de Horácio²⁷ – e na caracterização da figura do satírico como censor do vício, com Pérsio e, principalmente, com Juvenal. A reivindicação de Quintiliano, segundo Duret²⁸, deve ser compreendida com base no fato de a sátira ter sido, do ponto de vista literário, a mantenedora das mais puras virtudes nacionais e de os poetas satíricos terem sido considerados os guardiões das tradições romanas.

²⁷ Lucílio, mesmo tendo definido o hexâmetro como o metro da sátira, apresenta composições em metros variados nos seus livros mais antigos; Horácio é, portanto, o primeiro autor a escrever sátiras exclusivamente em hexâmetro.

²⁸ Duret baseia-se no fato de que os maiores poetas satíricos pertencem a períodos cruciais da história de Roma, quando essa se encontrava ameaçada na sua identidade e quando, mais do que nunca, nos momentos de enfrentar uma nova fase da sua história. Horácio escreve as suas sátiras quando os perigos das guerras civis não tinham ainda terminado e quando não se sabia bem de quem seria o principado; Pérsio compôs o seu livro quando o filohelenismo de Nero expunha Roma a influências estrangeiras; Juvenal já pressentia que as províncias haveriam de representar um papel decisivo na história do império; cf. DURET, J. *Juvénal réplique à Trebatius...*, p. 225-226.

Capítulo III

Juvenal e a sátira

3.1. Razões da escolha do gênero literário

Juvenal, no seu primeiro poema, explicita as razões que o levaram a adotar a sátira como gênero literário. Tal procedimento não constitui uma novidade, inserindo-se em uma consolidada tradição, iniciada pelos satíricos que o precederam.

Em alguns fragmentos do seu livro XXVI, Lucílio estabelece as suas intenções literárias. Critica outros gêneros e aconselha os escritores a escreverem histórias sobre fatos contemporâneos e não de épocas passadas:

Veterem historiam, inductus studio, scribis ad amores tuos¹;

“A história antiga, guiado pela vontade, escreves aos teus amores”;

Percrepa pugnam Popili, facta Corneli cane².

“Celebra a batalha de Popílio, canta os feitos de Cornélio”;

¹ Lucil., XXVI, fr. 23 (Charpin, = 612 M).

² Lucil., XXVI, fr. 26 (Charpin, = 621 M).

Horácio, principalmente nas sátiras quarta e décima do primeiro livro, explica as suas inclinações: a ele convém escrever reflexões que lhe são sugeridas pela vida:

...haec ego mecum
compressis agito labris. Vbi quod datur oti,
inludo chartis...³.

“essas coisas, com os lábios apertados, reflito comigo mesmo. Quando me é permitido algum ócio, divirto-me em folhas de papel”.

Seguindo a mesma linha, Pérsio, na sua primeira sátira, denuncia o mau gosto literário da sua época e a corrupção moral que a permeia, reivindicando para si o mesmo direito, concedido a Lucílio e a Horácio, de registrar, através da sátira, as suas críticas e antipatias:

... *secuit Lucilius urbem,*
te Lupe, te Muci, et genuinum fregit in illis
omne uafér uitium ridenti Flaccus amico
tangit et admissus circum praecordia ludit,
callidus excusso populum suspendere naso.
*me muttire nefas? nec clam? nec cum scrobe? nusquam?*⁴.

“Lucílio fustigou a cidade, e a ti, ó Lupo, e a ti, ó Múcio, e nestes meteu o dente. Sutil, Flaco toca todo defeito do amigo, que entretanto se ri e, bem acolhido nos corações, zombeteia, hábil em fazer chacota do povo com elegância. E a mim não é consentido sequer resmungar? Nem em segredo? Nem dentro de um buraco? Em lugar nenhum?”

Seguindo os seus predecessores, Juvenal afronta a decadência da literatura e apresenta o seu primeiro poema tanto como um modelo do seu próprio método, quanto como uma apresentação de si mesmo ao seu público. Ele inicia a sátira afirmando não querer fazer parte de uma tradição literária contemporânea⁵, que retoma os mesmos temas

³ Hor., *Serm.*, I,4,137-139.

⁴ Pers., I,114-119.

⁵ Para uma análise da relação entre Juvenal e os gêneros literários em voga no seu tempo, cf. GÉRARD, J. *Juvenal et la réalité contemporaine...*, p. 72-103.

tantas vezes repetidos, nem ter a intenção de adotar como gênero nenhum daqueles exibidos nas *recitationes*, os quais, segundo o autor, seriam de uma tediosa futilidade: a épica, exemplificada pela *Teseida* de um certo Cordo já rouco⁶, a *fabula togata*, a elegia, a tragédia, lembrada com os temas de Telefo e de Orestes. Juvenal deseja atingir a poesia de temática mitológica e de estilo grandiloquente, ou seja, a épica e a tragédia, e, além dessas, a fábula togata e a elegia, que divertem o ouvinte com os seus temas pouco profundos.

O poeta se mostra cansado com a vacuidade das produções literárias convencionais e com a monotonia das *recitationes* nas quais eram apresentadas. Os gêneros mais tradicionais constituiriam, para ele, uma evasão fútil da realidade corrupta e seriam uma fuga do dever de denúncia proposto pelo poeta.

Segundo Juvenal, a poesia do seu tempo seria nutrida sempre dos mesmos lugares comuns mitológicos. Mesmo se fosse escrita por um poeta de talento, sempre os mesmos temas seriam abordados:

expectes eadem a summo minimoque poeta (I, 14)⁷;

“esperes as mesmas coisas do melhor ou do pior poeta”.

Após ter expresso a sua irritação em relação à literatura contemporânea, Juvenal confirma a sua intenção de escrever, já que é um estúpido quem economiza a folha destinada ao uso. Elenca, através de uma série de orações introduzidas por “*cum*”, as justificativas que o levam a escolher a sátira, distanciando-se da moda literária em voga. Na verdade, para o autor, somente a sátira seria o gênero adequado para enfrentar toda a problemática evidente na sociedade:

*cum tener uxorem ducat spado, Meuia Tuscum
figat aprum et nuda teneat uenabula mamma,
patricios omnis opibus cum prouocet unus
quo tondente grauis iuueni mihi barba sonabat,
cum pars Niliacae plebis, cum uerna Canopi*

⁶ Sobre a polêmica *Cordus/Codrus*, cf. GRIFFITH, J. G. *Varia Iuvenaliana...*, p. 138-142.

⁷ Aqui se pode observar uma certa ironia no uso enfático da palavra “*poeta*”, colocada precisamente no fim do verso.

*Crispinus Tyrias umero reuocante lacernas
uentilet aestiuum digitis sudantibus aurum
nec suffere queat maioris pondera gemmae,
difficile est saturam non scribere...* (I, 22-30)⁸;

“Quando um efeminado eunuco casa-se, Mévia transpassa um javali etrusco e com os seios nus segura os venábulos, quando desafia todos os patrícios com as suas riquezas um único homem, cujo corte me fazia ressoar a dura barba de homem feito, quando parte da plebe do Nilo, um escravo de Canopo, Crispino, movimentando os ombros, ajeita o seu manto de púrpura de Tiro e agita, durante o verão, o seu anel de ouro entre os dedos suados, e não poderia suportar o peso de uma gema maior, é difícil não escrever sátira”.

Para o poeta, ao contrário dos outros gêneros, apenas a sátira possuiria verdadeiramente como objeto *quicquid agunt homines* (‘tudo aquilo que fazem os homens’) e seria o único gênero que, diversamente de todos os outros praticados pelos seus contemporâneos, permitiria a confecção de um retrato realista da sociedade do seu tempo⁹.

3.2. Justificativas e intenções do autor

A primeira sátira de Juvenal, como geralmente é admitido, tem a função de um prólogo em que o poeta estabelece o seu programa poético¹⁰. Nos versos 1-21, o autor declara abertamente desejar adotar

⁸ Nestes versos é possível verificar que Juvenal segue o mesmo exemplo dos satíricos precedentes fazendo apologia do gênero que escolheu.

⁹ A escolha da sátira foi portanto imposta e inevitável porque tradicionalmente esse gênero tinha como objeto a realidade cotidiana, excluindo qualquer invenção sendo além disso considerada com um olhar crítico. A sátira era o único meio de expressão disponível àqueles que sentiam a necessidade de não mascarar a realidade mas atuar, de modo concreto, sobre ela; cf. BELLANDI, F. *Poetica dell'“indignatio” e “sublime” satirico in Giovenale...*, p. 55-56.

¹⁰ Alguns estudiosos procuram demonstrar que a função programática da primeira sátira valha somente para o primeiro livro, ou seja para as primeiras cinco sátiras. Segundo tais estudiosos, o verdadeiro significado do termo *-farrago-* (I,86) seria uma advertência do poeta à mistura do material temático a ser tratado somente no primeiro livro; cf. CLOUD, J. D.; BRAUND, S. H. *Juvenal's libellus a farrago?...*, p. 78.

a sátira como gênero literário e, em seguida, como já foi dito, passa a elencar os motivos de tal escolha.

Juvenal, encontrando-se em meio a uma multidão de poetas que declamam as suas obras, pretende contra-atacar não com os costumeiros escritos mitológicos da alta poesia, mas com sátiras. O poeta afirma que escreve sátira porque é obrigado pela ira e pela *indignatio*, diante da iniquidade, da corrupção e da libertinagem reinantes na cidade.

Para comprovar o seu ponto de vista, Juvenal desenvolve mais amplamente os argumentos apenas acenados nos versos I, 25-29, oferecendo assim, através de perguntas retóricas, permeadas com os seus próprios comentários, um elenco dos vícios da sociedade romana. Como em um desfile, são apresentados os tipos que serão focalizados nas sátiras sucessivas: advogados desonestos e delatores, caçadores de testamentos, libertos novos-ricos, clientes, rufiões, tutores ladrões, magistrados predadores de províncias, maridos que recebem herança dos amantes das esposas, pervertidos escandalosos, falsários, matronas envenenadoras, adúlteras. Tamanha seria a quantidade de exemplos que, segundo o autor, seria possível escrever muitos livros somente com a cena que alguém poderia presenciar estando parado em uma esquina qualquer (*medio [...] quadriuiuo*; I, 63-64), pois *quando uberior uitiorum copia?* (quando foi mais abundante a quantidade de vícios?; I, 87).

Após ter escolhido o gênero literário, um escritor latino habitualmente indicava os seus *auctores*, tomando posição em relação a estes. Juvenal, ainda na sua primeira sátira, declara abertamente tomar como modelo Lucílio:

*cur tamen hoc potius libeat decurrere campo,
per quem magnus equos Aurunca flexit alumnus* (I,19-20);

“Todavia, por qual motivo prefiro correr neste campo, através do qual o grande filho de Aurunca guiou os seus cavalos?”.

A sátira luciliana se propunha um objetivo concreto e imediato, aquele de proporcionar alegria aos amigos e dores aos inimigos. Esta se caracteriza, na sua crítica a fatos e pessoas do presente, por um forte acento político e por um tom polêmico. Lucílio apresenta as suas sátiras como surgidas das vísceras, sem mediações ou atenuantes, com uma violenta sinceridade¹¹. A característica comum mais visível entre os dois

¹¹ Lucil., XXVI, fr. 14 (Charpin, = 590 M).

autores é o tom agressivo endereçado a pessoas designadas pelo próprio nome. A divergência entre eles reside no fato de Lucílio ter atacado pessoas vivas da sua época, enquanto Juvenal usou nomes genéricos como *exempla*, seguindo o estilo retórico de fornecer elementos concretos àquilo que se critica e se ataca, de modo a obter a credibilidade do ouvinte¹². Juvenal, adotando o tom agressivo de Lucílio, assume conseqüentemente uma posição diversa daquela de Horácio¹³, mesmo julgando que os argumentos que pretende tratar poderiam perfeitamente ter sido tratados pelo poeta de Venosa:

haec ego non credam Venusina digna lucerna? (I, 51).

“Essas coisas eu não deveria julgar dignas da lucerna de Venosa?”.

É incrível o número de polêmicas suscitadas por esse único verso. Segundo W. S. Anderson, Juvenal não se referiria ao Horácio satírico, mas sobretudo ao Horácio dos epodos e das odes civis, que se mostra mais combativo. Outros estudiosos, ao contrário, crêem que a metáfora *Venusina lucerna* significaria simplesmente as longas vigílias dedicadas ao trabalho artístico e, segundo eles, Juvenal estaria afirmando somente a sua vontade de escrever com os mesmos cuidados formais de Horácio¹⁴. Já por outro lado, Duret afirma que, se fosse este o significado da metáfora, seria uma contradição da parte de Juvenal, que pouco antes afirma:

¹² Sobre ecos da presença de Lucílio em Juvenal, fundamental a leitura de GRIFFITH, S. G. *The ending of Juvenal's first satire and Lucilius Book XXX...*

¹³ O objetivo de Horácio não era, como para Lucílio, aquele de desnudar e destruir moralmente os maus, mas aquele de conhecer e portanto compreender a vida e os homens como realmente são.

Sobre as semelhanças entre Horácio e Juvenal, cf. ANDERSON, W. S. *Imagery in Satires of Horace and Juvenal...*, p. 226-260, FACCHINI TOSI, C. “*Arte allusiva*” e semiologia dell’“*Imitationstechnik*”..., p. 3-29, ULLMAN, B. L. *Psychological Foreshadowing in the Satires of Horace and Juvenal...*, p. 408-416.

¹⁴ Cf. HIGHET, G. *Juvenal, the Satirist...*, p. 247, n. 9, e FACCHINI TOSI, C. “*Arte allusiva*” e semiologia dell’“*Imitationstechnik*”..., p. 15-17.

*si natura negat, facit indignatio uersum
qualemcumque potest, quales ego uel Cluuienus* (I, 79-80);

“Se a natureza nega, a indignação faz o verso, como pode, como posso eu ou Cluuieno”.

O estilo de Juvenal, movido pela indignação, e a sua concepção da sátira parecem incompatíveis com os ensinamentos da *Ars poetica*, bem como a violência do seu tom muito contrastante com os *Sermones*. Duret conclui que Juvenal se serve de Horácio, na primeira sátira, não como um modelo, mas as suas alusões se prestariam a destacar a autonomia das suas próprias concepções literárias¹⁵.

Uma vez que se torna inevitável uma tomada de posição diante dessa polémica, creio que seja mais sensato considerar que Juvenal não está absolutamente desejando colocar-se em oposição a Horácio, pois inclusive se refere ao poeta como uma garantia para o seu projeto. Uma interpretação mais coerente seria que, segundo Juvenal, inclusive Horácio, que faz opção por uma sátira de tom mais tranqüilo, diante de tipos sociais tão corruptos como os contemporâneos a Juvenal, não se recusaria a usá-los como matéria, pois *quis iniquae tam patiens urbis, tam ferreus, ut teneat se?* (“quem é tão paciente diante de uma cidade tão perversa, tão de ferro, a ponto de se conter?”; I, 30-31).

Juvenal não menciona Pérsio em nenhuma sátira, embora diversos estudiosos afirmem que o conhecia e que, inclusive, o teria imitado. Segundo Courtney, Juvenal ocasionalmente imita Pérsio no detalhe, mas tem pouco em comum com ele¹⁶. Pérsio não toma partido em relação aos problemas contemporâneos, sobretudo políticos, da vida romana e evita qualquer tipo de ataque aos homens do seu tempo. Uma analogia possível entre os dois satíricos estaria no fato de que tanto a agressividade da ironia sarcástica de Pérsio, quanto a *indignatio* de Juvenal se manifestam como uma reação diante dos assuntos tratados, à qual nenhum dos dois pode resistir¹⁷.

¹⁵ DURET, L. *Juvenal réplique à Trebatius...*, p. 206.

¹⁶ Cf. COURTNEY, E. *A Commentary...*, p. 12.

¹⁷ Sobre a relação entre a obra de Juvenal e aquela de Pérsio, cf. BUSCAROLLI, C. *Persio studiato in rapporto a Orazio e Giovenale...* e SCIVOLETTO, N. *Presenza di Persio in Giovenale...*, p. 60-72.

A primeira sátira de Juvenal se ocupa principalmente dos problemas de composição e fornece a chave de leitura desejada pelo autor. Seria empobrecedor afirmar que Juvenal tenha escolhido a sátira por ser um gênero destinado unicamente a finalidades éticas e não poéticas, ou então que não se trataria de uma escolha devida a inclinações pessoais, mas a uma necessidade específica, enquanto um gênero no qual o poeta poderia dar vazão a toda a sua raiva¹⁸.

O verso *si natura negat facit indignatio uersum* (I, 79) introduz uma questão fundamental à discussão da poética de Juvenal. O que, à primeira vista, pode parecer uma afirmação de que, na composição da sátira, não seria necessário o talento poético, não corresponde absolutamente às críticas movidas pelo autor à literatura do seu tempo. Torna-se necessário, portanto, procurar esclarecer o verdadeiro significado do verso.

A palavra *natura* equivale aqui, indubitavelmente, a *ingenium*, e, dessa equivalência, se compreende que todo o discurso se volta para os problemas da *ars*, ou seja, os problemas da elaboração, da elocução, do estilo e da dignidade literária.

Horácio, na sua *Ars poetica*, postula que a obra bela não é resultado exclusivo do gênio e do trabalho, mas sim que, para produzi-la, é necessário o concurso seja da *natura*, seja da *ars*:

*Natura fieret laudabile carmen an arte,
quaesitum est; ergo nec studium sine diuite uena
nec rude quid prosit uideo ingenium alterius sic
altera poscit opem res et coniurat amice*¹⁹;

¹⁸ Segundo F. Bellandi, se a sátira de Juvenal tem toda a sua justificação na sua função exclusivamente moralística, de instrumento de denúncia ou ao menos de desabafo, é claro que não deve mais existir traço algum de preocupações estéticas; cf. BELLANDI, F. *Poetica dell' "indignatio" e "sublime" satirico in Giovenale...*, p. 74.; uma tal afirmação se demonstra extremamente infundada e superficial pela simples leitura do texto das sátiras, as quais demonstram ser inegavelmente o produto da preocupação artística do autor.

Em relação a isso, J. Bodoh afirma que apesar de existirem lapsos ocasionais de controle artístico em Juvenal, ele está longe de escrever tudo aquilo que vem a sua cabeça; cf. BODOH, J. J. *Artistic Control...*, p. 482.

¹⁹ Hor., *Ars Poet.*, 408-411.

“Já se questionou se o que torna um poema digno de elogio é a natureza ou a arte: eu não vejo de que serve a dedicação sem uma veia rica, nem o talento sem polimento; assim, uma coisa pede auxílio da outra, conspirando amigavelmente”.

Na sua décima sátira, Horácio questiona se teria sido a natureza pessoal de Lucílio, não inclinada a escrever bons versos (ou seja, a sua falta de talento), ou então a própria matéria da sua sátira, a qual se presta com dificuldade a ser transformada em poesia, que o teriam impedido a escrever versos melhores:

*Quid uetat et nosmet Lucili scripta legentis
quaerere num illius, num rerum dura negarit
uersiculos natura magis factos et euntis
mollius [...]?*²⁰;

“O que impede também a nós, leitores dos escritos de Lucílio, de investigar se a sua própria natureza ou o caráter áspero dos seus temas teriam lhe negado escrever versos mais perfeitos e mais fluidos”.

Provavelmente ele acredita que ambos os elementos tenham concorrido para diminuir o valor da poesia de Lucílio. Segundo Horácio, uma sátira que nasça diretamente da paixão e da inquietude do espírito, sem receber uma elaboração formal adequada, o que exigiria calma e meditação, não poderia constituir verdadeira poesia. Em suma, a submissão do verso de Juvenal a esses pré-requisitos horacianos seria suficiente para se afirmar que as suas sátiras não constituiriam verdadeira poesia. Porém, a intenção de Juvenal de pôr a sua poesia no mesmo plano daquela de Lucílio, uma poesia concebida como criação de primeiro impulso, não deve ser interpretada como uma demonstração de que declare abertamente uma intenção de não querer seguir os preceitos da *Ars poetica* de Horácio e, assim, não perder tempo com um inútil *labor limae*.

Convém insistir que Juvenal, demonstrando a sua adesão à sátira luciliana, uma sátira combativa, assim como o seu antecessor, defende de modo manifesto uma concepção da obra literária que refletirá a reação imediata do escritor diante da realidade.

²⁰ Hor., *Serm.*, I,10,56-59.

O critério da qualidade poética é introduzido por Juvenal, no âmbito da primeira sátira, no verso I,80: *qualecumque potest, quales ego uel Cluuienus*²¹. O resultado artístico obtido poderá ser sublime ou medíocre, dependendo da qualidade ou da mediocridade do escritor. É evidente que não se trata de uma declaração de incompetência da parte de Juvenal. A sua modéstia deve ser entendida como um procedimento retórico, propriamente uma *excusatio*, que, na verdade, constitui um elemento característico dos prefácios em geral.

A proclamação da *indignatio* como fonte imediata da própria poesia, proclamação veemente e estilisticamente tão eficaz, tem atraído a atenção dos intérpretes talvez demasiadamente, visto que nem sempre se evitou o risco da sua excessiva valorização.

P. Perelli faz referência a um crítico moderno, cujo nome porém não é mencionado²², que afirmaria a necessidade de se interpretar a palavra *indignatio* como um termo técnico próprio da retórica²³. O estudioso italiano afirma que, não obstante a sutileza de tal interpretação, essa não deve ser aceita por várias considerações: na sua opinião, inclusive para o leitor antigo, a *indignatio*, como um sentimento de desdém, dificilmente seria percebida; uma outra razão seria que, à falha da própria natureza (*ingenium*), Juvenal estaria contrapondo um outro elemento interior, ou seja, a *indignatio*. Segundo o estudioso, deve-se considerar que a *indignatio* da retórica não tem nenhuma relação com o sentimento interior, sendo essencialmente uma técnica formal, cujo objetivo é suscitar, nos outros, o sentimento²⁴.

²¹ Sobre este Cluviaenus, cf. HERRMANN, L. *Cluviaenus...*, p. 258-264, e MACKAY, L. A. *Notes on Juvenal*, p. 236-240.

²² P. Perelli talvez tivesse em mente W. S. Anderson; cf. PERELLI, P. *Protesta sociale e poetica nelle satire di Giovenale...*, p. 103.

²³ A *indignatio* juvenaliana é interpretada como um instrumento da tradição da retórica e oratória, da invectiva, da *vituperatio*. Anderson utiliza os escritos de Quintiliano na *Institutio oratoria* como representantes da boa teoria retórica tal como era ensinada em Roma e que certamente deveria ser familiar a Juvenal. Quintiliano descreve a utilidade da técnica retórica da *indignatio* como adequada a suscitar no leitor e no ouvinte um sentimento de desdém; cf. ANDERSON, W. S. *Essays on Roman Satire...*, p. 423-444.

²⁴ Cf. PERELLI, L. *Protesta sociale e poetica nelle satire di Giovenale...*, p. 103-104.

Nos estudos críticos da obra de Juvenal existe, geralmente, uma tendência a uma valorização exagerada da influência da retórica sobre seu estilo, o que leva comentadores como J. De Decker a procurar explicar sua obra através da retórica²⁵. Segundo De Decker, a maneira satírica de Juvenal seria caracterizada por um caráter retórico e declamatório e o seu aparato expressivo seria baseado nas regras da escola de declamação²⁶. Sobre esta questão, uma análise de matriz biográfica é fornecida por Highet, segundo o qual pode ser verificado, no que diz respeito às lamúrias de Juvenal, que a sua principal objeção às pessoas que constituem o alvo privilegiado das suas sátiras é que elas são ricas enquanto ele não, acrescentando-se ainda que se Juvenal não fosse pobre não teria tanta indignação²⁷.

Neste ponto torna-se necessário referir a «teoria da *persona*» como instrumento de análise da *indignatio* juvenaliana. Colocando em relevo a importância da distinção entre a pessoa do poeta e a personalidade dramática que o autor se atribuiria e colocaria em cena nas suas obras, Anderson propõe a teoria da *persona* satírica com a qual se poderia resolver algumas contradições nos juízos a respeito de Juvenal. Seu ponto de partida é um trabalho sobre a sátira inglesa do Renascimento, de A. Kernan, de que Anderson retoma a idéia de *persona satirica*, segundo a qual não é o próprio escritor da sátira, mas sim a voz que nela fala aquilo que seria realmente «satírico». Segundo Anderson²⁸, com o uso do termo «satírico» nesse sentido, poderiam ser evitados muitos erros nos quais incorrem aqueles que atribuem ao próprio escritor todas as idéias expressas pelo «satírico», criado pelo poeta precisamente com esse objetivo²⁹.

²⁵ Deve-se porém considerar que a partir da época de Augusto, com Ovídio e Horácio, os limites entre retórica e poesia são demasiadamente tênues; cf. BARTHES, R., *La retorica antica...*, p. 19-20.

²⁶ Esta é a tese central de DE DECKER, J., *Juvenalis Declamans...*

²⁷ Cf. HIGHET, G. *Juvenal, the Satirist...*, p. 51.

²⁸ A teoria de Anderson é apresentada no seu estudo: ANDERSON, W. S. *Anger in Juvenal and Seneca...*

²⁹ Logicamente, essa teoria entra em conflito com a opinião daqueles que não distinguem o autor da sua «*persona*» satírica e que procuram elaborar teorias sobre o seu exílio, sobre a sua pobreza ou sobre o seu comportamento em relação ao sexo, às mulheres, etc., como, por exemplo, Highet, Marmorale, Serafini.

O próprio Anderson informa que, segundo Kernan, todos os satíricos apresentam um caráter público e um caráter privado. O caráter público do poeta satírico residiria na sua própria apresentação como um homem honesto, sobre o qual não pesa nada absurdo. O caráter privado, por outro lado, seria mais complexo e poderia ser demonstrado por pelo menos cinco níveis de tensão vivenciados internamente pelo poeta: 1) ele é um simples falante, desprovido de qualidades artísticas, e faz amplo uso de recursos retóricos; 2) ele proclama a realidade daquilo que diz, no momento em que espontaneamente distorce, com ênfase, os fatos; 3) mesmo detestando o vício, ele demonstra um grande amor pelo sensacionalismo; 4) ainda que possua preocupações morais, o poeta satírico pode assumir um prazer sádico ao atacar as suas vítimas; 5) sóbrio e racional, freqüentemente adota as mais aberrantes atitudes irracionais³⁰.

Não obstante o interesse suscitado por esta teoria, algumas críticas muito pertinentes lhe foram feitas. K. McCabe faz uma séria restrição a sua fundamentação com base nas «tensões»: elas não seriam aplicáveis a todas as sátiras ou mesmo a todos os satíricos; algumas tensões seriam tão genéricas que se poderiam aplicar a todo o gênero humano; outras constituiriam critérios demasiadamente subjetivos que não poderiam ser empregados como argumentos conclusivos³¹. Inclusive Highet, vinte anos depois da publicação do seu *Juvenal, the Satirist*, talvez para se defender das muitas críticas suscitadas pelo seu livro, escreve um artigo onde, além de justificar as suas idéias, critica a tese de Anderson. Highet argumenta que um autor não cria uma «persona» etiquetada com a advertência de ser diverso daquela «persona», mas sim transmite aos ouvintes e leitores vívida e diretamente os seus próprios defeitos, tensões, aspirações e esperanças³². Já o estudioso norueguês B. Fruelund Jensen afirma que uma aplicação muito rígida da teoria de Anderson à interpretação das sátiras de Juvenal poderia perfeitamente levar a resultados fundados sobre evidências inconsistentes³³.

³⁰ Cf. ANDERSON, W. S. *Anger in Juvenal and Seneca...*, p. 293.

³¹ Cf. MCCABE, K. *Was Juvenal a Structuralist?...*, p. 81.

³² Cf. HIGHET, G. *Masks and Faces in Satire...*, p. 321-337.

³³ Cf. FRUELUND JENSEN, B. *Crime, Vice and Retribution in Juvenal's Satires...*, p. 156.

Os fatores distanciamento e ironia da parte do poeta têm se revelado bastante profícuos na análise das sátiras³⁴. Sobre a ironia, R. Marache, por sua vez, afirma que o personagem do satirista não é criado voluntariamente, mas resulta da atitude do poeta, que às vezes joga, quer com ironia, quer com os recursos do grande estilo, sendo levado a dizer o contrário daquilo que deseja realmente sugerir e, suprimindo a sua própria personalidade, a mascara sem se preocupar em criar um personagem coerente³⁵. Como bem observou La Penna³⁶, não se deve fazer um uso desmedido do conceito de *persona* a ponto de sustentar, como faz Anderson, que Juvenal queira demonstrar o contrário daquilo que explicitamente diz. Uma outra contribuição importante para o esclarecimento do significado da *indignatio* juvenaliana foi dado por Duret, segundo o qual seria mais lógico permanecer no domínio da sátira para se tentar explicar o personagem do poeta satírico. A revolta de Juvenal adquire o seu sentido de contraste com o tom benevolente de Horácio nos *Sermones*. O autor conclui que Juvenal concebeu o personagem do poeta indignado como a antítese do personagem de um conselheiro³⁷ representado pelo seu predecessor.

Mas a ira e a *indignatio* que Juvenal expressa podem também ser julgadas em um contexto histórico e, quando se realiza essa operação, fica claro que toda a raiva do satírico em relação ao passado, especialmente envolvendo os imperadores anteriores, os seus hábitos e instituições, está em perfeita harmonia com a propaganda denigrativa do período no qual viveu³⁸.

Uma das características mais impressionantes da propaganda literária sob Trajano e Adriano foi o tratamento derrisório ao qual

³⁴ Sobre o uso da ironia em Juvenal, cf., principalmente, ROMANO, A. C. *Irony in Juvenal...*, um livro no qual a autora individualiza, explica e classifica todas as formas de ironia presentes nas sátiras do autor. Além dessa, tratam o mesmo assunto MARACHE, R. *Rhétorique et humour chez Juvénal...* e DE SAINT-DENIS, E. *Essais sur le rire et le sourire des latins...*, p. 224-236.

³⁵ Cf. MARACHE, R. *Juvénal - peintre de la société de sons temps...*, p. 600.

³⁶ Cf. LA PENNA, A. *Il programma poetico di Giovenale...*, p. 252.

³⁷ Cf. DURET, L. *Juvénal réplique à Trébatius...*, p. 215.

³⁸ Cf. RAMAGE, E. S. *Juvenal and the Establishment...*, p. 669-670.

muitos dos imperadores precedentes foram submetidos. Essa derrogação do predecessor era parte de uma tradição que remonta ao período republicano e o seu objetivo era simplesmente fazer o governante em exercício parecer superior através do contraste com os seus predecessores. A indignação de Juvenal responderia, assim, à atualidade. Essa forma de sátira retrospectiva lhe permitiria unir-se a Marcial, a Tácito e Plínio o Jovem, que maculavam a memória dos maus imperadores com a intenção de prestar homenagem aos seus sucessores³⁹.

Deve-se porém recordar uma outra particularidade de Juvenal, característica comum também a Lucílio, Horácio e Pérsio: o emprego de um interlocutor imaginário que tem como função recordar ao satírico a necessidade da prudência no ataque às pessoas⁴⁰. O interlocutor imaginário é utilizado na primeira sátira precisamente para aconselhar ao autor o uso de cautela, advertindo o poeta sobre os possíveis perigos e punições que poderiam advir da designação direta dos autores dos crimes que pretende tratar. O interlocutor se vale da pintura de um quadro realístico da sorte reservada ao poeta, caso as suas críticas suscitasse a menor suspeita entre as pessoas do alto escalão. Esse personagem recorda o caso de um certo Tigelino, talvez um potente ministro de Nero, o qual infligiu punições terríveis aos antigos cristãos:

*pone Tigillinum, taeda lucebis in illa
qua stantes ardent qui fixo gutture fumant,
et lutum media sulcum deducit barena* (I, 155-157).

“Fala de Tigelino, e tu arderás sobre aquela fogueira na qual se queimam de pé, amarrados pelo pescoço, aqueles que se tornam fumaça, e que faz um largo sulco no centro da arena”.

Diante dessa imagem terrificante, Juvenal declara a sua intenção de satirizar somente os mortos:

*...experiar quid concedatur in illos
quorum Flaminia tegitur cinis atque Latina* (I, 170-171).

³⁹ Cf. DURET, L. *Juvénal réplique à Trebatius...*, p. 216.

⁴⁰ Cf. COURTNEY, E. *A Commentary...*, p.83, WITKE, Ch. *Latin Satire...*, p. 124-126.

“Tentarei aquilo que é permitido dizer contra aqueles cujas cinzas estão sepultadas ao longo da via Flamínia e da via Latina”.

A interpretação do significado destes dois versos não encontra consenso entre os estudiosos e comentadores, constituindo um outro motivo de polêmica⁴¹. A controvérsia consiste, fundamentalmente, em interpretar se o poeta, declarando não ter a intenção de atacar os mortos, demonstraria ou não uma certa incoerência em relação ao programa inicialmente apresentado.

Baldwin afirma que os últimos dois versos da primeira sátira não deveriam necessariamente significar que Juvenal tivesse a intenção de limitar os seus ataques aos mortos, mas eles poderiam sugerir que ele se sente seguro atacando nobres e oficiais como os Lamia (IV,154) e oficiais como Gilão (I,40), embora não tanto em relação a favoritos de baixa origem, guardas pretorianos ou outros tipos desse gênero⁴².

Segundo a estudiosa C. E. Lutz, várias seriam as alternativas possíveis aos satíricos que são obrigados a fazer uso de nomes de pessoas: a primeira seria o uso de «*type names*»; outra seria o uso de nomes de personagens históricos em situações contemporâneas; a terceira, a utilização de personagens históricos que se tornaram representantes de um «tipo»; e, finalmente, a quarta, usar nomes reais de pessoas vivas⁴³.

Juvenal, conforme diz por sua vez E. Courtney, faz parte de um grupo de escritores que, seguindo um recurso retórico, evitam referimentos contemporâneos e utilizam nomes como *exempla* para assim fornecer a realização concreta dos vícios que se deseja atacar⁴⁴. S. G. Griffith, a propósito disso, recorda que os *exempla*, utilizados

⁴¹ Sobre as diversas tentativas de resolução deste problema, cf. COFFEY, M. *Roman Satire...*, p. 136-137; COURTNEY, E. *A Commentary...*, p. 11, 32, 80, 82; GÉRARD, J. *Juvénal et la réalité contemporaine...*, p. 24-26; HIGHET, G. *Juvenal, the Satirist...*, p. 52-57.

⁴² O estudioso, após algumas conjecturas, conclui que o estado do texto não oferece fundamentos a nenhuma interpretação segura e definitiva; cf. BALDWIN, B. *Cover-Names and Dead Victims in Juvenal...*, p. 304-312.

⁴³ Cf. LUTZ, C. E. *Any Resemblance...*, p. 116.

⁴⁴ Cf. COURTNEY, E. *A Commentary...*, p. 32.

reiteradamente pela retórica, tinham muito mais força de significado para os romanos do que para nós⁴⁵.

Considerando a questão a partir desses diversos pontos de vista, uma interpretação não redutiva dos versos implicaria considerá-los, de um lado, como logicamente orientados por motivos pessoais, ou seja, uma opção por não incorrer em nenhum risco e, conseqüentemente, em nenhuma condenação provocada por críticas abertas, declaradamente direcionadas a personagens poderosos da época; e, por outro lado, por motivos literários, ou seja, pelo sentido que se deve atribuir à advertência, presente na primeira sátira, de que o ouvinte ou o leitor, por trás dos mortos, deve reconhecer os vivos.

A essa altura torna-se necessário acrescentar que Juvenal deseja sugerir, por meio dos seguintes versos

*...rubesce auditor cui fugida mens est
criminibus, tacita sudant praecordia culpa.
Inde ira et lacrimae...* (I, 166-168),

“enrubesce o ouvinte se o seu espírito é atormentado por crimes, se as entranhas suam por uma tácita culpa, daí o furor e as lágrimas”,

que o perigo não se encontra somente em se declarar abertamente o nome daquele que se deseja atacar, mas também no fato de que, mesmo sem ser denominado, o «criminoso» se reconheça e se identifique em algum episódio à primeira vista associado àqueles *quorum Flaminia tegitur cinis atque Latina*⁴⁶.

A declaração da intenção de atacar os mortos não deve porém ser vista como uma mera opção por uma maior segurança pessoal. Se assim fosse, o poeta não teria contraposto a sátira invectiva à épica, naquilo que se relaciona à condição de segurança que, segundo o autor, seria proveniente da esterilidade e do esvaziamento dos temas tratados pelos escritores que optaram por escrever epopéias:

*securus licet Aenean Rutulumque ferocem
commitas, nulli grauis est percussus Achilles
aut multum quaesitus Hylas urnamque secutus* (I,162-164);

⁴⁵ Cf. GRIFFITH, S. G. *The Ending of Juvenal's First Satire and Lucilius Book XXX...*, p. 58.

⁴⁶ Iuuen., I, 171.

“Podes tranqüilamente pôr em combate Enéas ou o feroz Rútulo, a ninguém incomoda a morte de Aquiles ou a longa procura de Hilas no encalço da ânfora”.

A conclusão à qual se pode chegar é que os argumentos da sátira são tão universais e arquetípicos que, mesmo que o poeta advirta seu público de que tratará somente de pessoas já desaparecidas, a um indivíduo contemporâneo, que tivesse as mesmas culpas, seria perfeitamente possível a identificação e o auto-reconhecimento.

Há quem veja na obra de Juvenal a intenção de fornecer à sátira um tom elevado, que não lhe é peculiar. Tal ponto de vista, aparentemente, seria confirmado pelos versos 634-637 da sexta sátira:

*fingimus haec altum satira sumente coturnum
 scilicet, et finem egressi legemque priorum
 grande Sophocleo carmen bacchamur biatu,
 montibus ignotum Rutilus caeloque Latino? (VI, 634-637);*

“criamos todas essas coisas com a sátira que coloca o alto coturno, naturalmente, e, também tendo saído dos limites e das regras dos antecessores, gritamos como as bacantes, com a grande boca de Sófocles, um canto sublime e desconhecido aos montes rútuos e ao céu latino”.

Muitos estudiosos consideram esses versos como uma declaração de mudança de estilo: Juvenal admitiria a adoção de um estilo mais vizinho à tragédia. Anderson, por exemplo, afirma que, na primeira sátira, ele teria proclamado que a sátira, como gênero literário, poderia substituir a tragédia, a épica e todos os outros tipos de poesia elevada⁴⁷. É possível acreditar, porém, que uma afirmação como essa seja extrapolação, já que, em toda sua obra, Juvenal insiste em dizer que não deseja que a sua sátira seja igual à poesia elevada ou que possa substituí-la. Na minha opinião, o autor insiste que a tragédia e a épica, em razão do seu caráter fictício, não são gêneros adequados à denúncia dos vícios da sociedade contemporânea.

Já F. Bellandi⁴⁸ afirma que Juvenal realmente não teria abandonado a realidade cotidiana pela fantasia, mas igualmente teria

⁴⁷ Cf. ANDERSON, W. S. *Essays on Roman Satire...*, p. 251.

⁴⁸ Cf. BELLANDI, F. *Poetica dell' "indignatio" e "sublime" satirico in Giovenale...*, p. 53-94. Contudo se pode observar que o próprio Bellandi, no mesmo artigo, critica Juvenal por não escrever versos estilisticamente cuidados e polidos.

traído a lei da sátira, uma vez que, estilisticamente, representa essa realidade em uma forma nova, substituindo o estilo humilde, o léxico e a construção sintática familiares com um tom solene e elevado. Existem também outros estudiosos que, ao contrário, recusam a idéia da passagem da poesia de Juvenal a um plano mais elevado que o de seus predecessores. Entre esses, pode-se apontar Warren Smith, que adota uma posição mais cauta em relação à questão: Juvenal, na sexta sátira, reafirma a sua adesão às convenções da sátira tradicional e, quando o satírico veste crimes contemporâneos com indumentos trágicos, é para suscitar o riso e não para demonstrar que queria se aproximar do teatro trágico⁴⁹. Em toda essa polêmica, certamente inovadora é a afirmação de La Penna: Juvenal teria chegado menos raramente ao sublime por uma outra via, evocando a Roma arcaica, aquela dos costumes puros e das grandes virtudes⁵⁰.

Pessoalmente, acredito que, para compreender melhor o posicionamento do autor, os versos VI,634-638 devem ser contextualizados, ou melhor, conectados aos anteriores⁵¹, nos quais ele discorre sobre as mulheres que envenenam seus maridos e enteados. O poeta insiste que argumentos como esses, tratados pela sátira, correspondem à realidade, fazem parte da crônica romana contemporânea: Seria portanto totalmente ilógico imaginar que Juvenal queira dar a entender que deseja para a sua sátira o prestígio da tragédia. Ele simplesmente quer dizer que a realidade verdadeira apresentada pela sátira supera

⁴⁹ Cf. SMITH, W. S. *Heroic Models for the Sordid Present: Juvenal's View of Tragedy...*, p. 822; sobre essa questão, a leitura do seu artigo é imprescindível.

⁵⁰ Cf. LA PENNA, A. *Il programma poetico di Giovenale...*, p. 254.

⁵¹ *oderunt natos de paelice; nemo repugnet,
nemo uetet, iam iam priuignum occidere fas est.*

*uos ego, pupilli, moneo, quibus amplior est res,
custodite animas et nulli credite mensae:*

liuida materno ferunt adipata ueneno (VI,627-631);

“Odeiam os filhos da primeira mulher, ninguém opõe resistência, ninguém proíbe: é lícito há tempos matar o enteado. Eu vos aconselho, pupilos, que possuem um patrimônio maior, protegerem as vossas vidas e não confiarem em nenhuma mesa: fervem-se doces lívidos de veneno materno”.

totalmente os temas mitológicos tratados pela tragédia: as Medéias da sátira não pertencem ao mito, mas à realidade.

Para confirmar que, na sexta sátira, Juvenal está reafirmando a sua adesão às convenções da tradição satírica, podem ser lembrados alguns versos da sátira XV, nos quais o poeta afirma que nenhum crime abordado pela tragédia pode ser comparado aos exemplos de crueldade do seu tempo:

*nam scelus, a Pyrrha quamquam omnia sormata uoluas,
nullus apud tragicus populus facit. Accipe, nostro
dira quod exemplum feritas produxerit aeuo (XV, 30-33);*

“Ainda que revires todas as tragédias, desde o tempo de Pirra, certamente nenhum povo, nas peças trágicas, cometeu tal crime. Ouça que exemplo produziu, na nossa época, a funesta crueldade”.

Esses versos, colocados juntos aos da sátira VI citados anteriormente, confirmam o propósito da não adesão aos gêneros elevados, como a tragédia, e reforçam a opinião do poeta sobre a própria sátira, ou seja, um gênero apto a retratar a realidade da vida cotidiana, com os seus abusos e vícios, os episódios de perversão, que aconteciam em Roma, no Egito, ou em outro lugar qualquer. Além disso, o próprio Juvenal, que não aceita absolutamente a adoção dos gêneros da épica e da tragédia, afirma que seria realmente um absurdo ver refletidos na sociedade do seu tempo os temas trágicos: o crime contemporâneo não se presta a comparações com os crimes do mito.

Capítulo IV

As sátiras

4.1. Principais temas da sátira de Juvenal

Geralmente, as sátiras, mesmo priorizando um assunto, apresentam, como é característico do gênero literário, outros temas que se sobrepõe ao principal. Por essa razão, considero oportuno fazer uma análise de cada sátira, ilustrando, quando for pertinente, com alguns dos versos mais significativos.

Sátira I

A primeira sátira⁵², por ser programática, já foi bastante discutida nos capítulos anteriores.

⁵² Na bibliografia consultada, referem-se particularmente à primeira sátira: BALDWIN, B. *Cover-Names and Dead Victims in Juvenal...*; BERTMAN, S. *Fire Symbolism in Juvenal's First Satire...*; CAMERON, A. *Notes on Juvenal...*; CLAUSEN, W. *Two Notes on Juvenal...*; COLBURN, G. B. *Juvenal I, 111...*; COPLEY, F. O. *Juvenal, Sat. I, 147-150...*; DAMSTÉ, P. H. *Juvenal Sat. I, 85...*; EDEN, P. T. *Comments on Juvenal from Seneca and Others...*; GRIFFITH, J. G. *Varia Iuvenaliana...*; HAMMER, J. *Note sur Juvénal I, v. 74...*; HARRISON, E. *Juvenal I. 81-89...*; HARTMAN, J. J. *Ad Iuvenalem I, 160...*, IDEM, *De Iuvenalis satirae I vs 108...*; HERRMANN, L. *Chuviaenus...*; HIRST, G. *Juvenal III, 13-*

Juvenal se lamenta da monotonia das recitações literárias que constam sempre de comédias togatas, tragédias, epopéias e elegias, nas quais os argumentos tradicionais se repetem, monotonamente, à exaustão.

Após esse lamento, proclama a sua intenção de adotar a sátira, o mesmo gênero adotado pelo *magnus Aruncae alumnus*, ou seja, Lucílio. O verso 21 (*si uacat ac placidi rationem admittitis, edam*: “se tendes tempo e tranqüilos escutais, enumerarei”) preanuncia a série de motivos que o conduzirão a adotar a sátira: eunucos que se casam, mulheres que participam dos exercícios dos gladiadores, libertos enriquecidos (vv. 22-29). Depois desse pequeno elenco, Juvenal profere o já mencionado *difficile est saturam non scribere* (v. 30).

Prossigue com a descrição dos tipos corruptos: causídicos delatores, caçadores de testamentos, tutores que roubam os pupilos, administradores que saqueiam as províncias, maridos que pretendem tornar-se herdeiros dos amantes das esposas, a nobreza arruinada e degenerada, falsificadores de testamentos, mulheres que matam com veneno.

Em seguida à pequena digressão contida nos versos 81-86, o autor apresenta o último elenco de temas susceptíveis de serem tratados pelo gênero satírico: a avareza, os jogos de azar, o clientelismo, a gula.

Próximo ao fim da composição, um interlocutor imaginário interpela o poeta e pergunta-lhe se ele terá o talento necessário para afrontar tais argumentos e se demonstrará a mesma franqueza dos antigos:

*...dices hic forsitan “unde
ingenium par materiae? unde illa priorum
scribendi quodcumque animo flagrante liberet
simplicitas? [...]” ... (I,150-153);*

...“dirá por acaso alguém: ‘de onde virá o talento suficiente à matéria? de onde virá aquela ingenuidade com a qual os antigos escreviam livremente tudo aquilo que consumia a sua mente? [...]’ ”.

Além disso, o interlocutor adverte o poeta sobre os riscos que muito provavelmente deverá enfrentar quem ataca determinados indivíduos. O poeta então, diante de tais advertências, anuncia a sua decisão de atacar somente os mortos.

16...; KIDD, D. A. *Juvenal 1. 149 and 10. 106-7...*; MACKAY, L. A. *Notes on Juvenal...*; TOWNEND, G. B. *Juvenal's Automedon...*; VAN WAGENINGEN, I. *Magni delator amici (Ad Iuv. I. 34)*...

Sátira II

Pode-se indicar como seu tema geral⁵³ a homossexualidade e os efeminados, embora não organizado em uma forma lógica e sistemática.

A sátira se abre com um ataque aos falsos filósofos, homens que, mesmo exibindo publicamente a aparência e as maneiras dos estóicos, secretamente cultivam os piores vícios. À primeira vista se pode pensar que se tratará da hipocrisia desses filósofos, que pregam a moralidade mas vivem em meio à dissolução:

qui Curios simulant et Bacchanalia uiuunt... (II,3);

“aqueles que se fingem de Cúrios mas vivem em bacanais”.

Entretanto, desses falsos filósofos é condenada tanto a imoralidade do homossexual:

*...sed peiores qui talia uerbis
Herculis inuadunt et de uirtute locuti
clunem agitant...* (II,19-21);

“mas piores são aqueles que se lançam contra tais coisas com palavras de Hércules e que, depois de falarem sobre a virtude, balançam o traseiro”.

quanto a imoralidade do heterossexual:

ubi nunc, lex Iulia, dormis? (II,37)⁵⁴;

“onde estás agora, lei Júlia, dormes?”.

É interessante observar que Juvenal utiliza uma mulher, de nome Larônia, para, através de comparações com os homens, defender o sexo feminino. Segundo essa personagem, os homens concentram os

⁵³ Na bibliografia consultada, referem-se particularmente à sátira segunda: CLAUSEN, W. *Two Notes on Juvenal...*; COLTON, R. E. *Juvenal's second satire and Martial...*; HOUSMAN, A. E. *Tunica retiarii...*

⁵⁴ Juvenal recorda aqui a *Lex Iulia de adulteris et stupro vel de pudicitia* promulgada por Augusto em 18 a. C. e retomada por Domiciano, cf. CUQ, E. v. *Lex*, em *DAGR...*, III, p. 1149.

seus ataques às mulheres utilizando *lex et iura*, mas não atacam, ao contrário, os próprios homens, porque entre esses seria muito grande o número daqueles que manteriam relações homossexuais, tanto que se defenderiam um ao outro. Servindo-se de uma *sententia*, o poeta sintetiza assim a revolta de Larônia:

magna inter molles concordia... (II, 47);

“Grande entre os frouxos é a harmonia”.

Na seqüência, Juvenal passa do tema da hipocrisia ao da degeneração da aristocracia romana, representada pelas figuras de Crético, de Oto e de Graco. Crético perora com uma veste de tecido transparente e, brevemente, entrará como membro em uma confraria de homens que celebram, como as mulheres, os mistérios da *Bona Dea*⁵⁵:

*...accipient te
paulatim qui longa domi redimicula sumunt
frontibus et toto posuere monilia collo
atque bonam tenerae placant abdomine porcae
et magno cratere deam...* (II, 83-87);

“pouco a pouco te receberão aqueles que em casa usam faixas em torno à testa e colocam colares em todo o pescoço e aplacam a Boa Deusa com o ventre de uma leitoa e uma grande taça de vinho”.

Inclusive o imperador Oto é recordado por causa dos seus hábitos efeminados:

*nimirum summi ducis est occidere Galbam
et curare cutem, summi constantia ciuis* (II, 104-105);

“sem dúvida é próprio do sumo comandante matar Galba e cuidar da pele, firmeza de caráter do sumo cidadão”.

⁵⁵ Um homem ou qualquer animal macho, e mesmo a sua simples representação em imagem, eram severamente excluídos do culto à *Bona Dea*; a contravenção devia ser punida com a cegueira; cf. SAGLIO, E. v. *Bona Dea* in *DAGR*, III, p. 1149.

Graco, por sua vez, é um nobre que esposou um músico:

*quadringenta dedit Gracchus sestertia dotem
cornicini...* (II,117-118)⁵⁶;

“Graco ofereceu como dote quatrocentos mil sestércios a um corneteiro”.

Os três personagens são empregados como exemplos de ofensa aos princípios de boa conduta em relação à religião, à família e ao exército, baluartes da sociedade romana. Na conclusão da sátira, o poeta diz que se os reinos subterrâneos e os manes realmente existem⁵⁷, o que não deveria sentir a alma de tantos bravos guerreiros, quando entre eles chegasse o espectro de um daqueles degenerados.

Sátira III

A sátira terceira⁵⁸ constitui praticamente um longo monólogo endereçado a Juvenal. O poeta cede a palavra a um amigo que está

⁵⁶ Juvenal dá ênfase ao absurdo do fato, colocando Graco no papel da esposa, como se pode observar no uso da expressão *•dedit dotem•*; sobre o valor e o significado do dote na sociedade romana, cf. CARCOPINO, J. *La vita quotidiana a Roma...*, p. 92-119. É possível que esse Graco seja o mesmo que aparece nas vestes de um gladiador nos versos 143-148; deve-se considerar que essa era uma das profissões consideradas mais vis, cf. HIGHET, G. *Juvenal the Satirist...*, p. 62-63.

⁵⁷ Muito interessante observar a idéia de *religio* que pode ser constatada nos versos 149-152 da segunda sátira, nos quais Juvenal afirma que na existência dos manes e dos reinos subterrâneos (*nec pueri credunt, nisi qui nondum aere lavantur*; II, 152: “nem os meninos acreditam, nem mesmo aqueles que não pagam para freqüentar os banhos”).

⁵⁸ Na bibliografia consultada, referem-se particularmente a sátira III: BURGE, E. L. *Juvenal 3. 90-91...*; CAMERON, A. *Notes on Juvenal...*; COLTON, R. E. *Echoes of Martial in Juvenal's Third Satire...*; EDEN, P. T. *Iuvenalia...*; GRIFFITH, J. G. *Varia Iuvenaliana...*; HIRST, G. *Juvenal III, 13-16...*; KILLEEN, J. F. *Juvenal III, 33...*; MOELLER, W. O. *Juvenal III 29-40 and 152-9...*; MOTTO, A. L.; CLARK, J. R. *Per iter tenebricosum: The Mythos of Juvenal 3...*; NUTTING, H. C. *Three Notes on Juvenal...*; REINMUTH, O. W. *The Meaning of ceroma in Juvenal and Martial...*; WITKE, Ch. *Juvenal 3, an Eclogue for the Urban Poor...*

deixando Roma, tornada inabitável para um homem honesto mas pobre, transferindo-se para Cumas.

No atual estado dos nossos conhecimentos, é impossível demonstrar se Umbrício realmente existiu ou se é um mero personagem. Alguns estudiosos inclinados a ligar a sátira à vida de Juvenal têm procurado resolver essa difícil questão.

Segundo E. Courtney, Juvenal põe a denúncia da impossibilidade da vida em Roma na boca de uma pessoa que considera a cidade tão intolerável a ponto de deixá-la porque, mesmo que ele próprio tenha já expresso o seu desejo de mudar⁵⁹, existe uma relação de amor e ódio que o liga à cidade. Assim, seria realmente uma incoerência ele mesmo denunciar o quanto Roma se tornou insuportável e, ao mesmo tempo, continuar a residir na cidade⁶⁰.

Juvenal inicia a sátira exprimindo a sua tristeza pela partida do amigo, mas elogiando a sua decisão de ir embora para Cumas. Segundo o poeta, a solidão e o isolamento seriam preferíveis aos constantes perigos aos quais qualquer um está sujeito em Roma:

*nam quid tam miserum, tam solum uidimus, ut non
deterius credas horrere incendia, lapsus
tectorum adsiduos ac mille pericula saevae
urbis et Augusto recitantes mense poetas?* (III,6-9);

“o que vimos de tão miserável e desolado a ponto de não considerarmos pior temer os incêndios, os desabamentos freqüentes das casas e os mil perigos da cidade cruel além dos poetas que recitam no mês de agosto?”.

Deve-se observar que Juvenal inclui entre os perigos da cidade as *recitationes* dos poetas, ressaltando, mais uma vez, o caráter monótono e extremamente tedioso dessas leituras públicas⁶¹.

⁵⁹ *Ultra Sauromatas fugere hinc libet et glaciale*

Oceanum quotiens aliquid de moribus audent (II, 1-2).

“Desejaria fugir daqui para além dos sármatas e do oceano glacial toda vez que se ousa dizer algo sobre os costumes”.

⁶⁰ Cf. COURTNEY, E. *A Commentary...*, p. 151.

⁶¹ Deve-se observar a ironia com a qual ele finaliza os exemplos dos perigos de Roma, rompendo assim o caráter dramático dos exemplos iniciais.

Juvenal demonstra a sua nostalgia ao verificar as mudanças ocorridas em alguns dos lugares por onde ele e o amigo Umbrício passam. Por meio dos advérbios *hic* e *nunc*, que são as primeiras palavras dos versos, o autor indica as diferenças das paisagens do tempo presente em relação àquelas de tempos passados:

*hic, ubi nocturnae Numa constituebat amicae
(nunc sacri fontis nemus et delubra locantur
Iudaeis, quorum cophinus fenumque⁶² supellex
I[...]) (III,12-14);*

“aqui, onde Numa se encontrava com a amiga noturna (agora o bosque da fonte sagrada e os templos são alugados aos judeus cujos pertences são o cesto e o feno [...])”.

Nos versos seguintes, é possível sentir a preocupação do poeta com a intervenção humana nas paisagens naturais, sendo que nos versos 15 e 16 é possível verificar claramente uma denúncia ecológica:

*omnis enim populo mercedem pendere iussa est
arbor et eiectis mendicat silua Camenis... (III,15-16);*

“pois toda árvore é obrigada a pagar ao povo uma taxa e a floresta, tendo sido expulsas as Musas, pede esmola”.

Em seguida à introdução, Juvenal passa a palavra ao amigo, que faz um elenco das dificuldades da sobrevivência em Roma. Segundo Umbrício, os trabalhos honestos não proporcionariam mais os meios de subsistência. Em Roma, nos seus dias, seriam os especuladores, os aduladores, as pessoas sem escrúpulos que dominariam tudo, e, entre esses, Umbrício se sente *mancus et extinctae, corpus non utile, dextrae* (“maneta, corpo inútil, com a mão direita paralisada; III, 48).

⁶² Sobre o uso de *cophinus* e *fenum*, L. Dunbabin afirma que Friedländer adapta a explicação de um escoliasta, afirmando que os judeus embrulham sua comida ainda quente em toalhas de linho e depois na palha e colocam-na em cestas, para mantê-la quente para o *Sabbath*; Duff tem dúvidas se isso era realmente praticado, cf. DUNBABIN, R. L. *Notes...*, p. 111.

Também o estrangeiro é indicado como um elemento pernicioso, sobretudo os gregos, alvos das críticas mais duras de Umbrício. Após ter citado uma série das mais variadas atividades praticadas por um único grego, ele conclui o trecho recordando o caso de Dédalo e Ícaro:

*in summa non Maurus erat neque Sarmata nec Thrax
qui sumpsit pinnas, mediis sed natus Athenis* (III,79-80);

“em resumo, não era mouro, nem sármata, nem trácio, quem inventou para si asas, mas um nascido em plena Atenas”.

Umbrício prossegue a sua investida contra os gregos e, em seguida ao atributo *adulandi gens prudentissima* (“raça extremamente hábil em adular”; v. 86), acrescenta que os gregos seriam uma *natio comoeda* (“nação de comediantes”; v. 100), ou seja, estariam continuamente representando:

*...rides, maiore cachinno
concutitur, flet, si lacrimas conspexit amici,
nec dolet; igniculum brumae si tempore poscas,
accipit endromidem; si dixeris “aestuo”, sudat* (III,100-103);

“tu ris, ele se chacoalha com uma gargalhada maior; chora se viu lágrimas do amigo, mas não sofre; se no inverno pedes o pequeno fogareiro, ele veste o manto; se disseres ‘sinto muito calor’, ele sua”.

O autor encerra os comentários sobre os gregos dizendo:

*non est Romano cuiquam locus hic, ubi regnat
Protogenes aliquis uel Dipbilus aut Hermarchus* (III, 119-120);

“Não existe aqui lugar para nenhum romano onde reina um certo Protógenes, ou Dífilo, ou Hermarco”.

Em seguida, sempre através da voz de Umbrício, passa-se a narrar a difícil vida de um pobre em uma sociedade que valoriza somente quem possui dinheiro. O autor cita os incêndios como um dos riscos que um habitante de Roma deverá enfrentar, mas o pobre terá que enfrentá-lo bastante diversamente do rico, pois, na verdade, uma vez que tenha perdido aquele pouco que possuía, nenhuma ajuda lhe será ofertada; já o rico, caso sua casa tenha caído ou tenha sido

destruída pelo fogo, recebe todas as atenções: enquanto a sua casa ainda queima, de todas as partes lhe chega a solidariedade daqueles que vêm lhe oferecer mármore preciosos, obras de arte, livros e prataria.

A narração prossegue com um elenco dos desconfortos da cidade. Durante o dia, as ruas repletas de gente, os acidentes com os carros que transportam madeira e pedras, o barulho infernal dos rebanhos; à noite, os vasos que caem das janelas, os bêbados belicosos, os assaltos, todos os riscos dos quais os ricos, com suas grandes comitivas e com suas lâmpadas de bronze, estão muito mais protegidos.

Os pobres, ao contrário, estão sujeitos a todos os perigos:

*libertas pauperis haec est:
pulsatus rogat et pugnīs concisus adorat
ut liceat paucis cum dentibus inde reuerti* (III, 299-301);

“A liberdade do pobre é esta: ferido pede, e derrubado pelos golpes implora que lhe seja permitido voltar para casa com alguns dentes”.

Por fim, Umbrício interrompe a enumeração das razões que o convenceram a deixar Roma, dizendo que é chegada a hora de partir, mas acrescenta que:

his alias poteram et pluris subnectere causas (III, 315);

“a esses vários motivos poderia acrescentar outros”.

Sátira IV

A quarta sátira⁶³ é composta por duas partes nitidamente distintas. A primeira é um ataque a Crispino, cuja impudência é criticada também na primeira sátira (vv. 26-29), no fim do qual o autor introduz, a título de comparação⁶⁴, o imperador Domiciano que, após

⁶³ Na biografia consultada, referem-se particularmente à quarta sátira: BOWER, E. W. *Notes on Juvenal and Statius...*; EDEN, P. T. *Iuvenalia...*; HELMBOLD, W. C.; O'NEIL, E. N. *The Structure of Juvenal IV...*

⁶⁴ Segundo HELMBOLD, W. C.; O'NEIL, E. N. *The structure...*, p. 68, o contraste e a comparação são as forças unificadoras da quarta sátira, a base de fato da sua estrutura.

três versos de transição, ocupa o restante do poema, ou seja, toda a segunda parte. Em seguida à série de ataques aos vícios de Crispino, o poeta afirma que irá tratar *de factis levioribus* (“sobre fatos mais leves”; v. 11). Crispino teria comprado um peixe, um *mullum*, de seis libras de peso, por mil sestércios, e o teria comido sozinho, sem dividi-lo com ninguém. A transição para a seção dedicada a Domiciano é feita através dos versos 34-36. Trata-se de uma invocação a Calíope e às Pérides para que o favoreçam na nova empreitada, tudo uma paródia óbvia do estilo épico, com o que o poeta deseja colocar em relevo o contraste ridículo entre a solenidade de uma deliberação, para a qual Domiciano convoca os seus conselheiros⁶⁵, e a banalidade do argumento a ser discutido, ou seja: o que se fazer com um peixe (um *rhombum*) oferecido ao imperador, uma vez que esse era muito maior do que qualquer bandeja de que se dispunha⁶⁶.

Os membros do conselho vêm caracterizados um a um segundo a ordem na qual entram na sala. O primeiro é um certo Pégaso, que em *omnia quamquam temporibus diris tractanda putabat inermi iustitia* (“julgava dever tratar tudo, apesar dos tempos cruéis, com justiça, sem uso da força”; vv. 79-81); o segundo é Crispo (vv. 81-93), que não exprimia suas opiniões por amor à própria vida; o terceiro, Acílio (vv. 94-96), chega com o filho que pouco mais tarde será condenado à morte pelo imperador; seguem-se Rúbrio, *ignobilis et reus offensae ueteris* (“de baixa origem e réu de uma velha culpa”; vv. 104-106), Montano, atrasado por causa da enorme pança que o precede, e, depois dele, ainda Crispino (vv. 108-110), Fusco (vv. 111-112),

⁶⁵ De acordo com DE LABRIOLLE, P.; VILLENEUVE, F. *Juvénal, Satires...*, p. 37-38, não é impossível que Juvenal tivesse em mente, retomando-o ironicamente, o poema *De bello Germanico* de Estácio; esses estudiosos dizem que daquele poema perdido, um dos escólios publicadas por G. Valla (sobre Juvenal IV, 94) nos conservou quatro versos em que são nomeados Crispo, Veientão e Acílio; parece, pelo contexto da citação, que Estácio, sempre respeitoso em relação a Domiciano e seus preferidos, fez transparecer isso nas funções dos conselheiros do príncipe.

⁶⁶ O método da paródia literária usado por Juvenal foi introduzido na sátira romana por Lucílio, o qual, no primeiro livro das suas sátiras, representou os deuses deliberando sobre a morte de L. Cornélio Lêntulo Lupo, cf. COURTNEY, E. *A Commentary...*, p. 197.

Veientão (vv. 113) e Catulo (vv. 113-118). No fim prevalece a opinião de Montano: era necessária a construção, o mais rapidamente possível, de um prato gigantesco.

Juvenal termina a sátira reforçando mais uma vez a preocupação estúpida e frívola do imperador e fazendo uma breve reflexão:

*atque utinam his potius nugis tota illa dedisset
tempora saevitiae, claras quibus abstulit urbi
inlustresque animas impune et uindice nullo* (IV,150-152);

“E oxalá tivesse gasto, de preferência, nessas frivolidades, todo aquele tempo de crueldade durante o qual impunemente e sem nenhum vingador suprimiu à cidade almas famosas e distintas”.

Sátira V

Os assuntos tratados na quinta sátira⁶⁷ são o jantar, as relações sociais entre os habitantes de Roma, o contraste entre riqueza e pobreza, as amizades. Juvenal inicia-a procurando persuadir um certo Trébio a deixar a sua vida de cliente, com a descrição das humilhações que um cliente deve suportar quando o seu patrono o convida para jantar⁶⁸.

O poeta afirma que um convite para jantar é a única recompensa pelos serviços prestados ao patrono e, entretanto, a recompensa é esta:

qualis cena tamen!... (V, 24);

“em compensação que jantar!”.

Após esta exclamação, o autor começa a descrever o jantar nos seus mínimos detalhes, destacando a diferença tanto de qualidade das bebidas e da comida servidas ao patrão em relação às servidas ao

⁶⁷ Na bibliografia consultada, dizem respeito particularmente à quinta sátira: DUNBABIN, R. L. *Notes on Latin Authors...*; MORFORD, M. *Juvenal's Fifth Satire...*; VON S. BRADSHAW, A. T. *Glacie Aspersus maculis: Juvenal 5.104...*

⁶⁸ Segundo MORFORD, M. *Juvenal's Fifth Satire...*, p. 229, Juvenal, na composição da quinta sátira teria misturado duas correntes da tradição satírica. O tema do jantar seria derivado de Lucílio e Horácio, enquanto a importância do alimento como tema literário seria derivado do didático *Hedyphagetica* de Ênio e do *Peri Edesmaton* de Varrão.

cliente, como das atenções dispensadas a um e outro⁶⁹. O vinho que é servido a Trébio é um *uinum quod sucida nolit lana pati* (“um vinho que nem a lã crua suportaria”; vv. 24-25), enquanto, ao patrono Virrão, serve-se um vinho da época em que os cônsules ainda faziam a barba (*consule capillato*)⁷⁰. O autor acrescenta ironicamente: *non eadem uobis poni modo uina querebar: uos aliam potatis aquam* (“reclamava que a vós não eram servidos os mesmos vinhos: bebei uma outra água”; vv. 51-52). Virrão bebe em fiales, grandes copas revestidas de âmbar e cravejadas de berilos (v. 39), Trébio, ao contrário, bebe em um sórdido cálice com quatro bicos. Também são diferentes os escravos que servem o patrono daqueles que servem o cliente: de um lado, escravos caríssimos vindos da Ásia (*flos Asiae*); de outro, um batedor getúlico ou um negro da Mauritânia (v. 53). Inclusive o pão não é o mesmo: para o cliente, um pão mofado e duro; para o patrono, um pão macio e branco, fabricado com a melhor farinha (vv. 68-70).

Prosseguindo a descrição, Juvenal passa ao cardápio, evidenciando sempre a diferença entre as iguarias destinadas a Virrão e aquilo que é destinado a Trébio. Essa seção ocupa os versos 80-85. É interessante observar que o autor, quando se refere aos peixes servidos, faz mais uma vez uma denúncia do descuido dos homens em relação aos recursos naturais:

*et iam defecit nostrum mare, dum gula saeuit,
retibus adsiduis penitus scrutante macello
proxima, nec patimur Tyrrhenum crescere piscem* (V.94-96);

“e o nosso mar já está vazio, enquanto a gula se enfurece, com as contínuas redes o mercado vasculha até o fundo águas mais próximas, nem mesmo consentimos ao peixe engordar no Tirreno”.

Juvenal conclui que Virrão não age de tal forma por desejo de economizar, mas sim para ferir o cliente, não conferindo porém um papel de vítima a Trébio, que, mesmo assim, continua a participar desses jantares e, portanto, merece ser humilhado:

⁶⁹ O tema da disparidade entre o alimento servido ao anfitrião e aos convidados se encontra como assunto central em diversos epigramas de Marcial, cf. COURTNEY, E. *A Commentary...*, p. 231.

⁷⁰ Os antigos romanos não se barbeavam, hábito que iniciou-se após o ano 300 a. C., com a chegada dos sicilianos, Cf. PAOLI, U. *Vita romana...*, p. 200.

*ille sapit, qui te sic utitur. omnia ferre
si potes, et debes. pulsandum uertice raso
praebebis quandoque caput nec dura timebis
flagra pati, his epulis et tali dignus amico* (V, 170-173);

“Quem te trata dessa forma tem consciência que, se conseguires suportar todas essas coisas, então deves suportá-las. Um dia oferecerás a cabeça com a testa raspada para ser golpeada e não temerás suportar duros golpes de açoite: és digno deste banquete e de tal amigo”.

Sátira VI

A sexta⁷¹ é a mais longa dentre as sátiras de Juvenal. Dirigindo-se a um homem chamado Póstumo, tenta dissuadi-lo da sua intenção de casar-se⁷², censurando propriamente não a jovem, nem a prostituta, nem a liberta, mas sim a matrona.

Após um prólogo sobre a retirada da *Pudicitia* para os reinos superiores (vv. 1-20), o poeta exprime a sua surpresa diante do iminente casamento do amigo Póstumo. Na opinião do poeta, ao matrimônio é preferível o suicídio:

⁷¹ Na bibliografia consultada, dizem respeito particularmente a sexta sátira: BATTISTI, D. G. *La retorica della misoginia...*; BELLANDI, F.(cur.), *Giovenale, Contro le donne...*; CAMERON, A. *Notes on Juvenal...*; COLIN, J. *Les vendanges dionysiaques et la légende de Messaline (48 ap. J. C.)...*; COLTON, R. E. *Juvenal 6. 398-412, 6. 419-433 and Martial...*; COURTNEY, E. *Vivat ludatque Cinaedus...*; DURRY, M. *Cosmetae (Juvénal, VI, 477)...*; EDEN, P. T. *Iuvenalia...*; GALLO, C. *Fonti ed imitazioni della sesta satira di Giovenale...*; GIANGRANDE, G. *Juvenalian Emendations and Interpretations...*; GIL, J. *Juvenal, Sat. VI, 57ss...*; HARTMAN, J. J. *Ad Iuvenalis s. VI vs 660...*; KILLEEN, J. F. *Juvenal VI, 589...*; MORFORD, M. *A Note on Iuvenal 6. 627-61...*; NARDO, D. *Due note giovenaliane (6,401 e 460)...*; POCOCK, L. G. *Iuvenaliana...*; QUARTANA, M. *Giovenale, la sua satira e le donne...*; REEVE, M. D. *Gladiators in Juvenal's Sixth Satire...*; REINMUTH, O. W. *The Meaning of ceroma in Juvenal and Martial...*; SMITH, W. S. *Husband vs. Wife in Juvenal's Sixth Satire...*; TODD, F. A. *Some Cucurbitaceae in Latin Literature...*

⁷² Em relação a isso, D. Wiesen observa que Juvenal não odeia o casamento verdadeiro ou mulheres reais, mas detesta as paródias absurdas do casamento e as mulheres de sangue frio que ele vê nos círculos aristocráticos da Roma contemporânea; cf. WIESEN, D. *Juvenal's Moral Character...*, p. 471.

*ferre potes dominam saluis tot restibus ullam,
cum pateant altae caligantesque fenestrae,
cum tibi uicinum se praebeat Aemilius pons?* (VI,30-32);

“Tens a intenção de suportar uma patroa, quando tantas cordas estão disponíveis, tantas janelas altas e vertiginosas se abrem, quando, vizinha, a ponte Emília se oferece a ti”.

O poeta afirma ser impossível, naquele tempo, encontrar, em qualquer lugar que fosse, uma mulher casta, e, através de muitos *exempla*, começa a ilustrar sua afirmação: Hépia, mulher de um senador, deixa o marido e os filhos para acompanhar o amante gladiador (vv. 82-113); Messalina, esposa do imperador Cláudio, se prostituía em um lupanar (vv. 114-132); Censênia era considerada casta pelo marido por causa do dote que ela lhe tinha dado (vv. 136-141); Bíbula, com sua beleza, tinha transformado o marido em um escravo (vv. 142-160).

Segundo o poeta, nem mesmo o mais ínfimo dos vícios, como o desejo de exprimir-se em língua grega, deve ser tolerado pelo marido (vv. 184-199). Diversos tipos de mulheres são ali retratados: as que invadem o espaço profissional masculino, que defendem causas judiciárias ou que exercem a função de gladiadoras (vv. 242-267), e as que simulam o ciúme para ocultar a própria infidelidade (vv. 268-285). Até o verso 285, Juvenal apresenta aspectos e exemplos do comportamento feminino que deveriam impedir o homem de se casar. As razões oferecidas podem ser resumidas na falta de pudor, na insubordinação aos maridos e na ocupação de funções masculinas em alguns campos. Do verso 286 até o 351, o autor analisa as causas de tudo isso, servindo-se, na verdade, de um lugar comum da literatura latina, ou seja «o dinheiro que introduziu em Roma costumes estrangeiros» (VI,298-299)⁷³, para indicar a fonte de tanta depravação. Outras características das mulheres são posteriormente tratadas: a tendência aos mexericos (vv. 398-412); a falta de respeito às regras de hospitalidade (vv. 413-433); o desejo de mostrar-se culta e eloqüente diante de todos (vv. 434-456); o exagero no uso de cosméticos (vv. 456-473); a crueldade para

⁷³ «*prima peregrinos obscena pecunia mores
intulit...*» (VI, 298-299).

“o dinheiro introduziu as primeiras obscenidades, os costumes estrangeiros”

com os escravos e a obsessão com os cuidados de beleza (vv. 474-507). Em uma ampla seção, Juvenal aborda o problema das despesas excessivas impostas aos maridos, principalmente pela crença da mulher em absurdas práticas supersticiosas indicadas por charlatões (vv. 508-581). Mesmo as mulheres pobres, segundo o autor, teriam os seus humildes consultores (vv. 582-591). O contraste entre mulheres ricas e pobres introduz um novo assunto: as mulheres ricas evitam a gravidez com medicamentos que as tornam estéreis ou recorrendo a abortos e apresentam aos maridos filhos falsos como legítimos (vv. 592-609). Por fim o autor fala das mulheres que compram filtros mágicos, para produzir a demência dos maridos, e venenos com os quais matam os filhos da concubina, os enteados, os próprios maridos (vv. 610-633). Como conclusão, Juvenal compara os casos reais da atualidade com os da literatura e declara que as mulheres da tragédia cometiam monstruosidades semelhantes, conduzidas pelo ciúme e não pela simples ambição do dinheiro.

Sátira VII

A parte inicial da sátira⁷⁴ consiste em uma introdução que estabelece o tema geral, seguido por um grande número de *exempla*. Segundo Juvenal, o imperador⁷⁵ é a única esperança para os intelectuais:

et spes et ratio studiorum in Caesare tantum (VII,1);

“Tanto a esperança, como a motivação para as letras residem somente em César”.

⁷⁴ Na bibliografia consultada, dizem respeito particularmente à sétima sátira: ALLEN JR., W. *Ovid's Cantare and Cicero's Cantores Euphorionis...*; BRUGNOLI, G. *Il Dialogus e Giovenale...*; CLARKE, M. L. *Juvenal 7. 242-3...*; COLIN, J. *“Galerus” pièce d'armement du gladiateur ou coiffure de prêtre salien?...*; EDEN, P. T. *Iuvenalia...*; GRIFFITH, J. G. *Varia Iuvenaliana...*; HALKIN, L. *Sexta Quaque Die...*; HELMBOLD, W. C.; O'NEIL, E. N. *The Form and Purpose of Juvenal's Seventh Satire...*; MARTYN, J. R. C. *Juvenal on Latin Oratory...*; PEPE, L. *Questioni Adrianee...*; PERELLI, L. *Per una nuova interpretazione di Giovenale 7, 228-243...*; POCOCK, L. G. *Iuvenaliana...*; WIESEN, D. *Juvenal and the Intellectuals...*

⁷⁵ Sobre a questão da identificação desse imperador, leia-se o capítulo sobre a cronologia literária das *Satirae*.

Além do imperador, não se pode ter ajuda de nenhuma outra fonte, porque, da parte dos nobres que os deveriam patrocinar, os escritores recebem apenas elogios e nada mais:

*spes nulla ulterior, didicit iam diues amarus
tantum admirari, tantum laudare disertos* (VII,30-31);

“Nenhuma outra esperança; o rico avaro logo aprendeu somente a admirar, somente a elogiar os escritores”.

A isso segue uma exemplificação detalhada da triste condição dos poetas (vv. 36-97), e Juvenal argumenta que é difícil produzir obras literárias quando se tem de preocupar com a própria subsistência:

*quis locus ingenio, nisi cum se carmine solo
uexant et dominis Cirrhae Nysaeque feruntur
pectora uestra duas non admittentia curas?* (VII, 63-65);

“Que espaço para o talento, exceto quando a tua mente, que não admite dois pensamentos, é arrastada pelos senhores de Cirra e de Nisa e se atormenta somente com a poesia?”.

O autor recorda a tranqüilidade usufruída por Horácio e Virgílio, já que integravam o círculo literário de Mecenas, em comparação aos poetas do seu tempo. Para ele não basta a fama, que deve ser seguida por uma recompensa em valor:

*contentus fama iaceat Lucanus in hortis
marmoreis, at Serrano tenuique Saleio
gloria quantalibet quid erit, si gloria tantum est?* (VII,79-81);

“Satisfeito com a fama Lucano pode estar tranqüilo nos seus jardins de mármore, mas, para Serrano e o pobre Saleio, a que serve a glória, por maior que seja, se é somente glória?”.

A sua conclusão é que um poeta, malgrado a fama, às vezes é obrigado a vender as suas obras por causa da fome:

*curritur ad uocem iucundam et carmen amicae
Thebaidos, laetam cum fecit Statius urbem
promisitque diem: tanta dulcedine captos*

*adficit ille animos tantaque libidine uolgi
auditur. Sed cum fregit subsellia uersu
esurit, intactam Paridi nisi uendit Agauem* (VII,82-87);

“corre-se a ouvir a agradável voz e a poesia deleitante das Tebaidas, quando Estácio tornou a cidade alegre e anunciou o dia: ele impressionou os espíritos atraídos por tamanha doçura e com tanto prazer do público é ouvido. Mas, depois que fez quebrar os assentos com os seus versos, passa fome se não vende a Páris a sua Agave inédita”.

O autor prossegue comentando a situação dos historiadores (vv. 98-104), que também não recebem patrocínio adequado. Em seguida aborda a profissão dos causídicos, sempre do ponto de vista financeiro. Não obstante já se ter referido a essa classe em termos sarcásticos em outras sátiras, na sátira sétima Juvenal demonstra simpatia por essas pessoas que devem lutar pela sobrevivência, ironizando apenas os que, para conseguir clientes, demonstram uma situação de vida absolutamente diferente da realidade:

*[et tamen est illis hoc utile. purpura uendit]
causidicum uendunt amethystina; conuenit illi
et strepitu et facie maioris uiuere consus,
sed finem inpensae non seruat prodiga Roma* (VII,135-138);

“[contudo isto é útil àqueles. A púrpura enobrece] roupas da cor da ametista enobrecem um advogado; convém a ele viver em um clamor e em uma aparência de maior riqueza, mas, em gastos, a pródiga Roma não põe limite”.

O autor conclui que, em Roma, são as aparências que contam e ninguém contratará jamais os serviços de um advogado se esse não demonstra uma boa condição econômica (vv. 141-143).

Nos versos 150-214, é discutido o problema dos *rhetores*, cujos salários ninguém mais quer pagar, mesmo que todos exijam deles uma extrema competência: *nosse uolunt omnes, mercedem soluere nemo* (“todos desejam saber, ninguém deseja pagar”; v. 157). Os retores, na verdade, segundo o autor, além de terem que suportar o tédio indescritível dos exercícios escolares, devem ainda recorrer ao tribunal para obter sua exígua recompensa:

*...et uitae diuersum iter ingredietur
ad pugnam qui rhetorica descendit ab umbra,
summula ne pereat qua uilis tessera uenit
frumenti... (VII, 172-175);*

“e iniciará uma carreira diversa aquele que, da sombra da escola de retórica, desce à batalha, a fim de que não perca a ínfima soma com a qual adquire a tessera frumentária de pouco valor”.

Quando um interlocutor, diante da menção dessa condição de miséria dos retores, recorda a riqueza de Quintiliano, o poeta responde: *exempla nouorum fatorum transi* (“passa a exemplos de destinos mais singulares”; vv. 189-190). Daí o autor passa então a discorrer sobre a potência da *Fortuna* na vida de uma pessoa, para concluir:

*Si Fortuna uolet, fiet de rhetore consul;
si uolet haec eadem, fiet de consule rhetor (VII, 197-198);*

“Se a Fortuna quiser, tu, de retor, tornar-te-á cônsul; se ela igualmente quiser, de um cônsul fará um retor”.

O autor termina a seção confrontando o passado com o presente, um tempo em que os jovens chegam inclusive a surrarem os seus mestres. A última profissão a ser comentada na sátira é a dos gramáticos, que recebem um salário ainda inferior ao dos retores. Apesar disso, os pais exigem que seja dada aos filhos uma erudição incomensurável, além de um rigoroso controle disciplinar. Como recompensa, e só no fim do ano, o gramático recebe uma soma bastante menor que a dada a um auriga como prêmio cada vez que vence nas corridas do circo.

Satira VIII

A sátira oitava⁷⁶ é endereçada a um certo Pôntico, que seria, provavelmente, de uma família nobre. Nela, Juvenal discute a natureza da

⁷⁶ Na bibliografia consultada, dizem respeito particularmente à sátira oitava: DUNBABIN, R. L. *Notes on Latin Authors...*; EDEN, P. T. *Iuuenalia...*; FREDERICKS, S. C. *Rhetoric and Morality in Juvenal's 8th Satire...*; GRIFFITH, J. G. *Juvenal and stage-struck patricians...*; JONES, C. P. *Juvenal 8. 220...*; QUINCEY, J. H. *Juvenal Satire VIII 192-6...*

verdadeira nobreza⁷⁷, a qual, conforme a opinião do autor, deriva da *uirtus*, não do nascimento. O autor afirma que é pelo mérito pessoal e não por pertencer a uma família rica que uma pessoa deve desejar ser estimada:

*ergo ut miremur te, non tua, priuum aliquid da
quod possim titulis incidere praeter honores
quos illis damus ac dedimus, quibus omnia debes* (VIII, 68-70);

“Logo para que admiremos a ti e não aos teus bens, ofereça algo de próprio que eu possa inscrever nos epitáfios, além das honras que damos àqueles aos quais tudo deves”.

Pôntico deve estar preparado para suportar com os seus próprios méritos os encargos da administração de uma província (o que dá a oportunidade para Juvenal fazer uma longa digressão sobre o estado das províncias)⁷⁸. É interessante observar a ironia com a qual trata esse assunto, pois a depredação das províncias parece-lhe tão grande que nada mais teria restado para ser roubado:

*nunc sociis iuga pauca boum, grex paruus equarum,
et pater armenti capto eripietur agello,
ipsi deinde Lares, si quod spectabile signum* (VIII, 108-111);

“Agora, aos aliados, restam poucas juntas de bois, uma pequena tropa de éguas e, arrebatado à sua terrinha, será levado o pai do rebanho, depois os próprios Lares, se houver alguma bela estátua”.

O tema principal será retomado somente após o verso 131, quando Juvenal começa a comentar a degeneração de alguns membros da mais antiga nobreza, ilustrando tudo isso com seus consuetos exemplos.

⁷⁷ Courtney observa que nessa sátira, pela primeira vez, Juvenal mostra interesse em dar conselhos positivos e instruir Pôntico sobre o modo de agir, mas faz isso através de exemplos tão negativos que, na verdade, mostra-lhe como não se deve agir; cf. COURTNEY, E. *A Commentary...*, p. 383.

⁷⁸ Segundo Courtney, essa digressão desproporcional deve-se ao fato que Pôntico é uma pessoa real a quem, portanto, essa digressão seria importante, cf. COURTNEY, E. *A Commentary...*, p. 382.

Laterano, um cônsul de família importante, tem péssimos hábitos e convive com pessoas indignas da sua posição:

*...sed in magna legatum quaere popina:
inuenies aliquo cum percussore iacentem;
permixtum nautis et furibus ac fugitiuis,
inter carnes eces et fabros sandapilarum
et resupinati cessantia tympana galli.
aequa ibi libertas, communia pocula, lectus
non alius cuiquam, nec mensa remotior ulli* (VIII, 172-178);

...“mas, procura o governador da província em uma grande taberna, o encontrarás deitado em companhia de algum assassino, misturado aos marinheiros, ladrões e fugitivos, entre carrascos, fabricantes de padiolas e os tambores silenciosos de um gaulês escornado. Lá igual liberdade, copos comuns, o mesmo divã para cada um, nenhuma mesa mais afastada para alguém”.

Outro personagem é Damasipo, um nobre que, como um outro nobre denominado Lêntulo, se tornou um pantomimo:

*consumptis opibus uocem, Damasippe, locasti
sipario, clamosum ageres ut Phasma Catulli*⁷⁹.
*Laureolum uelox etiam bene Lentulus egit,
iudice me dignus uera cruce...* (VIII, 185-188);

“Consumidas todas as tuas riquezas, Damasipo, vendeste a tua voz ao teatro para recitar o barulhento *Fantasma* de Catulo. Também o rápido Lêntulo recitou bem o *Laureolo*, na minha opinião digno de ser realmente crucificado”.

Um outro exemplo é Graco, um nobre que luta como gladiador (vv. 193-210):

*dedecus urbis habes, nec murmillonis in armis
nec clipeo Gracchum pugnantem aut falce supina* (VIII, 200-201);

⁷⁹ Sobre a expressão *phasma Catulli*, cf. DE LABRIOLLE, P.; VILLENEUVE, F. *Juvénal, Satires...*, p. 109: dizem que nesse mimo, cujo autor era Catulo (cf. Tert., *Adv. Valent.*, 14), representava-se a crucificação de um bandido famoso chamado *Laureolus*; cf. Suet., *Cal.*, 57; Mart., *Spect.*, 7.

“tens a vergonha da cidade: um Graco que luta não com as armas de mirmilão, ou com a espada, ou com a foice recurva”.

Outros exemplos ainda são Nero, que matou sua mãe e sua mulher e que cantava nos palcos estrangeiros (vv. 211-230), e Catilina, também ele um nobre, que tentou incendiar Roma (vv. 231-235).

A tais exemplos, Juvenal contrapõe *exempla* de homens ilustres cuja fama é devida ao mérito pessoal: Cícero, *homo nouus*, que salvou Roma da conjuração do nobre Catilina (vv. 236-244); Mário, o qual, depois de uma juventude de muito trabalho, enfrentou os cimbrós e toda a gravidade da situação (vv. 245-253); os Décios, provenientes da plebe, que se consagraram aos deuses subterrâneos pela salvação da pátria (vv. 254-259); Sêrvio, mesmo se filho de uma escrava, foi o melhor dos reis de Roma (vv. 259-260); o último exemplo é um escravo, do qual Juvenal não menciona o nome⁸⁰, que denunciou a conjuração planejada pelos filhos do cônsul Bruto (vv. 261-268).

A conclusão é de que vale mais a virtude sem uma origem ilustre que uma origem ilustre sem virtude.

Satira IX

A nona⁸¹ é a única das sátiras de Juvenal que tem a forma de um verdadeiro diálogo. O poeta interpela um «pervertido» denominado Névoló, perguntando-lhe a causa da sua face triste e do seu aspecto exterior tão mal cuidado:

*Scire uelim quaere totiens mihi, Naeuole, tristis
ocurras fronte obducta ceu Marsya uictus* (IX, 1-2);

“Gostaria de saber, ó Névoló, por que razão, tantas vezes, tu te mostras triste, com a testa franzida, como Mársia derrotado”.

Névoló responde que mudou o seu modo de vida, mas que está passando por um momento difícil. Ele realmente se mostra como um

⁸⁰ DE LABRIOLLE, P.; VILLENEUVE, F. *Juvenal, Satires...*, p. 112, indicando Liv., 2, 5, 3, o identificam como Vindício.

⁸¹ Na bibliografia consultada, dizem respeito particularmente à nona sátira: EDEN, P. T. *Iuvenalia...*; HIGHET, G. *Notes on Juvenal...*

inocente magoado e não demonstra nenhum traço de sensibilidade moral em relação à sua profissão, a de prestador de serviços sexuais, na qual não vê nada de criticável. Para Névoló, o seu trabalho é como qualquer outro, um mero meio de subsistência. Seu lamento é não ser justamente recompensado pelos serviços prestados, porque o seu patrão, Virrão, é muito avarento. O cliente chega inclusive a perguntar-se:

quod tamen ulterius monstrum quam mollis auarus? (IX, 38);

“todavia o que pode haver de mais terrível do que um pederasta avaro?”.

Do verso 39 até o 89, Juvenal introduz um diálogo dentro do diálogo. Névoló reproduz uma discussão entre ele e o seu patrono, na qual recorda os diversos préstimos pelos quais não foi justamente recompensado. O poeta admite que o ressentimento de Névoló pode ser justificado, mas sentindo que o quadro apresentado é muito unilateral e muito parcial, pergunta-lhe como se justifica o patrono:

*...iusta doloris,
Naeuole, causa tui; contra tamen ille quid adfert?* (IX, 90-91);

...“é justa, Névoló, a causa da tua queixa; contudo o que ele alega?”.

A resposta é que o ignora e que procura um outro que desempenhe as suas funções. Juvenal, concluindo a sátira, para dissipar as preocupações de Névoló, afirma que não lhe há de faltar um *pathicus amicus* enquanto as colinas de Roma ainda estiverem sólidas e estáveis.

Satira X

O poeta abre a sátira⁸² afirmando que são poucos os homens capazes de distinguir os verdadeiros bens dos falsos (vv. 1-53). Cita o

⁸² Na bibliografia consultada, dizem respeito particularmente à décima sátira:: BARR, W. *Juvenal's Other Elephants...*; DUCHESNE, J. *Une petite comédie dans Juvénal, satire X...*; EDEN, P. T. *Iuvenalia...*; FISHELOW, D. *The Vanity of the Reader's Wishes: Rereading Juvenal's Satire 10...*; GIANGRANDE, G. *Juvenalian Emendations and Interpretations...*; KIDD, D. A. *Juvenal 1. 149*

exemplo de Longino, de Sêneca e dos Lateranos, que perderam a vida por terem incitado, com a sua riqueza, a inveja de Nero. Juvenal adverte àqueles que pedem aos deuses, em primeiro lugar, a riqueza que:

*...sed nulla aconita bibuntur
fictilibus; tunc illa time cum pocula sumes
gemmata et lato Setinum ardebit in auro* (X, 25-27);

“nenhum veneno é ingerido em copos de argila; suspeita, porém, quando beberes em copos ornados de pedras preciosas e o vinho de Sécia arder em uma rica taça de ouro”.

O autor afirma que são supérfluas e até mesmo perigosas as coisas que se pedem aos deuses, indicando uma série delas de conseqüências desastrosas, em uma longa seqüência de versos (vv. 56-345). Como sempre, ilustra com exemplos as suas afirmações.

O poder, como causa de ruína, é exemplificado por Sejano:

*Seianum; nam qui nimios optabat honores
et nimias poscebat opes, numerosa parabat
excelsae turris tabulata, unde altior esset
casus et impulsae praeceps inmane ruinae* (X, 104-107);

“Sejano, que na verdade desejava excessivos cargos honoríficos e excessivas riquezas, dispunha os andares de uma torre alta de onde fosse mais alta a queda e enorme o abismo da ruína provocada”.

Os perigos da eloqüência são demonstrados através dos destinos trágicos de Demóstenes e de Cícero (vv. 114-132). As conseqüências nefastas da glória militar são ilustradas por Haníbal, Alexandre e Xerxes (vv. 133-187). Àqueles que pedem aos deuses uma vida longa, Juvenal

and 10. 106-7...; LA FLEUR, R. A Note on Juvenal 10, 201...; LAUGHTON, E. Juvenal's Other Elephants...; LAWALL, G. Exempla and Theme in Juvenal's Tenth Satire...; NADEAU, J. Y. Ethiopians...; NUTTING, H. C. Three Notes on Juvenal...; POCOCK, L. G. Juvenaliana...; REBERT, H. F. The Literary Influence of Cicero on Juvenal...; REEVE, M. D. Seven Notes...; THOMSON, J. O. Madidis cantat quae sottratus alis...; TRIANTAPHYLLOPOULOS, J. Juvenal's other Elephants once again...

usa como argumento o exemplo de Nestor, Príamo e Pompeu (vv. 188-288): segundo o autor, quem vive muito deve tolerar, além das constantes doenças do corpo e da mente, também os funerais, a prisão, o exílio, as traições. Mesmo a beleza seria causa de infelicidade. Juvenal oferece como exemplos femininos Lucrecia e Virgínia, e, como exemplos masculinos, Hipólito, Endimião e Belorofonte (vv. 289-343).

Juvenal conclui a sátira afirmando que é melhor deixar aos deuses a decisão do que seja conveniente e útil ao interesse dos homens. E caso alguém deseje pedir alguma coisa a eles:

orandum est ut sit mens sana in corpore sano (X, 356);

“deve-se pedir que a mente seja sã em um corpo sã”.

Sátira XI

Essa sátira⁸³ reúne uma mistura de ataque à luxúria e à extravagância e de elogio à simplicidade na forma de um convite para um jantar. No início o poeta diz que, ao rico, é permitido oferecer grandes banquetes, mas para uma pessoa de poucos recursos isso seria uma verdadeira loucura e levaria à extrema pobreza:

*egregius cenat meliusque miserimus horum
et cito casurus iam perlucente ruina* (XI, 12-13);

“o mais miserável daqueles janta mais distintamente e melhor, e depressa há de cair em uma já iminente ruína”.

Segundo Juvenal, é necessário conhecer os próprios limites e a fórmula grega *gnôthi seautón* («conhece a ti mesmo») é uma máxima que deve ser sempre seguida.

Terminada a introdução, o autor se dirige a um tal Pérsico, dizendo que este pode atestar que ele realmente mantém, na sua vida e nos seus hábitos, a mesma sobriedade que recomenda aos outros:

⁸³ Na bibliografia consultada, dizem respeito particularmente à décima primeira sátira: GIANGRANDE, G. *Juvenalian Emendations and Interpretations...*; KELTON, K.; LEE, K. H. *The Theme of Juvenal's Eleventh Satire...*

*si laudem siliquas occultus ganeo, pultes
coram aliis dictem puero sed in aure placentas* (XI, 58-59);

“se elogiasse os legumes sendo um glutão secreto, se, na presença de outros, pedisse ao escravo papas de farinha mas no seu ouvido bolos”...

Então o poeta descreve a Pérsico, que lhe prometeu vir jantar, as iguarias que serão feitas com aquilo que o seu *ager tiburtinus* produz (vv. 65-76), associando a simplicidade da sua mesa e da sua casa com aquela dos primórdios dos tempos da República (vv. 77-119), quando as preocupações eram muito diferentes daquelas da época em que o autor escreve. O poeta adverte a Pérsico que não encontrará na sua casa nada da extravagância dos banquetes dos ricos (vv. 130-192): ele realmente não possui um *structor* da escola de Trífero, os seus cálices são comuns e pouco caros, os seus escravos são pouco experientes e o vinho é novo e produzido nas vizinhanças. O autor afirma que, como entretenimento, não irá oferecer nenhuma dança lasciva, mas recitações de versos de Homero e Virgílio. A conclusão (vv. 183-208) é uma exortação a Pérsico, a que se esqueça das preocupações cotidianas e se divirta tranqüilamente.

Sátira XII

Juvenal abre essa sátira⁸⁴ explicando a um certo Corvino o motivo pelo qual está indo oferecer duas ovelhas e um bezerro às três divindades capitulares, isto é, a Juno, Minerva e Júpiter. O sacrifício será feito em agradecimento aos deuses pela salvação de um caro amigo, chamado Catulo, que sobreviveu milagrosamente a uma terrível tempestade e a um sucessivo naufrágio. O poeta descreve os perigos enfrentados por Catulo, misturando ao caráter dramático da situação uma certa dose de ironia. À medida que elenca os diversos objetos lançados pelo amigo ao mar, Juvenal faz uma crítica à série de extravagâncias que, naquele tempo, tinham se tornado absolutamente uma exigência:

⁸⁴ Na bibliografia consultada, dizem respeito particularmente à décima segunda sátira: COLTON, R. E. *Echoes of Martial in Juvenal's Twelfth Satire...*; EDEN, P. T. *Juvenalia...*; GIANGRANDE, G. *Juvenalian Emendations and Interpretations...*; GRIFFITH, J. G. *A Gerundive in Juvenal...*; HIGHET, G. *Notes on Juvenal...*

*ille nec argentum dubitabat mittere, lances
Parthenio factas, urnae cratera capacem
et dignum sitiante Pholo uel coniuge Fusci* (XII, 43-45);

“ele não hesitava em lançar ao mar peças de prata, pratos feitos para Partênio, uma taça que tem capacidade de uma urna, digna do sedento Folo ou da esposa de Fusco”.

Retornando ao tema do sacrifício, o autor descreve os preparativos necessários, que são ordenados aos escravos. Terminada a cerimônia de acordo com os ritos sacros, deve retornar à casa para prestar homenagens aos deuses domésticos (vv. 83-92). Juvenal deixa claro que, nessa atitude, não existe nenhum interesse de recompensa futura:

*neu suspecta tibi sint haec, Coruine, Catullus
pro cuius reditu tot pono altaria, paruos
tres habet heredes...* (XII, 93-95);

“e que essas coisas não causem suspeitas a ti, Corvino: Catulo, em virtude de cujo retorno coloco vários altares, tem três herdeiros pequenos”.

O autor, então, introduz o tema da estima interessada dos caçadores de testamentos, os quais haveriam de prometer a um rico sem filhos uma hecatombe ou, se fosse possível, um elefante, ou mesmo uma filha, na esperança de se tornarem seus herdeiros.

Sátira XIII

Essa sátira⁸⁵ é endereçada a um homem chamado Calvino, a quem não foi restituída uma soma de dez mil sestércios que ele, em boa fé e sem testemunhas, tinha emprestado a um amigo. Os estudiosos Courtney e Morford⁸⁶ classificam-na como uma *consolatio*, mesmo não

⁸⁵ Na bibliografia consultada, dizem respeito particularmente à sétima sátira: ASTBURY, R. *The Date of Juvenal's Thirteenth Satire...*; BAILEY, D. R. S. *Seven Emendations...*; EDMUNDS, L. *Juvenal's Thirteenth Satire...*; MCGAN, M. J. *Juvenal's Ninth Age (13, 28ff)...*; MORFORD, M. *Juvenal's Thirteenth Satire...*; NUTTING, H. C. *Three Notes on Juvenal...*

⁸⁶ Cf. COURTNEY, E. *A Commentary...*, p. 533; MORFORD, M. *Juvenal's Thirteenth Satire...*, p. 26-36.

sendo comum que o tema da perda financeira seja motivo de consolação⁸⁷. O poema pode ser dividido em duas partes: na primeira, do verso 1 ao 173, é tratado o delito, a situação que causa a dor; na segunda, do verso 174 até o 249, a vingança e a tentativa de reduzir a dor.

A sátira se inicia com algumas reflexões morais que serão desenvolvidas posteriormente: quem pratica uma má ação é condenado por si mesmo e por todos os outros. O poeta recorda a Calvino que a sua perda não foi tão grande e que esse não teria motivo para se lamentar tanto, e lhe recomenda:

*ponamus nimios gemitus. flagrantior aequo
non debet dolor esse uiri nec uolnere maior* (XIII, 11-12);

“coloquemos de lado as lamentações excessivas. A dor de um homem não deve ser mais ardente do que o justo, nem maior do que a ferida”.

Tanto a sua idade quanto a sua experiência deveriam tê-lo já ensinado que é inútil esperar a honestidade dos homens uma vez que, com o declínio moral, é o honesto e não o desonesto a exceção. Juvenal emprega então, mais uma vez, o exemplo da época do reino de Saturno (vv. 40-59), para indicar a extrema diferença do comportamento atual, quando uma boa ação surpreende tanto quanto um prodígio (vv. 60-70).

No seu tempo domina o desprezo em relação aos deuses porque o dinheiro é mais forte do que o temor às divindades. A consequência disso é que, inclusive, os maus começam a não mais se preocupar com a punição divina, que deveriam receber por causa dos seus crimes:

*sunt in fortunae qui casibus omnia ponant
et nullo credant mundum rectore moueri*

⁸⁷ A *consolatio* era um gênero literário bastante desenvolvido, geralmente relacionado a ocasiões de exílio, de *interitus patriae*, de escravidão, de fraqueza, de cegueira, de todas as angústias que podem ser definidas como calamidades. Os *officia consolantium* deviam retirar completamente o motivo do sofrimento ou então sedar ou diminuir a sua ação, em modo que cessasse o sofrimento e que esse não se transferisse a outros; cf. CICERON, *Tusculanes*, III, V, (t.II), p. 47-48. COURTNEY, E. *A Commentary...*, p. 533, diz que o único exemplo paralelo que se pode fazer de consolação por perda financeira é Sêneca (*Epist.*,107) que consola Lucílio pela fuga dos seus escravos.

*natura uolente uices et lucis et anni,
atque ideo intrepidí quaecumque altaria tangunt* (XIII, 86-89);

“existem aqueles que atribuem todas as coisas aos acasos da sorte e acreditam que o mundo se move sem nenhum condutor, com a natureza que faz girar as mudanças não só do dia, como também do ano, e, assim, sem medo, tocam qualquer altar”.

A *consolatio* propriamente dita compreende os versos 120-173, nos quais o poeta compara o dolo sofrido por Calvino a outros delitos mais graves e o aconselha a conter sua ira uma vez que essa é inútil. O autor recrimina o desejo de vingança de Calvino e acrescenta que a ira é um sentimento típico de ignorantes, para os quais qualquer pretexto é motivo de fúria:

*nempe hoc indocti, quorum praecordia nullis
interdum aut leuibus uideas flagrantia causis
[quantulacumque adeo est occasio sufficit irae]* (XIII, 181-183);

“com certeza dizem isso os ignorantes, dos quais podes ver as entranhas que ardem por nenhuma razão ou algumas vezes por razões banais [pequena que seja a ocasião é suficiente para a ira]”.

Vingar-se, portanto, é inútil, pois a punição mais eficaz para um crime é aquela dada pela própria consciência:

*poena autem uehemens ac multo saeuior illis
quas et Caedicius grauis inuenit et Rhadamanthus,
nocte dieque suum gestare in pectore testem* (XIII, 196-198);

“uma pena por sua vez terrível e muito mais cruel do que aquelas que o severo Cedício e Radamanto inventaram, carregar dia e noite, no peito, a sua própria testemunha de acusação”.

Juvenal conclui dizendo que se a vítima não se contenta com tais argumentos, pode-se ainda ser acrescentado mais um, ou seja, o culpado, mais cedo ou mais tarde, reincidirá no mesmo delito e deverá suportar as sanções ao seu crime. Segundo M. Morford⁸⁸, são três os

⁸⁸ Cf. MORFORD, M. *Juvenal's Thirteenth Satire...*, p. 26-36.

propósitos de Juvenal nessa sátira: anunciar o seu novo comportamento diante da realidade, que se apresenta em todo o livro V; dar menos importância à excessiva *indignatio* individual; por último, demonstrar que a tradicional *consolatio* pode ser também um veículo para a ironia.

Sátira XIV

Na décima quarta sátira⁸⁹, endereçada a um tal Fuscino, personagem desconhecido como a maioria dos seus destinatários, Juvenal adota como tema as nefastas conseqüências provocadas pelos maus exemplos dos pais sobre os filhos. O autor afirma que os filhos tendem instintivamente a imitar os vícios dos pais e propõe inicialmente quatro exemplos para ilustrar esse fato: o pai que joga dados (4-5), o pai glutão (vv. 6-14), o pai cruel para com os escravos, representado por Rutilio (vv. 15-24), e, enfim, Larga, a mãe adúltera (vv. 25-30):

*sic natura iubet: uelocius et citius nos
corrumpunt uitiorum exempla domestica, magnis
cum subeant animos auctoribus...* (XIV, 31-33);

“Assim a natureza ordena: os exemplos dos vícios domésticos nos corrompem mais rapidamente, porque penetram nos espíritos com mais autoridade”.

Juvenal aconselha então aos pais que se abstenham de cometer qualquer ação desonrosa diante dos filhos (vv. 38-69). Ele afirma que será de grandíssima importância o modo como o filho será educado e orientado, citando dois exemplos nos quais os filhos não apenas imitaram os pais, mas inclusive ultrapassaram sua extravagância e superstição: o primeiro é o filho de um certo Cretônio, que se encarregou de dilapidar o restante da fortuna que o pai, um fanático construtor de mansões, não conseguiu gastar (vv. 89-95):

⁸⁹ Na bibliografia consultada, dizem respeito particularmente à décima quarta sátira: COLTON, R. E. *Echoes of Martial in Juvenal's Fourteenth Satire...*; D'AGOSTINO, V. *La satira XIV di Giovenale...*; O'NEIL, E. N. *The Structure of Juvenal's Fourteenth Satire...*; POCOOCK, L. G. *Iuvenaliana...*; STEIN, J. P. *The Unity and Scope of Juvenal's Fourteenth Satire...*

*...totam banc turbavit filius amens,
dum meliore novas attolit marmore uillas* (XIV, 94-95);

“o filho insano arruinou todo esse patrimônio erguendo novas casas com um mármore mais caro”;

o outro é um pai convertido ao judaísmo, cujo filho exagera na observação das regras do direito judaico (vv. 96-106)⁹⁰:

*sed pater in causa, cui septima quaeque fuit lux
ignava et partem uitae non attigit ulla* (XIV, 105-106);

“mas o culpado é o pai que dedica ao ócio todo o sétimo dia e não faz nenhuma atividade”.

Juvenal introduz um outro aspecto da educação dos filhos. Trata-se, diversamente dos dois exemplos citados, não da imitação dos vícios paternos, mas da deformação moral sistemática à qual um pai avarento acredita dever submeter o seu filho, ou seja, a avareza como virtude:

*nec dubie tamquam frugi laudetur avarus,
tamquam parcus homo et rerum tutela suarum* (XIV, 111-112);

“sem dúvida elogia-se o avaro como frugal, como homem parcimonioso e protetor dos seus próprios bens”;

*...quippe his crescunt patrimonia fabris
[sed crescunt quocumque modo maioraque fiunt]* (XIV, 116-117);

“certamente os patrimônios crescem para esses artesãos [mas crescem de qualquer maneira e tornam-se maiores]”.

O pai avaro ensina ao filho como economizar nas mínimas coisas e como aumentar o seu patrimônio por meio de certos artifícios (vv. 123-

⁹⁰ Segundo J. P. Cèbe, é necessário aguardar Juvenal para se encontrar na literatura latina caricaturas ligadas a essa religião; o desprezo de Juvenal pela religião judaica é, em parte, suscitado pela atitude anti-social dos judeus que recusam a integração na comunidade romana e defendem com teimosia as suas diversidades nacionais; cf. CÈBE, J. P. *La caricature et la parodie dans le monde romain antique, des origines a Juvénal...*, p. 249-250.

150). O autor contrapõe esse tipo de educação, dirigida unicamente ao aumento e preservação do patrimônio, aos conselhos de simplicidade dados aos filhos dos antigos romanos.

Para Juvenal os efeitos numa criança educada assim serão desastrosos. Tornando-se adulto, fará tudo para obter aquilo que o pai lhe ensinou ser o ideal da vida:

*...cum pectere barbam
coeperit et longae mucronem admittere cultri,
falsus erit testis, uendet periuria summa
exigua et Cereris tangens aramque pedemque
elatam iam crede nurum, si limina uestra
mortifera cum dote subit...* (XIV, 216-221);

“quando começar a pentear a barba comprida e a usar a ponta da navalha, dará falsos testamentos, venderá perjúrios por uma soma pequena, ainda que tocando o altar e o pé de Ceres. Tenha como certo a nora já morta, se ela entra na tua casa com um dote letal”.

Conseqüência maléfica de uma tal educação será ainda dever enfrentar os perigos na aquisição da riqueza (vv. 256-302) e a eterna preocupação com a sua preservação (vv. 303.316).

Juvenal conclui a sátira com um conselho sobre a justa medida da riqueza:

*...si quis me consulat, edam:
in quantum sitis atque fames et frigora poscunt,
quantum, Epicure, tibi paruis suffecit in hortis,
quantum Socratici ceperunt ante penates* (XIV, 317-320);

“se alguém me pergunta quanto de censo é suficiente, direi o quanto a sede, a fome e o frio exigirem; quanto, ó Epicuro, é suficiente para ti nos teus pequenos jardins; quanto recebeu antes a casa de Sócrates”.

Sátira XV

Essa sátira descreve um conflito entre os habitantes de duas cidades egípcias, Ombo e Tentira, que termina em um ato de canibalismo.

Juvenal, em primeiro lugar, comenta uma série de tabus egípcios. Os habitantes adoram um grande número de animais: o crocodilo, a íbis, o macaco, o gato, o cão, o peixe. A população se abstém da carne de

animais laníferos e divinizam inclusive o alho e a cebola, mas permitem que se coma a carne humana. O autor acrescenta que os episódios de canibalismo que se encontram na *Odisséia* podem suscitar a incredulidade, mas o exemplo narrado por ele é real e bem atestado.

A narração do episódio começa com a explicação da rivalidade entre aqueles dois povos vizinhos, causada pela diversidade dos deuses adorados por um e por outro. O poeta conta que se aproveitando de uma época de festividade, um daqueles dois povos atacou o outro. Seguiu-se uma rixa sangrenta que culminou na captura de um tentirita que, depois de ter sido cortado em pedaços, foi devorado pelos presentes.

Em seguida, contrapõe a esse ato um outro caso conhecido de canibalismo: aquele dos bascos que, durante a guerra, não tendo nada para comer, recorreram ao corpo dos homens mortos para sanar a fome. Segundo Juvenal, é grande a diferença entre os dois acontecimentos, uma vez que os bascos foram obrigados a agir daquela forma devido à grande fome, enquanto os egípcios não tinham nenhum motivo. E ele ainda acrescenta:

*nec poenam sceleri inuenies nec digna parabis
supplicia his populis in quorum mente pares sunt
et similes ira atque fames...* (XV, 129-131);

“não acharás uma pena para esse delito, nem arranjarás suplícios dignos para esses povos em cujas mentes são idênticas a raiva e a fome”.

Juvenal declara, enfim, que o criador do mundo deu ao homem *anima* e *animus*, o que faz com que os homens sejam diferentes dos animais. Todavia os homens tornam-se piores que os animais, pois esses, pelo menos, poupam os seus semelhantes.

Sátira XVI

Essa sátira⁹¹ não é completa. As explicações dadas em relação a esse problema, já anteriormente acenado, são ou a mutilação de

⁹¹ Na bibliografia consultada, dizem respeito particularmente à sátira décima sexta: COLLINS, S. T. *Notes on Juvenal, Apuleius, etc...*; DUNBABIN, R. L. *Notes on Latin Authors...*; ERCOLE, P. *La satira XVI di Giovenale...*

algum códice ancestral ou a morte do autor, que teria assim deixado a obra incompleta. Nessa sátira, Juvenal explica a Gálio quais são as vantagens da carreira militar⁹²:

*Quis numerare queat felicitis praemia, Galii,
militiae?... (XVI, 1-2);*

“Quem poderia enumerar, Gálio, as vantagens da compensadora vida militar?”

O poeta discute três vantagens. A primeira é o privilégio que têm os soldados de comparecer diante a um tribunal especial e unicamente militar, mesmo se tenham sido processados por causas civis (vv. 7-34):

*Bardaicus iudex datur haec punire uolenti
calceus et grandes magna ad subsellia surae (XVI, 13-14);*

“É designado como juiz a quem deseja denunciar esses crimes junto aos grandes tribunais alguém com um calçado bardaico e grossas barrigas na perna”.

A segunda é a precedência na observação das causas da qual gozam os militares, quando têm que levar qualquer problema diante de tribunais civis, enquanto os simples cidadãos devem suportar esperas intermináveis (vv. 35-50):

*Ast illis quos arma tegunt et balteus ambit
quod placitum est ipsis praestatur tempus agendi,
nec res atteritur longo sufflamine litis (XVI, 48-50);*

“por outro lado, àqueles que se cobrem de armas e usam o cinturão, o prazo da ação jurídica que mais lhes convém é estabelecido e não se perde um patrimônio pela grande demora do processo”.

⁹² Segundo Courtney, essa sátira pode demonstrar que Juvenal não tem nenhuma relação com o exército e portanto não pode ser identificado com aquele Juvenal que aparece na inscrição de Aquino; segundo o estudioso, o nosso Juvenal se identifica completamente com os civis; cf. COURTNEY, E. *A Commentary...*, p. 613.

A última vantagem é aquela de poder fazer testamento ainda que o próprio pai esteja vivo (vv. 51-60):

*solis praetera testandi militibus ius
uiu patre datur...* (XVI, 51-52);

“além disso, somente aos militares é dado o direito de fazer testamento, estando o pai vivo”.

4.2. A polêmica sobre a diferença de tons nas *Satirae*

Outra polêmica suscitada pelas sátiras de Juvenal é a crença de que a produção literária do autor possa ser dividida em duas partes: um período declamatório, marcado pela denúncia e pela indignação, e um outro período de tranquilidade e meditação. A explicação mais radical é aquela segundo a qual Juvenal não teria sido o autor de algumas sátiras. U. Knoche cita um estudioso, Ribbeck, que, em um livro intitulado *Der echte und der unechte Juvenal*, chega ao extremo de propor que as sátiras X, XII, XIII, XIV, XV e XVI seriam fruto de uma interpolação, porque a técnica de composição das mesmas não corresponde à do Juvenal indignado; mas, de acordo com Knoche, as conclusões radicais de Ribbeck não são absolutamente pertinentes⁹³.

Baseando-se na já mencionada teoria da *persona satirica*, W. Anderson propõe a existência de duas *personae* no corpus das sátiras: o satírico indignado das sátiras I-VI e o satírico que ri, das sátiras X-XVI, com os poemas intermediários servindo de transição. O estudioso crê existir um contraste fundamental entre o satírico indignado e o satírico que ri, e propõe ainda uma tese segundo a qual a sátira inicial de cada livro tem como função expor os respectivos objetivos programáticos: Juvenal teria anunciado, na sátira VII, uma mudança no programa da *indignatio* anunciado na sátira I; as sátiras VII, X e XIII,

⁹³ Cf. KNOCHE, U. *La satira romana...*, p. 175. A propósito do comentário de Ribbeck, F. Bellandi diz que curiosamente Ribbeck considera «juvenaliana» a sátira XI, uma das composições mais distantes da primitiva indignação e certamente mais próxima, pela temática geral e pelo tom, a Horácio e a uma certa problemática diatribica; cf. BELLANDI, F. *Etica diatribica...*, p. 45.

que iniciam, respectivamente, os livros III, IV e V, não poderiam fazer parte do comportamento indignado – *facit indignatio uersum* – adotado no livro primeiro e reafirmado no segundo⁹⁴.

Em um longo artigo intitulado *Anger in Juvenal and Seneca*, Anderson procura confirmar a própria tese comparando alguns lugares comuns do cinismo e do estoicismo sobre a ira, contidos no *De ira* e *De tranquillitate animi* de Sêneca, com alguns passos sobre Heráclito e Demócrito, presentes na sátira X. Os versos em questão (X, 28-53) apresentariam, segundo o estudioso, duas versões complementares da vida (o choro de Heráclito e o riso de Demócrito). Segundo Anderson seria Demócrito aquele que estaria mais de acordo com a nova posição satírica de Juvenal e o estudioso chega mesmo a denominá-lo «satírico democriteano»⁹⁵. A razão de Juvenal ter mudado totalmente o tom do poema e ter transformado a matéria da indignação em riso, ou seja, ter abandonado a sua precedente *persona* de satírico indignado e ter adotado o «satírico democriteano», teria sido resultado de alguma leitura de obras sobre o caráter nefasto da ira, tais como o *De ira* ou o *De tranquillitate animi* de Sêneca. O estudioso procura demonstrar a sua hipótese salientando que Juvenal apresenta um comportamento otimista na sátira VIII, usando pela primeira vez a forma mais tranqüila da epístola, com a dedicatória a um desconhecido Pôntico, chegando, inclusive, a tratar uma doutrina positiva: o significado da *nobilitas*⁹⁶.

M. Coffey critica a explicação de Anderson para a mudança do tom. Ele duvida de que uma tal mudança possa ser explicada como resultado da leitura de um tratado retórico sobre o tradicional tema da *borgé*, mesmo porque a mudança de estilo em um autor não pode ser atribuída a uma simples causa hipotética: Juvenal realmente, tendo escrito durante muitos anos, provavelmente teria se tornado sensível a uma larga variedade de influências. Segundo Coffey, o tema da sátira X é estabelecido já no início da mesma e Demócrito pareceria ter sido

⁹⁴ Cf. ANDERSON, W. S. *The Programs of Juvenal's Later Books...*, p.158 (= ID., *Essays on Roman Satire...*, p. 290).

⁹⁵ Cf. ANDERSON, W. S. *Anger in Juvenal and Seneca...*, p. 360.

⁹⁶ Sobre a discussão das hipóteses de Anderson e o seu desenvolvimento sob outros aspectos, é profícua a leitura de BRAUND, S. H. *Beyond Anger...*, p. 1-23; e FRUELUND JENSEN, B. *Crime, Vice and Retribution in Juvenal's Satires...*, p. 155-168.

introduzido mais como um exemplo acidental, sem relevância no contexto imediato⁹⁷.

G. Highet, com a costumeira tendência ao biografismo, acredita que essa evolução otimista de Juvenal se deva a uma nova esperança em um imperador como Adriano, o que explicaria também a mudança de tom das últimas sátiras, a passagem de um tom amargo, enérgico e combativo para o tom mais calmo, suave e resignado, que se deveria ao conformismo próprio da velhice. Daí, conclui ele que Juvenal era já velho quando escreveu essas sátiras⁹⁸.

F. Bellandi tenta uma explicação diferente para a questão: o Juvenal «democriteano» é apenas parcial e aparentemente oposto ao Juvenal da *indignatio*; seria a culminância de um processo de progressivo isolamento, que encontraria no livro III (sát. VII a IX) o seu momento crucial: o riso democriteano seria conseqüência da descoberta da inutilidade e da ineficácia da *indignatio*, incapaz de agir sobre a realidade externa, mesmo se inicialmente a sua direção fosse precisamente a do mundo real⁹⁹.

Retomando a análise de Bellandi sobre o significado dessa evolução, M. Citroni, em um primeiro momento, no seu *Musa pedestre*, afirma que a nova atitude de Juvenal como conselheiro condescendente, radicalmente oposta àquela de crítico e censor mordaz, não deveria ser analisada como evidência de uma inclinação ao otimismo, mas sim como prova de uma frustração que é reflexo de um ceticismo ainda mais amargo¹⁰⁰. Mas, em um outro estudo, publicado posteriormente, *Satira, epigramma, favola*, que integra o livro *La poesia latina*, o estudioso indica um outro motivo para a chamada «mudança de tom»: mera conseqüência de uma razão propriamente literária. Na sua

⁹⁷ Cf. COFFEY, M. *Roman Satire...*, p. 30.

⁹⁸ Cf. HIGHET, G. *Juvenal, the Satirist...*, p. 138.

⁹⁹ O estudioso diz ainda que constatada a impossibilidade de qualquer ação concreta, nada mais restaria senão a tentativa de conformar-se, com o gratificante envio do acerto de contas à ação da consciência que tudo nivela, provendo a punição dos culpados, exteriormente felizes, com as ânsias e remorsos, e premiando os justos, exteriormente marginalizados, com a sólida serenidade do sentimento do dever cumprido; cf. BELLANDI, F. *Etica diatribica...*, p. 66.

¹⁰⁰ Cf. CITRONI, M. *Musa pedestre...*, p. 334.

opinião, Juvenal, depois de ter percebido um certo esvaziamento da maneira indignada, teria experimentado uma forma expressiva nova, provavelmente influenciada por Horácio¹⁰¹.

Uma outra opinião é expressa por L. Duret, para quem Juvenal, depois de ter apresentado o lado pior de todas as coisas, procurando chamar a atenção do público, se esforça, em um segundo momento, em oferecer uma proposta educadora. Distantes da contradição e da incoerência, os dois estilos sucessivos se justificariam um em relação ao outro: seria o tom calmo que viria a dar um verdadeiro interesse aos anátemas do início e que permitiriam uma leitura que vai além das imprecisões estereis, e finalmente derrisórias, de quem se volta contra tudo¹⁰².

Todas essas opiniões nascem, em geral, de uma leitura em chave exclusivamente biográfica ou psicológica. No caso Highet e Bellandi, pressupõem uma mudança, para melhor ou pior, da situação pessoal do poeta; Highet chega a indicar influências suscitadas pelas modificações na cena política, advindas da ascensão de Adriano ao poder. Já em Citroni, ainda que ele afirme tratar-se de uma consideração meramente literária, permanece o evidente reconhecimento, da parte de Juvenal, de uma inadequação da sua forma anterior de produzir versos, e, provavelmente, tendo em mente Horácio, o poeta se inclinaria a uma nova forma epistolar.

Tendo escrito por um longo período de tempo, é lógico pensar que Juvenal, como todos os indivíduos envolvidos em um processo artístico, teria sido influenciado também pelo ambiente, pela sociedade e pela cultura do seu tempo. Portanto, não é completamente admissível deduzir, como Anderson, que tal mudança de atitude seja o resultado da simples leitura de tratados de Sêneca, principalmente porque atualmente são muitos os estudos que demonstram existir, na obra de Juvenal, influências

¹⁰¹ Cf. CITRONI, M. *Satira, epigramma, favola...*, p. 170; Essa interpretação é sustentada com uma eficácia particular por L. I. Lindo, o qual tenta demonstrar que quando a sua indignação e inspiração falharam, Juvenal experimentou outras técnicas, adotando finalmente temas e tratamentos muito semelhantes àqueles das *Epistulae* de Horácio; cf. LINDO, L. I. *The Evolution of Juvenal's Later Satires...*, p. 17-27.

¹⁰² Cf. DURET, L. *Juvenal réplique à Trebatius...*, p. 223.

da leitura de diversos autores¹⁰³, nenhum dos quais influenciando o satírico a ponto de mudar tão profundamente a sua poética.

Como a obra de um poeta é o produto de um processo de decodificação que ele opera sobre a sociedade e sobre a realidade, se esses fatores mudam com o tempo, muda, naturalmente, em lenta evolução, a personalidade do poeta, entendida como sua individualidade, sendo absolutamente natural encontrar uma evolução na poética de Juvenal. O que se pode observar, porém, é que tal mudança não é absolutamente linear, nem uma simples e voluntária passagem de um tom a outro. Mesmo admitindo que a sátira de Juvenal se torna menos amarga, não se pode afirmar que o poeta prescindia definitivamente, nas últimas sátiras, de elementos fortes de crítica à sociedade, que evocam a *indignatio* inicial. Também não se pode afirmar que o riso do satírico não se apresenta já nos primeiros livros. Antes de tudo, razões puramente literárias devem ser consideradas, as mudanças no tom não podendo ser consideradas definitivas, como realmente se pode constatar na retomada da *indignatio* na sátira XV, que se destaca do estilo mais manso e consolador das precedentes. Isso representa bem a persistência da *uariatio* característica da sátira, usada pelo poeta como lei do gênero e que lhe permite explorar profundamente as suas próprias capacidades, em uma contínua busca de expressividade. A complexidade expressiva dos poemas, certamente, deve ser associada a uma paralela complexidade da personalidade do satírico, mas interpretá-la como mero resultado das mudanças históricas ou

¹⁰³ Sobre influências literárias na obra de Juvenal, além daquelas de Lucílio, Horácio e Pérsio de que já se falou anteriormente, podem ser citados alguns estudos sobre influências: de Marcial: WILSON LANGFORD, H. *The Literary Influence of Martial upon Juvenal...*; MARACHE, R. *La revendication sociale chez Martial et Juvénal...*; COLTON, R. E. *Juvenal's second satire and Martial...*, *Echoes of Martial in Juvenal's Third Satire...*, *Juvenal* 6. 398-412, 6. 419-433 and *Martial...*, *Echoes of Martial in Juvenal's Twelfth Satire...*, *Echoes of Martial in Juvenal's Fourteenth Satire...*; de Cícero: REBERT, H. F. *The Literary Influence of Cicero on Juvenal...*; de Quintiliano: ANDERSON, W. S. *Juvenal and Quintilian...*; de Virgílio: JOLY, D. *Juvénal et les Géorgiques...*; de Estácio: BOWER, E. W. *Notes on Juvenal and Statius...*; de diversos autores: TOWNEND, G. B. *The Literary Substrata to Juvenal's Satires...*; HIGHET, G. *Juvenal's Bookcase...*

biográficas parece reduzir toda a produção do poeta a reação a causas externas, negando a própria validade do seu programa. Diante da falta de dados biográficos seguros, não se pode recair no excessivo biografismo e postular dados novos para interpretar uma mudança que não é absolutamente declarada e nem mesmo claramente definida pelo autor, sob o risco de desviar toda a discussão sobre as sátiras de Juvenal para as costumeiras e estéreis polêmicas que acrescentam pouco, ou nada, à compreensão da complexidade da obra e da própria personalidade do poeta.

Capítulo V

A repercussão da obra de Juvenal através dos tempos

Durante a sua vida, a poesia de Juvenal não foi mencionada por ninguém conhecido por nós. Não há sinal da influência do poeta sobre nenhum outro autor contemporâneo. Depois da sua morte, por um longo tempo o seu trabalho permaneceu no anonimato. Não há referências à sua obra em Frontão, Apuleio ou Aulo Gélío e nem em trabalhos de outros críticos ou gramáticos dos séculos II e III, tais como Júlio Romano, Nônio Marcelo, Festo, Carísio ou Diomedes.

Os primeiros leitores que demonstram uma certa admiração por Juvenal são os que divulgam o cristianismo. Tertuliano, que conhecia bem alguns escritores pagãos, inclusive Plínio, Tácito e Suetônio, contemporâneos de Juvenal, não menciona o nome do poeta, apesar de certas passagens de suas obras apresentarem perfeita identidade com versos das sátiras daquele. Depois de Tertuliano, segue-se um outro longo período de silêncio em relação ao satírico, sendo apenas no século IV, em Lactâncio, autor de um manual de educação cristã, que irá aparecer uma referência clara ao poeta, que é elogiado.

Em Ausônio encontra-se o primeiro exemplo de imitação em poesia da obra de Juvenal. Nesse sentido, o seu discípulo Paulino de Nola foi importante, por utilizar as *sententiae* contidas nas sátiras de

Juvenal em prol do cristianismo. Prudêncio, o principal poeta dos primórdios da literatura latina cristã, adaptou muitas das máximas de Juvenal. Tendo sido esquecido por décadas, os poemas de Juvenal começaram a interessar alguns leitores no século III e início do século IV, os quais faziam notas sobre pessoas mencionadas pelo poeta, sobre o significado de certos versos e palavras, que foram posteriormente reunidos em um comentário sobre as sátiras. Tanto Jerônimo como Agostinho, ainda que sem fazer menção direta ao poeta, demonstram conhecê-lo. Claudiano escreveu duas sátiras políticas contra membros do governo, imitando o espírito mordaz das sátiras juvenalianas.

Boécio, famoso pensador e escritor cristão do século VI, cita em um de seus livros, o *Consolatio Philosophiae*, um verso de Juvenal. O missionário irlandês Colombo conhecia algo sobre Juvenal, embora indiretamente, e também citou-o. Isidoro de Sevilha, em um livro cujo objetivo era preservar para as gerações futuras obras essenciais ao conhecimento, demonstra não conhecer Juvenal ou não compreendê-lo totalmente, pois explica que ele representa um novo tipo de comédia. Na obra monumental de Beda, o Venerável, aparecem poucos fragmentos das sátiras de Juvenal, embora o autor não revele um conhecimento real dos poemas.

Com o renascimento carolíngio, Juvenal foi novamente estudado, copiado e divulgado como um poeta de destaque. Depois de um período de vários séculos de esquecimento, o primeiro estudioso do qual é conhecida a dedicação especializada ao estudo das sátiras é Heiric de Auxerre. No seu poema mais importante, *Vitae Sancti Germani*, ele faz imitações e adaptações de Juvenal que mostram conhecimento de primeira mão. O interesse por Juvenal espalhou-se, quase que simultaneamente, da França ao norte da Itália. Poetas que passam a admirá-lo imitam os seus melhores efeitos, alguns sem fazer menção ao seu nome. Em 1086 Aimeric, que escreveu um livro no qual dividia a literatura em livros de ouro, de prata, etc., posiciona Juvenal entre os nove autores de ouro.

Com o séc. XII, verifica-se um novo renascimento cultural. A poesia tornou-se bilíngüe na Idade Média: falava-se latim, mas, principalmente, as línguas vernáculas, e começa-se a produzir poesia também nessas línguas, sendo a influência de Juvenal facilmente perceptível na nova poesia da Idade Média. Joseph de Exeter, que compôs um poema sobre a guerra de Tróia, e o seu contemporâneo William, o Bretão, autor de um poema épico sobre o conquistador

Felipe Augusto da França, buscaram inspiração nas sátiras. Reflexos das sátiras de Juvenal aparecem nas mais diferentes formas e nos mais diversos autores: Bernard de Morval, Walter Map, o monge Gilbert, Jean de Auberville, Walter de Châtillon. Entre os autores que escreveram em vernáculo, Juvenal era mais bem conhecido por Jean de Meun, autor do livro *Le roman de la rose*, que mistura filosofia e sátira e dirige ataques cruéis à vaidade e falsidade femininas. Além dele, podem ser citados Antonio Pucci e Wernher von Elmendorf. Verifica-se a influência de Juvenal em obras dos filósofos Bernard de Tours, John de Salsbury, Peter Cantor, Peter de Blois, Vincent de Beauvais e Roger Bacon. Em uma coleção de passagens selecionadas de pensadores clássicos, o *Moralium dogma philosophorum*, que se tornou o mais importante manual de ética da Idade Média, encontram-se vários versos de Juvenal. Também entre os historiadores, há muitos que se utilizaram das sátiras de Juvenal: J. Cosmos de Praga, Vicente de Cracóvia, William de Malmesbury, Matthew Paris.

Durante a Idade Média, quando alguns autores foram totalmente esquecidos, Juvenal, pelo contrário, figurava em todas as listas de boa literatura. É conhecido e utilizado por quatro escritores muito importantes: Dante, Petrarca, Bocaccio e Chaucer. Dante, apesar de demonstrar pouco conhecimento das sátiras, cita-o várias vezes: em *Convívio*, IV, 12, 8 e 29, 4, em que faz uma paráfrase do início da sátira VIII; em *Monarchia*, II, 3, 4 e na *Divina Comédia*, em que o coloca no Limbo, entre as almas imortais do mundo pagão. Para Petrarca, Juvenal era um clássico. Máximas contidas nas sátiras encontram-se tanto nos seus escritos públicos quanto pessoais. Bocaccio, além de mencioná-lo e expressar o seu respeito pelo satírico, imita-o em *Laberinto d'Amore* ou *Corbaccio*, escrito em prosa, em que muitas passagens são inspiradas na VI sátira de Juvenal. Também Chaucer, em *The Wife of Bath's Tale*, apresenta semelhanças com a VI sátira.

Os autores do Renascimento admiravam Juvenal. Durante os séculos XVII e XVIII, o satírico foi um dos mais importantes, mais amplamente lidos, mais influentes e mais bem conhecidos dentre os poetas clássicos.

Na França, Jean-Jacques Rousseau lia Juvenal, porque ele atacava a corrupção. Marat comparava as senhoritas levianas, os inúteis literatos, os orgulhosos ex-nobres de Paris aos romanos descritos por Juvenal nas sátiras VI, VII, VIII e XIII. Na Inglaterra, vários autores admiraram Juvenal. Wordsworth escreveu quase 200 linhas de uma

adaptação moderna da VIII sátira; Lord Byron admirava a atualidade das sátiras, citando-as em suas cartas, e, na sua tragédia *Sardanapalus*, há uma grande cena baseada na II sátira. Na Alemanha, Lessing conhecia bem Juvenal e, na sua comédia, aproveitou muitas das mulheres da sátira VI; Herder não só considerou os padrões morais de Juvenal, como o colocou acima de Horácio; reflexos de Juvenal também podem ser encontrados em Schiller e em Goethe.

Juvenal continua sendo estudado, citado e imitado no século XIX. Durante esse período, mais do que em qualquer outro, vários estudos e edições das sátiras foram produzidos. Em 1801, Ruperti elaborou um comentário detalhado, em latim, que ainda hoje é um instrumento valioso. Em 1819, Achaintre fez uma nova edição, seguida por diversas outras. É desse século a obra polêmica de Otto Ribbeck, *Der echte und der unechte Juvenal*, onde anuncia que um terço das sátiras são forjadas; além disso, propôs uma edição da qual retirou vários versos que não estariam de acordo com as idéias do verdadeiro Juvenal. Em 1851, Oto Jahn usou o redescoberto manuscrito *Pithou* como base para a primeira boa edição do texto das sátiras. Por cerca de cinquenta anos, após a edição de Jahn, editores tenderam a aceitar as lições do manuscrito *P* quase sem questionamento. Em 1905, A. E. Housman criticou a autoridade incontestável desse manuscrito, e a sua afirmação pôde ser sustentada pela descoberta acidental de um manuscrito na Biblioteca Bodleiana, que continha um dístico e uma passagem de trinta e quatro linhas da sátira VI, não existentes em nenhum outro texto conhecido. O debate sobre a autenticidade da autoria desses versos divide ainda hoje os estudiosos.

Pode-se afirmar que o último escritor a tomar emprestado os versos e as imagens das sátiras de Juvenal em larga escala foi Vítor Hugo. Em *Les châtimets*, as severas críticas direcionadas contra Napoleão III foram em parte inspiradas pela obra de Juvenal.

Além da influência que se pode verificar nas obras de grandes autores através dos tempos, às vezes, apenas no nível de simples locuções proverbiais, a presença de Juvenal pode ser evidenciada. Juntamente com Horácio, ele é um dos autores cujas máximas são as mais reproduzidas, até hoje, nas mais diversas situações. São criações suas expressões muito utilizadas na vida cotidiana, tais como *panem et circenses* e *mens sana in corpore sano*, ditas e ouvidas freqüentemente, ainda que muitos não saibam quem as criou.

BIBLIOGRAFIA

Edições, índices, comentários, traduções

- BARELLI, E. *Decimo Giunio Giovenale, Satire*, (introduzione di L. CANALI) Milano, 1960.
- CLAUSEN, W. V. *A Persi Flacci et D. Iunii Iuvenalis Saturae*, Oxford, 1988.
- COURTNEY, E. *A Commentary on the Satires of Juvenal*, London, 1980.
- DE LABRIOLLE, P.; VILLENEUVE, F. *Juvénal, Satires*, Paris, 1967.
- DUBROCARD, M. *Juvénal Satires, Index verborum relevés statistiques*, Hildesheim, 1976.
- DUFF, J. D. *D. Iunii Iuvenalis Saturae XIV*, Cambridge, 1898 (repr. with a new introduction by Michael COFFEY, 1970).
- FERGUSON, J. *Juvenal, The satires*, New York, 1992.
- FRASSINETTI, P.; DI SALVO, L. (cur.), *Satire di Aulo Persio Flacco e Decimo Giunio Giovenale*, Torino, 1979, p. 38-39.
- FRIEDLÄNDER, L. *D. Iunii Iuvenalis Saturarum Libri V*, 2 Bde., Leipzig 1895 (repr. Amsterdam 1962).
- HOUSMAN, A. E. *D. Iunii Iuvenalis Saturae*, Cambridge, 1938.
- KELLING, L.; SUSKIN, A. *Index Verborum Iuvenalis*, Chapel Hill, 1951.
- MARACHE, R. *Juvénal, Saturae III, IV, V*, Paris, 1965.
- MAYOR, J. E. B. *Thirteen Satires of Juvenal, with a Commentary*, 2 vol., London, 1901 (repr. em 1 vol, New York, 1979).
- PAOLICCHI, L. (cur.). *Persio - Giovenale, Le satire*, Roma, 1996.
- SEGURA RAMOS, B. *Juvenal, Sátiras*, Madrid, 1996.
- VIANSINO, G. (cur.). *Decimo Giunio Giovenale, Satire*, Milano, 1990.

Outras fontes consultadas

Diomedes. Artis Grammaticae libri III, GLK, I, p. 297-529.

Horatius Flaccus, Q., Opera (ed. BORZAK, S.), Leipzig, 1984.

Horatius Flaccus, Q., Opera (ed. SHACKLETON BAILEY, D. R.) Stuttgartiae, 1995.

Horace, Épitres (texte établi et traduit par VILLENEUVE, F.), Paris, 1955.

Lucilius, Satires, II (texte établi, traduit et annoté par CHARPIN, F.) Paris, 1979.

Iohannes Malalas, Chronographiae (Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae 31), (ed. DINDORF), Berolini, 1831.

Martial, Épigrammes, II, livres VII-XII (texte établi et traduit par H. J. IZAAC), Paris, 1961.

Quintilien, Institution Oratoire, 6, (livres X et XI, texte établi et traduit par COUSIN, J.), Paris, 1979.

Sidoine Apollinaire, Poèmes, I, texte établi et traduit par André LOYEN, Paris, 1960.

Suétone, Vies des douze Césars, texte établi et traduit par H. AILLOUD, Paris, 1931-1932.

Enciclopédias e outros instrumentos

ANRW - Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt, Geschichte und Kultur Roms im Spiegel der Neueren Forschung, Berlin-New York, 1972-.

CASTIGLIONI, L.; MARIOTTI, S. *Vocabolario della lingua latina*, Milano-Roma, 1966.

DAGR - DAREMBERG-SAGLIO, *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, Paris, 1877-1919.

Ernout-Meillet - ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*, Paris, 1959.

FORCELLINI, Ae. *Lexicon totius latinitatis*, Patavii, 1864-1926.

GLK - KEIL, H. (rec.), *Grammatici latini*, Hildesheim, 1961 (= Leipzig, 1857).

GRIMAL, P. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*, Paris, 1951.

MARTIN, F. *Les mots latins*, Paris, 1976.

MEISSNER, C. *Petit traité des synonymes latins*, [s.l.] 1932.

TL: *Thesaurus linguae latinae*, Lipsiae, 1900-.

CIL: *Corpus inscriptionum Latinarum*, Berolini, 1878-1936.

Estudos

ALBRECHT, M. von, *Storia della letteratura latina*, II, Torino, 1995.

ALFONSI, L. *Ancora sulla -militiae- dei poeti*, *Aevum*, 17, 1963, p. 527.

_____. *Le "Menippe" di Varrone*, *ANRW*, I, 3, p. 26-59.

ALLEN JR., W. *Ovid's Cantare and Cicero's Cantores Euphorionis*, *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, 103, 1972, p. 1-14.

ANDERSON, W. S. *Juvenal: Evidence on the Years a.d. 117-28*, *Classical Philology*, 50, 1955, p.255-257.

_____. *Juvenal 6: A Problem in Structure*, *Classical Philology*, 51, 1956, p. 73-94; também em ANDERSON, W. S. *Essays on Roman Satire*. p. 255-276.

_____. *Imagery in Satires of Horace and Juvenal*, *American Journal of Philology*, 81, 1960, p. 226-260.

_____. *Venusina Lucerna: The Horatian Model for Juvenal*, *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, 92, 1961, p. 1-12.

_____. *The Programs of Juvenal's Later Books*, ANDERSON, W. S. *Essays on Roman Satire...*, p. 277-292.

_____. *Anger in Juvenal and Seneca*, *University of California Publications in Classical Philology*, 19, 1964, p. 127-196, também em ANDERSON, W. S. *Essays on Roman Satire...*, p. 293-361.

_____. *Essays on Roman Satire*, Princeton, 1982.

ANDREAU, J. *Il liberto*, em GIARDINA, A.(cur.), *L'uomo romano...*, p. 187-213.

ASTBURY, R. *The Date of Juvenal's Thirteenth Satire*, *American Journal of Philology*, 98, 1977, p. 392-395.

AUERBACH, E. *Mimesis, Il realismo nella letteratura occidentale*, II vv., Torino, 1956.

AUSTIN, F. M. *Cacophony in Juvenal, Horace and Persius*, *American Journal of Philology*, 24, 1903, p. 452-455.

- BAILEY, D. R. S. *Seven Emendations*, *The Classical Review*, 9 (NS), 1959, p. 200-202.
- BALDWIN, B. *Cover-Names and Dead Victims in Juvenal*, *Athenaeum*, 45, 1967, p. 304-312; também em BALDWIN, B. *Studies on Greek and Roman History and Literature...*, p. 177-185.
- BALDWIN, B. *Three Characters in Juvenal*, *Classical World*, 66, 1972, p. 101-104; também em BALDWIN, B. *Studies on Greek and Roman History and Literature...*, p. 186-189.
- _____. *Juvenal 1. 155-7*, *Classical Quarterly*, 29, 1979, p. 162-164; também em BALDWIN, B. *Studies on Greek and Roman History and Literature...*, p. 196-198.
- _____. *Turnus the Satirist*, *Eranos*, 77, 1979, p. 57-60; também em BALDWIN, B. *Studies on Greek and Roman History and Literature...*, p. 199-202.
- _____. *Juvenal's Crispinus*, BALDWIN, B. *Studies on Greek and Roman History and Literature...*, p. 190-195.
- _____. *Studies on Greek and Roman History and Literature*, Amsterdam, 1985.
- BALSDON, J. P. V. D. *Panem et circenses*, *Hommages à Marcel Renard* (Collection Latomus 101), Bruxelles, 1969, p. 57-60.
- BARDON, H. *Les empereurs et les lettres latines d'Auguste à Hadrien*, Paris, 1968.
- _____. *A propos de Perse: morale et satire*, *Rivista di Cultura Classica e Medievale*, 18, 1976, p. 49-70.
- BARR, W. *Juvenal's Other Elephants*, *Latomus*, 32, 1973, p. 856-858.
- BARTHES, R. *La retorica antica*, *Alle origini del linguaggio letterario e delle tecniche di comunicazione*, Milano, 1994.
- BATTISTI, D. G. *La retorica della misoginia*, *La satira sesta di Giovenale*, Venosa, 1996.
- BAYET, J. *Littérature Latine*, Paris, 1965, 1996.
- BEAUJEU, J. *Le "mare rubrum" de Tacite et le problème de la chronologie des Annales*, *Revue des Études Latines*, 38, 1960, p. 200-235.
- _____. *La religion de Juvénal*, *Mélanges d'archéologie, d'épigraphie et d'histoire offerts à Jérôme Carcopino*, Paris, 1966, p. 71-81.
- BELLANDI, F. *Persio e la poetica del «semipaganus»*, *Maia*, 24, 1972, p. 317-341.

- BELLANDI, F. *Poetica dell'indignatio e sublime satirico in Giovenale, Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa* III, 1 (3^aS), 1973, p. 53-94.
- _____. *Giovenale e la degradazione della clientela (interpretazione della sat. VII), Dialoghi d'archeologia*, 8, 1974-1975, p. 384-437.
- BEAUJEU, J. *Naevolus cliens, Maia*, 26, 1974, p. 279-99.
- _____. *Etica diatribica e protesta sociale nelle satire di Giovenale*, Bologna, 1980.
- _____. (cur.), *Giovenale, Contro le donne (sat. VI)*, Venezia, 1995.
- BENARIO, H. W. *Tacitus and the Principate, The Classical Journal*, 60, 1964, p. 97-106.
- BERTMAN, S. *Fire Symbolism in Juvenal's First Satire, The Classical Journal*, 63, 1967, p. 265-266.
- BEST JR., E. E. *Martial's Readers in the Roman World, The Classical Journal*, 64, 1969, p. 208-212.
- BEVILACQUA, M. *Sulla storia della satira romana*, Roma, [s. d.].
- BOARDMAN, J.; GRIFFIN, J.; MURRAY, O. (ed.), *The Roman World, The Oxford History of the Classical World*, Oxford-New York, 1986.
- BODOH, J. J. *Artistic Control in the Satires of Juvenal, Aevum*, 44, 1970, p. 475-482.
- BOISSIER, G. *Juvénal et son temps, Revue des Deux Mondes*, 85, 1870, p. 141-174.
- BOWER, E. W. *Notes on Juvenal and Statius, The Classical Review*, 8 (NS), 1958, p. 9-11.
- BOYANCÉ, P. *A propos de la satira dramatique, Revue des Études Anciennes*, 34, 1932, p. 11-25.
- BRAMBLE, J. C. *Martial and Juvenal, KENNEY, E. J. (ed.), Cambridge History of Classical Literature*, II, Cambridge, 1982, p. 597-623.
- BRAUND, D. *Function and Dysfunction: Personal Patronage in Roman Imperialism, WALLACE-HADRILL, A. (ed.), Patronage in Ancient Society...*, p. 137-152.
- BRAUND, S. H. *Beyond Anger: A Study of Juvenal's third Book of Satires*, Cambridge, 1978.
- _____. *Juvenal 8.58-59, Classical Quarterly*, 31, 1981, p. 221-223.
- BRUGNOLI, G. *Il Dialogus e Giovenale, Rivista di Cultura Classica e Medievale*, 10, 1968, p. 252-259.

- BURGE, E. L. *Juvenal 3. 90-91*, *Classical Philology*, 61, 1966, p. 145-160.
- BUSCAROLI, C. *Persio studiato in rapporto a Orazio e Giovenale*, I, Imola, 1924.
- CAMERON, A. *Notes on Juvenal*, *The Classical Review*, 40, 1926, p. 62-63.
- CARCOPINO, J. *Passion et politique chez les Césars*, Paris, 1958.
- _____. *La vita quotidiana a Roma*, Bari, 1994
- CÈBE, J. P. *La caricature et la parodie dans le monde romain antique des origines a Juvénal*, Paris, 1966.
- CITRONI, M. *Musa Pedestre*, *Lo spazio Letterario di Roma Antica*, 1, p. 311 - 335, Roma, 1989.
- _____. *Satira, epigrama, favola*, MONTANARI, F. (cur.), *La poesia latina...*, p. 133-208.
- CIZEK, E. *Juvénal et certains problèmes de son temps: les deux exils du poète et leurs conséquences*, *Hermes* 105, 1977, p. 80-101.
- _____. *L'époque de Trajan, Circonstances politiques et problèmes idéologiques*, Paris, 1983.
- CLARKE, M. L. *Juvenal 7. 150-53*, *Classical Philology*, 63, 1968, p. 295-296.
- _____. *Juvenal 7. 242-3*, *The Classical Review*, 23 (NS), 1973, p. 12.
- CLASSEN, C. J. *Satire- The Elusive Genre*, *Symbolae Osloenses*, 63, 1988, p. 95-121.
- CLAUSEN, W. *Two Notes on Juvenal*, *The Classical Review*, 1 (NS), 1951, p. 73-74.
- CLOUD, D. *The Client-Patron Relationship: Emblem and Reality in Juvenal's first Book*, WALLACE-HADRILL, A. (ed.), *Patronage in Ancient Society...*, p. 205-218.
- CLOUD, J. D.; BRAUND, S. H. *Juvenal's libellus a farrago?*, *Greece and Rome*, 29, 1982, p. 77-85.
- COCCIA, M. *Per una rilettura della satira V di Giovenale*, *Storia, letteratura e arte a Roma nel secondo secolo dopo Cristo*, *Atti del convegno: Mantova 8-9-10 ottobre 1992* (Accademia Nazionale Virgiliana di Scienze e Arti, Miscellanea, 3), Firenze, 1995, p. 3-25.
- COFFEY, M. *Juvenal Report for the Years 1941-1961*, *Lustrum*, 8, 1963, p. 161-215.
- _____. *The Indignant Satirist*, *The Classical Review*, 15, 1965, p. 297-301.

- COFFEY, M. *Roman Satire*, London, 1989.
- COLBURN, G. B. *Juvenal I, 111*, *The Classical Journal*, 9, 1914, p. 177-179.
- COLIN, J. "Galerus" pièce d'armement du gladiateur ou coiffure de prêtre salien?, *Les Études Classiques*, 23, 1955, p. 409-415.
- _____. *Les vendanges dionysiaques et la légende de Messaline (48 ap. J. C.)*, *Les Études Classiques*, 24, 1956, p. 25-39.
- COLLINS, S. T. *Notes on Juvenal, Apuleius, etc.*, *Classical Quarterly*, 3, 1909, p. 279-280.
- COLTON, R. E. *Juvenal's second satire and Martial*, *Classical Journal*, 61, 1965, p. 68-71.
- _____. *Echoes of Martial in Juvenal's Third Satire*, *Traditio*, 22, 1966, p. 403-419.
- _____. *Juvenal and Martial on the Equestrian Order*, *Classical Journal*, 61, 1966, p. 157-159.
- _____. *Juvenal 6. 398-412, 6. 419-433 and Martial*, *Classica et Mediaevalia*, 31, 1970, p. 151-160.
- _____. *Echoes of Martial in Juvenal's Twelfth Satire*, *Latomus*, 31, 1972, p. 164-173.
- _____. *Echoes of Martial in Juvenal's Fourteenth Satire*, *Hermes*, 105, 1977, p. 234-246.
- CONSOLI, S. *La satira 2 di Giovenale nella tradizione della cultura sino alla fine del medio evo*, *Rivista di Filologia e d'Istruzione Classica*, 42, 1914, p. 209-248.
- _____. *La satira 9 di Giovenale nella tradizione della cultura sino alla fine del medio evo*, *Rivista di Filologia e d'Istruzione Classica*, 49, 1921, p. 79-97.
- CONTE, G. B. *Letteratura latina. Manuale storico dalle origini alla fine dell'impero romano*, Firenze, 1987.
- _____. *Generi e lettori*, Milano, 1991.
- COPLEY, F. O. *Juvenal, Sat. I, 147-150*, *American Journal of Philology*, 62, a941, p. 219-221.
- COURTNEY, E. *Vivat ludatque Cinaedus, Mnemosyne*, 15 (4^s), 1962, p. 262-266.

COUSIN, J. *Nature et mission du poète dans la poésie latine, Revue des cours et conférences*, 39 (vv. I et II), 1938, v. I p. 77-86, 558-672, v. II p. 261-270, 735-752.

CROCE, B. *Poesia antica e moderna*, Bari, 1950³.

CUMONT, F. *Trajan kosmokrator, Revue des Études Anciennes*, 42, 1940, p. 408-411.

D'AGOSTINO, V. *La satira XIV di Giovenale, Convivium*, 4, 1932, p. 227-244.

DAMSTÉ, P. H. *Juvenal Sat. 1, 85, Mnemosyne*, 42 (NS), 1914, p. 399-400.

D'ANNA, G. *Persio semipaganus, Rivista di Cultura Classica e Medioevale*, 6, 1964, p. 181-185.

DE DECKER, J. *Juvenalis Declamans, Étude sur la rhétorique déclamatoire dans les satires de Juvénal*, Gent, 1913.

DELLA CASA, A. *Mens sana in corpore sano, Maia*, 17, 1965, p. 78.

DENIAUX, E. *Un problème de clientèle: Marius et les Herentii, Philologus*, 117, 1973, p. 179-196.

_____. *Un exemple d'intervention politique: Cicéron et le dossier de Buthrote en 44 a.J.C., BAGB*, 2, 1975, p. 283-296.

_____. *Clientèles et pouvoir à l'époque de Cicéron* (Collection de l'École Française de Rome, 182), Rome, 1993.

DE ROBERTIS, F. M. *Il fenomeno associativo nel mondo romano, Dai collegi della Repubblica alle corporazioni del basso impero*, Napoli, 1955.

_____. *Sulla considerazione sociale del lavoro nel mondo romano, Economia e Storia* VI, 3 (Studi in onore del Prof. Vittorio Franchini), Milano, 1959, p. 304-320.

_____. *La nozione di lavoro nelle fonti romane, Studi in onore di Achille D. Giannini*, Milano, 1961, p. 495-505.

_____. *Lavoro e lavoratori nel mondo romano*, Bari, 1963.

DE SAINT-DENIS, E. *Essais sur le rire et le sourire des latins* (publications de l'Université de Dijon XXXII), Paris, 1965.

DIGGLE, J. *Juvenal 8.220, Classical Review*, 24, 1974, p. 183-184.

DILL, S. *Roman Society from Nero to Marcus Aurelius*, London, 1911.

DRUMMOND, A. *Early Roman clientes*, WALLACE-HADRILL, A. (ed.), *Patronage in Ancient Society...*, p. 89-115.

DUCHESNE, J. *Une petite comédie dans Juvénal, satire X, Les Études Classiques*, 2 (Hommage à M. le Chamoine E. Remy), 1933, p. 149-152.

- DUFF, J. W. *A Literary History of Rome in the Silver Age from Tiberius to Hadrian*, London, 1960.
- DUFF, L. W. *Roman Satire, Its Outlook on Social Life*, Cambridge 1937 (ripr. Hamden 1964).
- DUNBABIN, R. L. *Notes on Latin Authors*, *The Classical Review*, 39, 1925, p. 111-113.
- DUNCAN-JONES, R. *Structure and Scale in the Roman Economy*, Cambridge, 1990.
- DURET, L. *Juvénal réplique à Trebatius...*, *Revue des Études Latines*, 61, 1983, p. 201-226.
- DURRY, M. *Cosmetae (Juvénal, VI, 477), Hommages à Marcel Renard* (Collection Latomus 101), Bruxelles, 1969, p. 329-334.
- EDEN, P. T. *Iuvenalia*, *Mnemosyne*, 38 (4^aS), 1985, p. 334-352.
- _____. *Comments on Juvenal from Seneca and Others*, *Mnemosyne*, 40 (4^aS), 1987, p. 157-158.
- EDMUNDS, L. *Juvenal's Thirteenth Satire*, *Rheinisches Museum für Philologie*, 115, 1972, p. 59-73.
- EHRMAN, R. K. *Martial, De Spectaculis 8: Gladiator or Criminal?*, *Mnemosyne*, 40 (4^aS), 1987, p. 422-424.
- EICHHOLTZ, D. E. *The Art of Juvenal and His Tenth Satire*, *Greece and Rome*, 3, 1956, p. 61-69.
- ELLIOT, R. C. *The Definition of Satire, A Note on Method*, *Yearbook of Comparative and General Literature*, 11, 1962, p. 19-23.
- ELMORE, J. *«Recto Vultu» and «Recta Facie» in Juvenal*, *American Journal of Philology*, 46, 1925, p. 267-270.
- ERCOLE, P. *La cronologia delle satire di Giovenale*, *Rivista di Filologia e d'Istruzione classica*, 55, 1929, p. 184-207, 346-358 e 357-358.
- _____. *La satira XVI di Giovenale*, *Athenaeum*, N.S., 8, 1930, p. 346-360.
- FACCHINI TOSI, C. *«Arte allusiva» e semiologia dell'«Imitationstechnik»: la presenza di Orazio nella prima satira di Giovenale*, *Bollettino di Studi Latini*, 6, 1976, p. 3-29.
- FEDALI, P. *Letteratura latina*, Napoli, [s.d.] (1995).
- _____. *Introduzione a PAOLICCHI, L. (cur.), Persio - Giovenale, Le satire...*, p. VII-XX.

FELTON, K.; LEE, K. H. *The Theme of Juvenal's Eleventh Satire*, *Latomus*, 31, 1972, p. 1041-1046.

FINLEY, M. *The Ancient Economy*, Berkeley-Los Angeles, 1973.

_____. *Problemi e metodi di storia antica*, Bari, 1987.

FISHELOW, D. *The Vanity of the Reader's Wishes: Rereading Juvenal's Satire 10*, *American Journal of Philology*, 111, 1990, p. 370-382.

FLORES, E. *Origini e ceto di Giovenale e loro riflessi nella problematica sociale delle satire*, *Letteratura latina e società - Quattro ricerche*, Napoli, 1973, p. 43-76.

FREDERICKS, S. C. *Rhetoric and Morality in Juvenal's 8th Satire*, *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, 102, 1971, p. 111-132.

_____. *The Function of the Prologue (1.20) in the Organization of Juvenal's Third Satire*, *Phoenix*, 27, 1973, p. 62-67.

FREDRICKSMEYER, H. C. *An observation on the Programmatic Satires of Juvenal, Horace and Persius*, *Latomus*, 49, 1990, p. 792-800.

FRUELUND JENSEN, B. *Crime, Vice and Retribution in Juvenal's Satires*, *Classica et Mediaevalia*, 33, 1981-1982, p. 155-168.

_____. *Martyred and Beleaguered Virtue, Juvenal's Portrait of Umbricius*, *Classica et Mediaevalia*, 37, 1986, p. 185-197.

GAGÉ, J. *Les classes sociales dans l'empire romain*, Paris, 1964.

GALLO, C. *Fonti ed imitazioni della sesta satira di Giovenale*, *Orpheus*, 2, 1955, p. 76-82.

GARNSEY, P.; SALLER, R. *Storia sociale dell'impero romano*, Roma-Bari, 1997².

_____. WOOLF, G. *Patronage of the Rural Poor in the Roman World*, WALLACE-HADRILL, A. (ed.), *Patronage in Ancient Society...*, p. 153-170.

GAUDEMET, J. *Les institutions de l'Antiquité*, Paris, 1998.

GÉRARD, J. *Juvénal et les associations d'artistes grecs à Rome*, *Revue des Études Latines*, 48, 1970, p. 303-331.

_____. *Juvénal et la réalité contemporaine*, Paris, 1976.

GIANGRANDE, G. *Juvenalian Emendations and Interpretations*, *Eranos*, 63, 1965, p. 26-41.

GIARDINA, A.(cur.), *L'uomo romano*, Roma-Bari, 1989.

- GIL, J. *Juvenal, Sat. VI, 57ss, Emerita*, 26, 1958, p. 77-78.
- GRAZZINI, S. *Un poeta in soffitta: Nota a Iuv. 3, 200 3 ss, Maia*, 47, 1995.
- GRIFFITH, J. G. *Varia Iuvenaliana, The Classical Review*, 1 (NS), 1951, p. 138-142.
- _____. *A Gerundive in Juvenal, The Classical Review*, 10 (NS), 1960, p. 189-192.
- _____. *Juvenal and stage-struck patricians, Mnemosyne*, 15 (4thS), 1962, p. 256-261.
- _____. *The Ending of Juvenal's First Satire and Lucilius Book XXX, Hermes*, 98, 1970, p. 56-72.
- GUILLEMIN, A. M. *Pline et la vie littéraire de son temps*, Paris, 1929.
- _____. *Le public et la vie littéraire*, Paris, 1937.
- HALKIN, L. *Sexta Quaque Die, Les Études Classiques*, 1, 1932, p. 117-123.
- HAMMER, J. *Note sur Juvénal I, v. 74, Latomus*, 9, 1950, p. 48.
- HARRISON, E. *Juvenal I. 81-89, The Classical Review*, 51, 1937, p. 55-56.
- _____. *Neglected Hyperbole in Juvenal, The Classical Review*, 10 (NS), 1960, p. 99-101.
- _____. *Sur la disposition de l'original de Juvénal, Latomus*, 11, 1952, p. 334-337.
- HARTMAN, J. J. *Ad Iuvenalem I, 160, Mnemosyne*, 42 (NS), 1914, p. 100.
- _____. *De Iuvenalis satirae I vs 108, Mnemosyne*, 44 (NS), 1916, p. 213-218.
- _____. *Ad Iuvenalis s. VI vs 660, Mnemosyne*, 45 (NS), 1917, p. 337.
- HELLEGOUARC'H, J. *Les idées politiques et l'appartenance sociale de Juvénal, Studi in onore di Edoardo Volterra*, Milano, 1971, p. 233-245.
- HELMBOLD, W. C. *Atakta, Mnemosyne*, 1952 (4thS), p. 224-227.
- _____. *Juvenal's Twelfth Satire, Classical Philology*, 51, 1956, p. 14-23.
- _____. O'NEIL, E. N. *The Form and Purpose of Juvenal's Seventh Satire, Classical Philology*, 54, 1959, p. 100-108.
- _____. *The Structure of Juvenal IV, American Journal of Philology*, 77, 1956, p. 68-73.
- HENDRICKSON, G. L. *Satura tota nostra est, Classical Philology*, 22, 1927, p. 46-60.

HERRMANN, L. *Juvenaliana*, *Revue des Études Anciennes*, 42 (Mélanges d'Études Anciennes offerts à Georges Radet), 1940, p. 448-452.

HERRMANN, L. *Comment Quintilien a loué Juvénal*, *Latomus*, 11, 1952, p. 451-453.

_____. *Cluviaenus*, *Latomus*, 25, 1966, p. 258-264.

HIGHET, G. *The Life of Juvenal*, *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, 68, 1937, p. 480-506.

_____. *A Fight in the Desert, Juvenal 15 and a Modern Parallel*, *Classical Journal*, XLV, 1949, p. 94-96.

_____. *The Philosophy of Juvenal*, *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, 80, 1949, p. 254-270.

_____. *Juvenal's Bookcase*, *American Journal of Philology*, 72, 1951, p. 369-394.

_____. *Notes on Juvenal*, *The Classical Review*, 2 (NS), 1952, p. 70-71.

_____. *Juvenal, the Satirist*, Oxford, 1960².

_____. *The Anatomy of Satire*, Princeton, 1962.

_____. *Masks and Faces in Satire*, *Hermes*, 102, 1974, p. 321-337.

HIRST, G. *Juvenal III, 13-16*, *The Classical Review*, 38, 1924, p. 171.

_____. *Notes on Juvenal I, III, VI, X*, *American Journal of Philology*, 45, 1924, p. 276-283.

_____. *Martial II 14. 14-18*, *The Classical Review*, 64, 1950, p. 53.

HOUSMAN, A. E. *Tunica retiarii*, *The Classical Review*, 18, 1904, p. 395-398.

HUTCHINSON, G. O. *Latin Literature from Seneca to Juvenal*, Oxford, 1993.

IORILLO, R. J. *A Juvenalian Tweet?*, *The Classical World*, 67, 1973, p. 177.

JEFFERIS, J. D. *Juvenal and Religion*, *The Classical Journal*, 34, 1939, p. 229-233.

JOCELYN, H. D. *The Poems of Quintus Ennius*, *ANRW*, 1, 2, p. 987-1026.

JOLY, D. *Juvénal et les Géorgiques*, *Hommages à Jean Bayet* (Collection Latomus 70), p. 290-308.

JOHNSON, T, DANDEKER, Chr., *Patronage: Relation and System*, WALLACE-HADRILL, A. (ed.), *Patronage in Ancient Society...*, p. 219-241.

JONES, C. P. *Juvenal 8. 220*, *The Classical Review*, 22 (NS), 1972, p. 313.

- JONES, F. *A Note on Juvenal, sat. 7.86*, *The Classical Quarterly*, 31 n.s., 1981, p. 478-479.
- KELLS, J. H. *Two Notes on the Satires of Horace*, *The Classical Review*, 9 (NS), 1959, p. 202-205.
- KENNEY, E. J. *Juvenal: Satirist or Rhetorician?*, *Latomus*, 22, p. 704-720, 1963.
 _____. (ed.), *The Cambridge History of Classical Literature*, 2, Cambridge, 1982.
- KIDD, D. A. *Juvenal 1. 149 and 10. 106-7*, *Classical Quarterly*, 14, 1964, p. 103-108.
- KILLEEN, J. F. *Juvenal III, 33*, *Mnemosyne*, 12 (4^s), 1959, p.343.
 _____. *Juvenal VI, 589*, *Hermes*, 94, 1966, p. 119.
- KNOCHE, U. *La satira romana*, Brescia, 1969.
- LA FLEUR, R. *A Note on Juvenal 10, 201*, *American Journal of Philology*, 93, 1972, p. 598-600.
- LA PENNA, A. *Persio e le nuove vie della satira latina*, AULO PERSIO FLACCO, *Satire* (Trad. e note di E. BARELLI), Milano, 1998⁵, p. 5-78.
 _____. *Il programma poetico di Giovenale (con un riferimento a Propertio I,9)*, *Paideia*, 45, 1990, p. 239-275.
- LAUDIZI, G. *Aspetti sociali nelle satire di Giovenale*, *Studi di filologia e letteratura II*, Lecce, 1990.
- LAUGHTON, E. *Juvenal's Other Elephants*, *The Classical Review*, 5 (NS), 1956, p. 201.
- LAVAGNINI, B. *Motivi diatribici in Lucrezio e in Giovenale*, *Athenaeum*, 25, 1947, p. 83-88.
- LAWALL, G. *Exempla and Theme in Juvenal's tenth Satire*, *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, 89, 1958, p. 25-31.
- LE GALL, J. *La "nouvelle plébe" et la sportule quotidienne*, *Mélanges d'archéologie et d'histoire offerts à André Pignaiol* (ed. Raymond CHEVALIER), Paris, 1966, p. 1449-1453.
 _____. *Rome, ville de fainéants?*, *Revue des Études Latines*, 49, 1971, p. 226-277.
- LE GLAY, M.; VOISIN, J.-L.; LE BOHEC, Y. *Histoire romaine*, Paris, 1997.
- LE GOFF, J. *La nouvelle histoire*, Paris, 1988.

- LELIÈVRE, F. J. *Parody in Juvenal and T. S. Eliot*, *Classical Philology*, 53, 1958, p. 22-26.
- LELIÈVRE, F. J. *Juvenal: Two Possible Examples of Wordplay*, *Classical Philology*, 53, 1958, p. 241-242.
- LEVI, M. A. *Aspetti sociali della poesia di Giovenale*, *Studi in onore di Gino Funaioli*, Roma, 1965, p. 170-180.
- LIEBESCHUETZ, W. *The Theme of Liberty in the Agricola of Tacitus*, *Classical Quarterly*, 15, 1965, p. 121-125.
- LINDO, L. I. *The Evolution of Juvenal's Later Satires*, *Classical Philology*, 49, 1974, p. 17-27.
- LUCAS, H. *Martial's Kalendae Nataliciae*, *Classical Quarterly*, 32, 1938, p. 5-6.
- LUTZ, C. E. *Any Resemblance... Is Purely Coincidental*, *The Classic Journal*, 46, 3, 1950, p. 115-120.
- MACK, M. *The Muse of Satire*, *Yale Review*, 41, 1951-52, p. 80-92.
- MACKAY, L. A. *Notes on Juvenal*, *Classical Philology*, 53, 1958, p. 236-240.
- MACMULLEN, R. *Les rapports entre les classes sociales dans l'empire romain - 50 av. J.-C. -284 ap. J.-C.*, Paris, 1986.
- MAGDELAIN, A. *Remarques sur la société romaine archaïque*, *Revue des Études Anciennes*, 49, 1971.
- MANNING, C. E. *Stoicism and Slavery in the Roman Empire*, *ANRW*, II, 36, p. 1518-1543.
- MARACHE, R. *La revendication sociale chez Martial et Juvénal*, *Rivista di Cultura Classica e Medioevale*, 3, 1, 1961, p. 30-61.
- _____. *Rhétorique et humour chez Juvénal*, *Hommages à Jean Bayet* (Collection Latomus 70), Bruxelles, 1964, p. 474-478.
- _____. *Crime et épouvante dans les Satires de Juvénal*, *Hommages à Marcel Renard* (Collection Latomus 101), Bruxelles, 1969, p. 587-594.
- _____. *Juvénal et le client pauvre*, *Revue des études latines*, 58, 1981, p. 363-369.
- _____. *Juvénal - peintre de la société de sons temps*, *ANRW*, II, 33, 1, 1989, p. 550-639.
- MARCHESI, C. *Storia della letteratura latina*, II, Milano, 1940.
- MARMORALE, E. *Giovenale*, Bari, 1950.

- MAROUZEAU, J. *Traité de stylistique latine*, Paris, 1946.
- MARSHALL, A. J. *Friends of Roman People*, *American Journal of Philology*, 89, 1968, p. 39-55.
- MARTIN, R.; GAILLARD, J. *Les genres littéraires à Rome*, 2, Paris, 1981.
- MARTYN, J. R. C. *Juvenal on Latin Oratory*, *Hermes*, 92, 1964, p. 121-123.
- _____. "Satis Saturae?", *Mnemosyne*, 25, 1972, p. 157-167.
- _____. *Juvenal and ne quid nimis*, *Hermes*, 102, 1974, p. 338-345.
- _____. *Servius and Juvenal*, *Philologus*, 16, 1980, p. 325-326.
- _____. *Juvenal: a Farrago, A Collection of Articles on the Satires of Juvenal and on Roman Satire*, Amsterdam, 1996.
- MCCABE, K. *Was Juvenal a Structuralist? A Look at Anachronisms in Literary Criticism, Greece and Rome*, 33, 1986, p. 78-84.
- MCGANN, M. J. *Juvenal's Ninth Age (13, 28ff)*, *Hermes*, 96, 1968, p. 509-514.
- MERCHANT, F. I. *The Parentage of Juvenal*, *American Journal of Philology*, 22, 1901, p. 51-62.
- MEYER SPACKS, P. *Some Reflections on Satire*, *Genre*, 1, 1968, p. 13 - 30.
- MICHEL, A. *La date des satires: Juvénal, Héliodore et le tribun d'Arménie*, *Revue des Études Latines*, 41, 1963, p. 315-327.
- MOELLER, W. O. *Juvenal III 29-40 and 152-9*, *Mnemosyne*, 22 (4^s), 1969, p. 381-388.
- MONTANARI, F. (cur.), *La poesia latina*, Roma, 1991.
- MONTI, S. *I problemi dell'iscrizione «Giovenaliana» di Aquino (CIL X1 5382)*, *Rendiconti della Accademia di Archeologia Lettere e Belle Arti* (1965), XL n.s., Napoli, 1965, p. 79-110.
- MOORE, P. *Juvenal and the Orontes*, *The Classical World*, 69, 1976, p. 376-377.
- MORFORD, M. *A Note on Juvenal 6. 627-61*, *Classical Philology*, 67, 1972, p. 198.
- _____. *Juvenal's Thirteenth Satire*, *American Journal of Philology*, 94, 1973, p. 26-36.
- _____. *Juvenal's Fifth Satire*, *American Journal of Philology*, 98, 1977, p. 219-245.
- MOTTO, A. L.; CLARK, J. R. *Per iter tenebricosum: The Mythos of Juvenal 3*, *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, 96, 1965, p. 267-276.

- NADEAU, J. Y. *Ethiopians*, *Classical Quarterly*, 20, 1970, p. 339-349.
- _____. *Catullus' Sparrow, Martial, Juvenal and Ovid*, *Latomus*, 43, 1984, p. 861-868.
- NARDO, D. *Due note giovenaliene (6,401 e 460)*, *Rivista di Cultura Classica e Medievale*, 19, 1977, p. 535-540.
- NUTTING, H. C. *Three Notes on Juvenal*, *American Journal of Philology*, 49, 1928, p. 253-266.
- O'CONNOR, J. F. *Horace's Cena Nadidieni and Poetry's Feast*, *The Classical Journal*, 86, 1990, p. 23-34.
- O'NEIL, E. N. *The Structure of Juvenal's Fourteenth Satire*, *Classical Philology*, 55, 1960, p. 251-253.
- PALLOTTINO, M. *Le origini di Roma: considerazioni critiche sulle scoperte e sulle discussioni più recenti*, *ANRW*, I, 1, p. 22-47.
- PAOLI, U. E. *Vita romana, Usi, costumi, istituzioni, tradizioni*, Milano, 1990 (© Firenze, 1962).
- _____. *Vita romana, La vie quotidienne dans la Rome antique*, (Édition française revue et augmentée par Jacques REBERTAT), Paris, 1954.
- PARATORE, E. *Storia della letteratura latina*, Firenze, 1967.
- PARIBENI, R. *Traiano*, Roma, 1941.
- PASOLI, E. *Discussioni sulle idee letterarie dei poeti satirici romani*, *Bollettino di Studi Latini*, 2, 1972, p. 245-253.
- _____. *Tre poeti latini espressionisti: Properzio, Persio, Giovenale*, Roma, 1982.
- _____. *Attualità di Persio*, *ANRW*, II, 32, 3, 1989, p. 1813-1843.
- PEPE, L. *Questioni Adrianeae*, *Giornale Italiano di Filologia*, 14, 1961, p. 163-173.
- PEREIRA, M. H. R. *Estudos de história de cultura romana*, Lisboa, 1982.
- PERELLI, L. *Protesta sociale e poetica nelle satire di Giovenale*, Torino, 1972.
- _____. *Per una nuova interpretazione di Giovenale 7, 228-243*, *Maia*, 25, 1973, p. 107-112.
- PICHON, R. *Histoire de la littérature latine*, Paris, 1947, (De Iuvenali p. 623-642).
- PIERNAVIEJA, P. *Ludia: un terme sportif latin chez Juvénal et Martial*, *Latomus*, 31, 1972, p. 1037-1040.

- POCOCK, L. G. *Juvenaliana*, *American Journal of Philology*, 49, 1928, p. 74-79.
- POSANI, M. R. *Precisazioni critiche sulla poesia di Giovenale*, *Atene e Roma*, 11, 1943, p. 103-120.
- POWELL, J. G. F. *Juvenal I*, *The Classical Review*, 47 (NS), 1997, p. 302-305.
- PRINTUP, D. *The Personal Reference in the Satires of Horace*, *Classical Journal*, 11, 1915, p. 112-114.
- QUARTANA, M. *Giovenale, la sua satira e le donne*, *Atene e Roma*, 22, 1919, p. 198-214.
- QUINCEY, J. H. *Juvenal Satire VIII 192-6*, *Mnemosyne*, 12 (4^sS), 1959, p. 343.
- RAMAGE, E. S. *Juvenal and the Establishment. Denigration of Predecessor in the "Satires"*, *ANRW* II, 33, 1, p. 640-707.
- REBERT, H. F. *The Literary Influence of Cicero on Juvenal*, *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, 57, 1926, p. 181-194.
- REEKMANS, T. *Juvenal's View on Social Change*, *Ancient Society*, 2, 1971, p. 117-161.
- REEVE, M. D. *Seven Notes*, *The Classical Review*, 20 (NS), 1970, p. 134-136.
- _____. *Gladiators in Juvenal's Sixth Satire*, *The Classical Review*, 23 (NS), 1973, p. 124-125.
- REINMUTH, O. W. *The Meaning of ceroma in Juvenal and Martial*, *Phoenix*, 21, 1967, p. 191-195.
- RESCAGLIO, A. *Il dramma degli «umili» nella satira di Giovenale, il poeta della contraddizione*, Cremona, 1976.
- RICH, J. *Patronage and Interstate Relations in the Roman Republic*, WALLACE-HADRILL, A. (ed.), *Patronage in Ancient Society...*, p. 117-135.
- ROMANO, A. C. *Irony in Juvenal*, (Alteuropa-wissenschaftliche Texte und Studien, Bd. 7), Hildesheim - New York, 1979.
- RONNICK, M. V. *Form and Meaning of Juvenal's Satire*, *Maia*, 45, 1993, p. 7-10.
- ROSE, H. J. *Varia*, *The Classical Review*, 39, 1925, p. 175.
- ROSTAGNI, A. *Storia della letteratura latina*, III, Torino, 1964.
- RUDD, N. *Themes in Roman Satire*, London, 1986.
- _____, *Juvenal, The Satires*, Oxford, 1991 (with an introduction and notes by William BARR).

- SALLER, R. *Patronage and Friendship in Early Imperial Rome: Drawing the Distinction*, WALLACE-HADRILL, A. (ed.), *Patronage in Ancient Society...*, p. 49-62.
- SCHMID, P. *Juvénal: Essai d'une définition stylistique*, *Revue des Études Latines*, 42, 1964, p. 57-59.
- SCIVOLETTO, N. *Plinio il Giovane e Giovenale*, *Giornale italiano di filologia*, 10, 1957, p. 133-146.
- _____. *Presenza di Persio in Giovenale*, *Giornale italiano di filologia*, 16, 1963, p. 60-72.
- SEDEWICK, W. B. *The History of a Proverb*, *Classical Quarterly*, 21, 1927, p. 207.
- SERAFINI, A. *Studio sulla Satira di Giovenale*, Firenze, 1957.
- SMALLWOOD, E. M. *The Legislation of Hadrian and Antoninus Pius against Circumcision*, *Latomus*, 18, 1959, p. 334-347.
- SMITH, W. S. *Husband vs. Wife in Juvenal's Sixth Satire*, *The Classical World*, 73, 1980, p. 323-332.
- _____. *Heroic Models for the Sordid Present: Juvenal's View of Tragedy*, *ANRW* II, 33, 1, 1989, p. 811-823.
- SQUILLANTE SACCONI, M. *La poesia di Persio alla luce degli studi più recenti (1964-1983)*, *ANRW*, II, 32, 1989, p. 1781-1812.
- STARR, R. J. *Reading Aloud: Lectores and Roman Reading*, *The Classical Journal*, 86, 1991, p. 337-343.
- STEIN, J. P. *The Unity and Scope of Juvenal's Fourteenth Satire*, *Classical Philology*, 65, 1970, p. 34-36.
- STEPHENSON, H. M. *Difficulties in Juvenal*, *Classical Review*, 1, 1887, p. 243.
- STUART, C. E. *An Uncollated MS of Juvenal*, *Classical Quarterly*, 3, 1909, p. 1-7.
- SULLIVAN, J. P. *Martial's Sexual Attitudes*, *Philologus*, 123, 1979, p. 288-302.
- SYME, R. *La révolution romaine*, Paris, 1967.
- _____. *The Patria of Juvenal*, *Classical Philology*, 74, 1979, p. 1-15.
- _____. *Juvenal, Pliny, Tacitus*, *American Journal of Philology*, 100, 1979, p. 250-278.
- TANDOI, V. *Giovenale e il mecenatismo a Roma fra I e II secolo*, *Atene e Roma*, 13, 1968, p. 125-145.

- TANDOI, V. *Il ricordo di Stazio «Dolce Poeta» nella sat. Vii di Giovenale*, Maia, 21, 1969, p. 103-122.
- _____.; J. HELLEGOUARC'H. *Extraits des Satires* (ras.), *Atene e Roma*, 15 (NS), 1970, p. 194-201.
- TERZAGHI, N. *Per la storia della satira*, Messina, 1932.
- THÉBERT, Y. *Lo schiavo*, GIARDINA, A. (cur.), *L'uomo romano...*, p. 142-185.
- TODD, F. A. *Some Cucurbitaceae in Latin Literature*, *Classical Quarterly*, 37, 1943, p. 101-111.
- THOMSON, J. O. *Madidis cantat quae sottratus alis*, *The Classical Review*, 1 (NS), 1951, p. 3-4.
- TOWNEND, G. B. *Juvenal's Automedon*, *Hommages à Marcel Renard* (Collection Latomus 101), Bruxelles, 1969, p. 725-727.
- _____. *The Literary Substrata to Juvenal's Satires*, *Journal of Roman Studies*, 63, 1973, p. 148-160.
- TRIANANTAPHYLLOPOULOS, J. *Juvenal's other Elephants once again*, *Mnemosyne*, 11 (4^S), 1958, p.159.
- ULLMAN, B. L. *Psychological Foreshadowing in the Satires of Horace and Juvenal*, *American Journal of Philology*, 71, 1950, p. 408-416.
- VAL, P. *Nature et signification politique de l'oeuvre de Florus*, *Revue des Études Latines*. 42, 1966, p. 358-383.
- VAN WAGENINGEN, I. *Seneca et Iuvenalis*, *Mnemosyne*, 45 (NS), 1917, p. 417-429.
- _____. *Magni delator amici (Ad Iuv. I. 34)*, *Mnemosyne*, 47 (NS), 1919, p. 122-123.
- VAN ROOY, C. A. *Studies in Classical Satire and Related Literary Theory*, Leiden, 1965.
- VASSILEIOU, A. *Crispinus et les conseillers du prince (Juvénal, Satires, IV)*, *Latomus*, 43, 1984, p. 27-68.
- VEYNE, P. *Comment on écrit l'histoire*, Paris, 1971.
- _____. *L'Empire romain*, ARIÈS, Ph.; DUBY, G. (dir.), *Histoire de la vie privée*, Paris, 1985, p. 19-224.
- VON S. BRADSHAW, A. T. *Glacie Aspersus maculis: Iuvenal 5.104*, *Classical Quarterly*, 15, 1965, p. 121-125.
- WALLACE-HADRILL, A. (ed.). *Patronage in Ancient Society* (Leicester-Nottingham Studies in Ancient Society, I), London-New York, 1989.

WALLACE-HADRILL, A. (ed.). *Patronage in Roman Society: from Republic to Empire*, WALLACE-HADRILL, A. (ed.), *Patronage in Ancient Society...*, p. 63-87.

WATERS, K. H. *Traianus Domitiani continuator*, *American Journal of Philology* 90, 1969, p. 385-404.

WATSON, A. *Roman Private Law and the «Leges Regiae»*, *Journal of Roman Studies*, 62, 1972, p. 100-105.

WEBER, C. W. *Panem et circenses, La politica dei divertimenti di massa nell'antica Roma*, Milano, 1989.

WHITE, P. *Ecce iterum Crispinus*, *American Journal of Philology*, 95, 1974, p. 377-382.

WIESEN, D. *Juvenal's Moral Character, an Introduction*, *Latomus*, 22, 1963, p. 440-471.

_____. *Juvenal and the Blacks*, *Classica et Mediaevalia*, 31, 1970, p. 132-150.

_____. *Juvenal and the Intellectuals*, *Hermes*, 101, 1973, p. 464-483.

_____. *The Verbal Basis of Juvenal's Satiric Vision*, *ANRW*, 2, 33, 1, 1989, p. 709-733.

WILLIAMS, G. *Change and Decline - Roman Literature in the Early Empire*, Berkeley - Los Angeles, 1978.

WILSON LANGFORD, H. *The Literary Influence of Martial upon Juvenal*, *American Journal of Philology*, 19, 1898, p. 193-209.

WITKE, Ch. *Juvenal 3, an Eclogue for the Urban Poor*, *Hermes*, 90, 1962, p. 244-248.

_____. *Latin Satire - The Structure of Persuasion*, Leiden, 1970.

ZEHNACKER, H.; FREDOUILLE, J.-C. *Littérature latine*, Paris, 1993.

ISBN 85-87470-49-3



9 788587 470492